

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

MAGDA TEREZINHA BERMOND

**A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
NA *REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA* (1932-1952):
APROPRIAÇÕES DE ROUSSEAU, CLAPARÈDE
E DEWEY**

**BELO HORIZONTE
2007**

MAGDA TEREZINHA BERMOND

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA *REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA* (1932-1952): APROPRIAÇÕES DE ROUSSEAU, CLAPARÈDE E DEWEY

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago.

Co-orientador: Prof. Dr. Amarílio Ferreira Neto

BELO HORIZONTE

2007

B516e BERMOND, Magda Terezinha
 A educação física escolar na Revista de Educação Física (1932-
1952) : apropriações de Rousseau, Claparède e Dewey / Magda
Terezinha Bermond. - Belo Horizonte : UFMG/ FaE, 2007.
152 f.

Dissertação – Mestrado em Educação.

Orientador: Tarcísio Mauro Vago
Co-Orientador: Amarílio Ferreira Neto

1.Educação física – estudo e ensino. 2.Educação física –
Periódicos. II. Título. II. Vago, Tarcísio Mauro. III. Ferreira Neto,
Amarílio. IV. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade
de Educação.

CDD – 613.7

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG

MAGDA TEREZINHA BERMOND

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA *REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA* (1932-1952): APROPRIAÇÕES DE ROUSSEAU, CLAPARÈDE E DEWEY

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovada em 11 de setembro de 2007.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago
Universidade Federal de Minas Gerais
Orientador

Prof. Dr. Amarílio Ferreira Neto
Universidade Federal do Espírito Santo
Co-orientador

Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Andrea Moreno
Universidade Federal de Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

Tarcísio Mauro Vago, Amarílio Ferreira Neto, Silvana Ventorim, Omar Schneider, Wagner dos Santos, Rosianny Campos Berto, Kézia Rodrigues Nunes, Fernanda Neitzel, Adréa Brandão Locatelli, Rafaelle Flaiman Lauff, Ana Claudia Silvério Nascimento, André da Silva Melo, Felipe Carneiro, Felipe Rodrigues da Costa e Marcos Campos, muito obrigada pelas trocas acadêmicas, pela compreensão, pelo carinho e pela amizade.

À Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em especial aos professores, colegas de turma e funcionários do programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação, pela receptividade e oportunidade de realizar meu mestrado.

Aos integrantes do GEPHE, obrigada pelas trocas acadêmicas e pelo acolhimento durante o ano em que morei em Belo Horizonte.

Ao PROTEORIA sou muito grata pelo apoio que venho recebendo desde a graduação.

Papai, mamãe, Loura, Tibério e Giu, agradeço pelo apoio incondicional às minhas decisões e pela compreensão quanto às minhas ausências. AMO MUITO VOCÊS!

Ao CNPq pela concessão da bolsa de estudos.

RESUMO

Este estudo busca compreender, na *Revista de Educação Física*, no período que vai de 1932 a 1952, as relações estabelecidas entre propostas de práticas e conteúdos para as aulas de Educação Física escolar e concepções pedagógicas de Jean-Jacques Rousseau, Edouard Claparède e John Dewey. Para tanto, realiza dois movimentos: mapeamento da produção sobre Educação Física escolar na *Revista* e análise, nessa produção, de apropriações feitas pelos articulistas de concepções pedagógicas presentes nesses autores. Para alcançar esses objetivos, mobiliza as noções de *apropriação* e de *representação* presentes nas proposições de Roger Chartier. O mapeamento mostra que a Educação Física escolar, na *Revista*, incorporou conhecimentos de diferentes campos, como a Pedagogia, a Psicologia, a Antropometria, a Biotipologia e a Medicina, evidenciando um caráter multidisciplinar para a disciplina Educação Física no âmbito escolar. A análise sobre os articulistas indica que a Educação Física escolar foi produzida por autores militares de diferentes patentes, e também por civis, com diversas funções, como professores, inspetores de ensino e médicos. O cotejamento entre as obras de Jean-Jacques Rousseau, Edouard Claparède e John Dewey e os artigos sobre escola indica que suas concepções pedagógicas foram apropriadas pelos articulistas como suporte teórico na elaboração de propostas para o ensino da Educação Física na escola. Assim, a *Revista de Educação Física* constituiu uma das “portas de entrada” para a circulação de um ideário escolanovista na Educação Física brasileira, utilizada por seus editores/autores como *estratégia* (CERTEAU, 1994) para a consolidação do discurso da Educação Física como prática a ser inserida na escola, nesse período.

Palavras-chave: Periódicos. Educação Física escolar. Ideário escolanovista.

ABSTRACT

This study is an effort to understand on the *Physical Education Magazine* from 1932 to 1952, the relationship established between the proposal of practices and content oriented towards the classes of school Physical Education, and the pedagogical concepts of Jean - Jacques Rousseau, Edouard Claparède, and John Dewey. In order to achieve this purpose, two movements are made: the mapping out of the production of school Physical Education on the *Magazine*, and an analysis of this production, concerning the appropriations made by the theoreticians of pedagogical conceptions in the work of those authors. To achieve these objectives, there is a mobilization of the notions of *appropriation* and those of *representation*, as enunciated on Roger Chartier's proposals. The mapping out, shows that school Physical Education on the *Magazine*, incorporated knowledge from various areas, such as Pedagogy , Psychology, Anthropometry, Biotype, and Medicine, emphasizing a multidisciplinary characteristic for the discipline of Physical Education, as to what concerns the school environment. The analysis of these theoreticians, indicate that school Physical Education was produced by military authors from various patents, as well as civilians, with several functions, such as teachers, teaching inspectors, and doctors. The comparison between the works of Jean-Jacques Rousseau, Edouard Claparède and John Dewey, and the articles on school, indicate that their pedagogical conceptions were appropriated by the theoreticians as a theoretical support on the elaboration of proposals for the teaching of Physical Education in schools. Thus, the *Physical Education Magazine*, was one of the "opening doors" for the circulation of the *new school* ideas within the Brazilian Physical Education area, used by its editors/authors, as *strategy* (CERTEAU, 1994), for the consolidation of Physical Education as a practice to be inserted in schools, at this period.

Key-words: Periodical, school Physical Education, New-school ideas.

RÉSUMÉ

Cette étude a pour but la compréhension, dans la *Revista de Educação Física* (Revue d'Éducation Physique), dans la période qui va de 1932 jusqu'à 1952, des relations établies entre des propositions de pratiques et contenus pour les classes d'Éducation Physique écolière et des conceptions pédagogiques de Jean-Jacques Rousseau, Edouard Claparède et John Dewey. Pour cela, elle réalise deux mouvements: le suivi de la production à propos de l'Éducation Physique écolière dans la *Revista* et l'analyse, dans cette production, des appropriations faites par les auteurs d'articles des conceptions pédagogiques trouvées dans ces auteurs. Pour atteindre à ce but, elle mobilise les notions d'appropriations et de représentations trouvées dans les propositions de Roger Chartier. Le suivi montre que l'Éducation Physique écolière, dans la *Revista* a incorporé des connaissances des domaines différents tels que la Pédagogie, la Psychologie, l'Antropométrie, la Biotypologie et la Médecine, en mettant en relief un caractère multidisciplinaire pour la discipline Éducation Physique dans le milieu écolier. L'analyse des auteurs d'articles indique que l'Éducation Physique écolière a été produite par des auteurs militaires des grades différents et des civils qui avaient de diverses fonctions, comme celles de professeurs, inspecteurs d'enseignement ou médecins. Le confront entre les œuvres de Jean-Jacques Rousseau, Edouard Claparède et John Dewey et les articles sur l'école indiquent que ses conceptions pédagogiques ont été appropriées par les auteurs comme un support théorique dans l'élaboration des propositions pour l'enseignement d'Éducation Physique dans l'école. Ainsi, la *Revista de Educação Física* est devenue une des "portes d'entrée" pour la divulgation des idées de l'école nouvelle dans l'Éducation Physique brésilienne, utilisée par ses éditeurs/ auteurs, comme *stratégie* (CERTEAU, 1994) pour la consolidation du discours de l'Éducation Physique comme une pratique à être insérée à l'école, dans cette période.

Mots-clefs: Périodiques. Éducation Physique écolière. Idées de l'école nouvelle.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - N ^o de artigos publicados entre 1932 e 1952.....	39
Quadro 2 - N ^o . de exemplares (NE) e N ^o . de artigos publicados (NA) por ano; N ^o . total de exemplares e N ^o . total de artigos publicados durante a década de 1930.....	40
Quadro 3 - N ^o . de exemplares (NE) e N ^o . de artigos publicados (NA) por ano; N ^o . total de exemplares e N ^o . total de artigos publicados durante a década de 1940.....	41
Quadro 4 - N ^o . de exemplares (NE) e N ^o . de artigos publicados (NA) por ano; N ^o . total de exemplares e N ^o . total de artigos publicados entre 1950 e 1952.....	42
Quadro 5 - Assuntos recorrentes entre 1932 e 1952.....	43
Quadro 6 - Publicidade na <i>Revista</i> (1932-1939).....	43
Quadro 7 - Publicidade na <i>Revista</i> (1940-1949).....	45
Quadro 8 - Publicidade na <i>Revista</i> (1950-1952).....	45
Quadro 9 - Artigos sobre Educação Física escolar (1932-2007).....	47
Quadro 10 - Artigos sobre Educação Física escolar (1932-1952).....	48
Quadro 11 - Informações sobre os autores que escreveram artigos sobre Educação Física escolar entre 1932 e 1952.....	53

Quadro 12 - Autores nacionais citados nos artigos sobre Educação Física escolar.....	56
Quadro 13 - Obras nacionais (1932-1952).....	56
Quadro 14 - Autores estrangeiros mais citados nos artigos sobre Educação Física escolar (1932-1952).....	63
Quadro 15 - Autores estrangeiros e áreas na <i>Revista</i>.....	64
Quadro 16 - Obras estrangeiras.....	65
Quadro 17 - Artigos utilizados para as discussões sobre Rousseau, Claparède e Dewey.....	67
Quadro 18 - Programa para o Jardim de Infância.....	91
Quadro 19 - Programa para a Escola Primária.....	93
Quadro 20 - Programa para a Escola Secundária – sexo feminino.....	94
Quadro 21 - Programa para a Escola Secundária – sexo masculino.....	94
Quadro 22 - Programa para o Ensino Superior – sexo feminino.....	95
Quadro 23 - Programa para o Ensino Superior – sexo masculino.....	96

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Lição de Educação Física em forma de jogo.....	70
Figura 2 - Brincadeira em uma lição de Educação Física em forma de jogo.....	77
Figura 3 - Aula na Escola de Aplicação ao Ar Livre da Escola Superior de Educação Física de São Paulo.....	83
Figura 4 - Aula dada sob a forma de “conto-lição”.....	108
Figura 5 - Aula de Educação Física infantil.....	115
Figura 6 - Aula (lição) de Educação Física.....	118
Figura 7 - Brincadeira em grupo em uma aula de Educação Física.....	123

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
1 INTRODUÇÃO.....	21
1.1 Revistas pedagógicas e História da Educação.....	
1.2 A <i>Revista de Educação Física</i> na produção da historiografia da Educação Física brasileira.....	24
1.3 Outros usos da <i>Revista</i>	29
1.4 A criação da <i>Revista de Educação Física</i> pela Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx).....	34
2 A PRODUÇÃO MATERIAL E TEÓRICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA <i>REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA</i>	38
2.1 Um olhar sobre a materialidade da <i>Revista</i> (1932-1952).....	38
2.2 Mapeamento da produção sobre Educação Física escolar.....	47
2.3 Os autores nacionais referência.....	55
2.4 “Obras” nacionais.....	56
2.4.1 A presença de Fernando de Azevedo.....	57
2.4.2 <i>Educação e Pediatria, Pedagogia e Tratado de Psicologia da criança</i>	61
2.5 Os autores estrangeiros de referência.....	62
2.6 “Obras” estrangeiras.....	65
2.7 Sobre a produção da Educação Física escolar na <i>Revista</i>	65
3 JEAN-JACQUES ROUSSEAU E A EDUCAÇÃO: FÍSICA, INTELECTUAL E MORAL.....	68
3.1 Corpo são e forte: meio para o desenvolvimento do espírito.....	68
3.2 A “educação primeira” deveria ser “negativa”.....	74
3.3 Os sentidos são “as portas de entrada” para o conhecimento.....	78
3.4 Necessidade de conhecimento sobre a criança para “melhor educá-la”..	80
3.5 Corpo forte: física e moralmente.....	81
4 EDOUARD CLAPARÈDE: PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO FÍSICA.....	87
4.1 Jogos e interesses do educando.....	87
4.2 As “crises” do crescimento físico e o desenvolvimento mental.....	96
4.3 Necessidade de conhecimento da evolução dos interesses da criança na Educação Física infantil.....	103

5 JOHN DEWEY: PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO FÍSICA.....	110
5.1 A Pedagogia e a Educação Física.....	111
5.2 Jogos: viver, experimentar e aprender.....	117
5.3. Pedagogia na prática: formação de hábitos.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS.....	133
APÊNDICES.....	141
APÊNDICE A – Artigos sobre Educação Física escolar (décadas de 1960, 1970, 1980, 1990 e 2000).....	142
APÊNDICE B – Artigos sobre Educação Física escolar (décadas de 1930,1940 e 1950).....	148

APRESENTAÇÃO

O presente estudo é continuidade de um trabalho que começou durante minha graduação em Educação Física, na Universidade Federal do Espírito Santo, quando ingressei em um dos laboratórios existentes no curso, o Proteoria, um instituto de pesquisa que realiza estudos sobre História da Educação e da Educação Física, coordenado pelo professor Dr. Amarílio Ferreira Neto.

Entrei para o Proteoria como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica¹ (PIBIC - CNPq - UFES), por meio de um projeto que o professor Dr. Amarílio Ferreira Neto elaborou para analisar uma seção chamada *Lição de Educação Física*, que circulou na *Revista de Educação Física*, no período que vai de 1932 a 1957.

A *Revista de Educação Física* foi criada em maio de 1932, pela Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), com o propósito de divulgar o pensamento militar sobre a Educação Física no Brasil. Para Ferreira Neto (1999), a EsEFEx foi “obra” dos jovens cadetes da Escola Militar do Realengo, Rio de Janeiro, que, liderados pelo oficial Newton Cavalcanti, a partir de 1919, propuseram-se a trabalhar pela sistematização da Educação Física entre militares e civis (retornarei à discussão sobre o assunto no tópico Criação da *Revista de Educação Física* pela Escola de Educação Física do Exército – EsEFEx, na Introdução).

Essa seção trazia orientações e prescrições sobre como deveriam ser ministradas as aulas de Educação Física, ou seja, como as propostas pedagógicas dos militares, para a inserção da disciplina Educação Física na escola, foram transformadas em objetivos, conteúdos, metodologia, recursos físicos, materiais didáticos e avaliação.

Os resultados do trabalho realizado na iniciação científica indicaram que a seção *Lição de Educação Física* era dividida em lições de Educação Física para militares e as lições de Educação Física para escolares (civis). As lições de

¹ O estudo feito na iniciação científica encontra-se inserido em um projeto do Proteoria chamado *A constituição de teorias da Educação Física no Brasil: o debate em periódicos no século XX*, que tem como objetivo construir um itinerário de sistematização da(s) teoria(s) da Educação Física brasileira no Século XX, de modo a captar suas características científico-pedagógicas, tendo como referência sua inserção, limites e contribuições para a implantação e consolidação da Educação Física como componente curricular nas escolas do Brasil, a partir, principalmente, de fontes periódicas da área de Educação Física.

Educação Física para a tropa possuíam objetivos de caráter estritamente militar, ou seja, eram simulações de situações de combate visando à preparação para a guerra.

Nas lições que deveriam ser aplicadas à tropa, os conteúdos das aulas davam maior ênfase ao item “aplicações”, que correspondia às sete grandes famílias da lição: marchar; trepar, escaladas e equilíbrio; saltar; transportar e carregar; correr; lançar; atacar e defender-se. Os recursos físicos utilizados também estavam de acordo com os objetivos determinados. Assim, eram usados campos com obstáculos e cercas de arbustos. Observou-se, ainda, que os materiais, em parte, também eram de uso estritamente militar, como granadas e fuzis.

As lições recomendadas aos alunos das escolas civis deveriam ter como objetivos, dentre outros, o robustecimento do corpo, a educação respiratória e o ensino de bons hábitos. Seu conteúdo priorizava a utilização de jogos e brincadeiras. Eram ministradas em estádios e ginásios, e os materiais didáticos usados, em sua maioria, eram os que auxiliam nas brincadeiras, como cordas, por exemplo.²

A pesquisa de iniciação científica indicou, então, que havia no impresso uma divisão entre o ensino para os militares e aquele destinado às escolas civis. Essa divisão é materializada no periódico, numa seção destinada a orientações para a Educação Física militar, chamada *Lições de Aplicações Militares*, e em outra seção direcionada à orientação e às prescrições de práticas corporais nas aulas de Educação Física para a escola, denominada *Lição de Educação Física*.

Como dito, as orientações eram diferentes para os militares e para a escola, fato que ficou evidente na análise e comparação entre os objetivos, a metodologia, os materiais didáticos, os conteúdos, a avaliação e os recursos físicos prescritos para o uso no ensino militar e para o uso destinado ao ensino em escolas civis.

Com o término do trabalho da iniciação científica, continuei utilizando a *Revista*³ como fonte para escrever minha monografia de graduação, intitulada *Um olhar sobre as propostas dos militares do Exército para a Educação Física escolar na Revista de Educação Física (1932-1957)*. Após a investigação da seção *Lição de Educação Física*, tornou-se fundamental indagar quais teriam sido as bases teóricas

² Mais detalhes sobre a análise da seção *Lição de Educação Física* ver: BERMOND, Magda Terezinha; FERREIRA NETO, Amarílio. *Revista de Educação física: uma análise do processo de ensino na seção lição de educação física (1932-2002)*. In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 13., 2003, Vitória. **Caderno de Resumos...** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2003. p. 42.

³ Por vezes, utilizo o termo *Revista* ao me referir à *Revista de Educação Física*.

que deram suporte à elaboração de propostas pedagógicas postas em circulação nessa seção, cujo objetivo era orientar e/ou prescrever práticas corporais para os alunos das escolas civis. A investigação centrou-se, então, na busca de indícios, pistas, sinais (GINZBURG, 2002) de autores ou obras que teriam servido como referência teórico-pedagógica para os autores dos artigos.

Os vestígios encontrados na *Revista* indicavam que os articulistas tiveram como referência teórico-pedagógica autores como Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), Edouard Claparède (1873-1940) e John Dewey (1859-1952). Esses autores apareceram tanto nos artigos que discutiam questões relativas à Educação Física escolar, quanto em artigos direcionados a temáticas diversas, tais como: crianças, campos de jogos, colônias de férias, parques infantis, escotismo, dentre outros.

Com a realização da monografia, foi possível perceber que algumas concepções educacionais de John Dewey, como *interesse* e *experiência*, a concepção de *interesse* de Edouard Claparède, a idéia atribuída a Rousseau de que *o desenvolvimento físico é a base do desenvolvimento mental* e a idéia associada à Johann Heinrich Pestalozzi de que *os exercícios físicos não satisfazem apenas às necessidades físicas da criança, desenvolvem, além disso, a inteligência e a moral*, foram utilizadas pelos articulistas ao discutirem sobre a função do jogo na Educação Física.

Então, o objetivo passou a ser investigar as possíveis apropriações dos articulistas da *Revista de Educação Física* de idéias ou concepções pedagógicas de autores estrangeiros relacionados com o ideário escolanovista, como Jean-Jacques Rousseau, Johann Heinrich Pestalozzi, Edouard Claparède e John Dewey, nos artigos sobre Educação Física escolar, campos de jogos, colônias de férias e parques infantis.

Essa foi a idéia central do pré-projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, na sublinha de pesquisa “História da Educação”, coordenada pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação (GEPHE).

No mestrado, a proposta inicial de investigar as possíveis apropriações desses autores estrangeiros nos artigos sobre Educação Física escolar, campos de jogos, colônia de férias e parques infantis, foi alterada. Com objetivo de refinar a

análise, concentrei-me em investigar que prováveis apropriações desses autores foram feitas nos artigos que discutiam exclusivamente a Educação Física escolar.

Esta pesquisa encontra-se, então, alicerçada em dois movimentos: mapear a produção sobre Educação Física escolar na *Revista* e destacar, nessa produção, as possíveis apropriações de concepções pedagógicas de Jean-Jacques Rousseau, Edouard Claparède e John Dewey.

A justificativa para a análise desses autores estrangeiros está no fato de que eles foram os autores cujas idéias ou concepções foram utilizadas na *Revista* pelos articulistas que escreveram sobre Educação Física escolar, como referencial proveniente da Pedagogia que, nessa época, foi fortemente influenciada pela Psicologia.

Rousseau (1712-1778) não foi contemporâneo de Claparède (1873-1940) e de Dewey (1859-1952), entretanto os três são citados na *Revista* como representantes da concepção educacional que forneceria as bases pedagógicas de uma Educação Física “racional” e/ou “científica”.

Essa concepção educacional, na *Revista*, era proveniente de uma “pedagogia” ou “educação” representada como “moderna”, que se materializou no impresso nas expressões “educação moderna”, “escola ativa” e “escola moderna”.

Estou ciente de que essas expressões de forma alguma representaram, na História e historiografia da Educação brasileira, as mesmas idéias. Sei que o pensamento “escolanovista” foi apropriado de maneiras diferentes no Brasil e no mundo. Neste estudo, essas expressões, utilizadas pelos autores dos artigos analisados, representam as tentativas de inserção do ideário escolanovista na discussão sobre a Educação Física escolar, portanto a educação “nova”, “moderna” ou, ainda, denominada “ativa”, representa, principalmente, as idéias de uma escola centrada no aluno e do ensino “ativo” (prático) ao invés de “passivo”.

O recorte temporal estabelecido para esta investigação abrange o período que vai de 1932 a 1952. Em 1932, a *Revista* começa a circular (maio) e em 1952, foi localizado o último artigo – referente à Educação Física escolar – em que um dos autores selecionados para análise foi citado.

Ao propor a investigação de possíveis *apropriações* de algumas idéias desses autores pelos articulistas da *Revista*, procurei indicar formas de recepção e formas peculiares de invenção nas leituras feitas pelos autores dos artigos. Para o

entendimento de *apropriação*, utilizei, como referência, a noção elaborada por Roger Chartier (2002, p. 68):

A apropriação tal como a entendemos visa uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem. Dar assim atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, sustentam as operações de construção de sentido (na relação da leitura) mas também em muitas outras é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes que sejam filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas.

Roger Chartier sublinha que é preciso, então, pensar a história cultural como “[...] a análise do trabalho de *representação*, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou de um espaço” (CHARTIER, 1988, p. 27, grifo nosso).

As *representações*, para Chartier,⁴ encontram-se relacionadas com diferentes grupos e estão sempre colocadas “[...] num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” ou de *lutas de representação* (CHARTIER, 1988, p. 17).

Assim, as percepções do social, de acordo com Chartier (1988, p. 17),

[...] não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as escolhas e condutas.

Desse modo, Roger Chartier (1988) ressalta a necessidade de se relacionar os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. Neste caso, tomarei a *Revista de Educação Física* como suporte material de *representações* que seus

⁴ A noção de *representação*, para Roger Chartier (1988, p. 23), permite articular “[...] três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade”.

produtores/autores fizeram circular a fim de legitimar seu discurso acerca daquilo que eles tinham como Educação Física escolar.

Com relação ao *corpus documental*, é preciso esclarecer que tomei como critério observar e mapear artigos que tinham destinação escolar, escritos “sobre a” e “para a” Educação Física realizada no âmbito da escola.

Percebi que havia dois pilares na *Revista* que sustentavam as discussões a respeito do tema Educação Física escolar: um deles refere-se aos artigos que apresentavam propostas de práticas corporais para a Educação Física na escola; e o outro, aos artigos que discutiam questões teóricas sobre essa disciplina.

Os artigos com propostas de práticas para as aulas de Educação Física na escola, selecionados para a análise, foram: a) seção Lição de Educação Física, que apresentava modelos de aulas de Educação Física; b) dramatizações, modelos de aula que deveriam ser dadas mesclando exercícios do método francês com teatro; c) ginástica historiada, roteiro de aulas de Educação Física com a introdução de histórias contadas pelo professor; d) artigos sobre método francês; e) artigos sobre jogos, que apresentavam tipos de jogos e como jogá-los; f) seção Educação Física Infantil: lições de Educação Física infantil que apresentavam exemplos de aulas que deveriam ser dadas sob a forma de jogos.

Dentre os textos que discutiam as questões teóricas relativas à educação Física escolar, foram localizados artigos sobre: a) conferências e congressos sobre Educação e Educação Física; b) artigos cujos objetivos eram orientar as práticas educativas de instrutores e monitores de Educação Física; c) “notícias sobre” a Educação Física nos Estados, que “davam notícias” sobre desenvolvimento da Educação Física escolar em alguns Estados brasileiros; d) legislação referente à Educação Física escolar; e) relatos de experiências com Educação Física escolar, artigos em que os autores/professores descreviam suas experiências em relação às aulas de Educação Física nas escolas; f) Educação Física e esportes na escola; g) Educação e Educação Física; h) Psicologia e Educação Física; i) Pedagogia e Educação Física; j) Medicina e Educação Física; k) Educação Física preventiva ou corretiva; l) Biometria; m) Antropometria; n) Biotipologia e o) Fisiologia.

Quanto ao mapeamento das obras de referência, após a seleção dos artigos, é preciso mencionar as dificuldades encontradas na realização dessa tarefa. A maioria dos artigos não apresenta as fontes utilizadas por seu autor quando da sua produção.

Assim, muitas vezes, os autores dos artigos mencionavam um determinado autor sem indicar a obra da qual haviam “retirado” a citação ou, em outros casos, citavam idéias oriundas da publicação de algum autor de referência – principalmente autores estrangeiros – sem fazer qualquer menção à obra de origem.

No entanto, ao filtrar a análise, restringindo-a a autores estrangeiros relacionados com a Pedagogia e a Psicologia percebi que o universo de autores que obedecia a esses critérios não era grande e que havia uma *circularidade cultural*⁵ na apresentação de algumas idéias desses autores, sendo possível percebê-las, mesmo quando seus autores ou obras não foram explicitamente mencionados no texto.

A prática dos autores dos artigos de não fazer menção às fontes pode ser atribuída a um costume que antecede o período dessa investigação, mas, ao que os vestígios indicam, se estende, pelo menos, durante as décadas de 1930 e 1940 – a partir de 1950, observou-se que alguns artigos passaram a apresentar referências ou bibliografia ao final do texto, mas a menção às fontes no texto, ainda não era feita, em alguns casos.⁶

Para realizar o objetivo proposto, este trabalho é dividido em Introdução e mais quatro capítulos, seguido das considerações finais. Neles procurei articular os seguintes movimentos: 1º) mapeamento dos artigos sobre Educação Física escolar; 2º) localização dos autores e obras de referência utilizados pelos articulistas ao escreverem esses artigos; 3º) identificação dos autores e das obras estrangeiras, que no impresso, se relacionam com o ideário escolanovista; 4º) cotejamento entre as obras de referência desses autores e os artigos sobre Educação Física escolar.

⁵ Em o *Queijo e os vermes*, Carlo Ginzburg (2000) utiliza a noção de *circularidade cultural*, formulada por Mikhail Mikhailovich Bakhtin, que compreende haver uma influência recíproca entre a cultura popular e a das classes dominantes, para tecer os fios existentes entre as formulações de Menocchio – como era conhecido o moleiro Domenico Scandella, que viveu em Friuli (Itália), um herege do século XVI, queimado pela Ordem do Santo Ofício – em seu processo de inquisição e as idéias que circulavam nas classes eruditas do período, que iam desde o radicalismo religioso a explicações tendencialmente científicas e as idéias de renovação social. Assim como as construções argumentativas de Menocchio sobre religião, Deus, criação do mundo (cosmogonia) são crivos de suas leituras, possíveis por meio da operacionalização da noção de *circularidade cultural*, as idéias que circulavam na *Revista*, são apropriações dos autores dos artigos de idéias de autores estrangeiros tidos como de referência no campo educacional brasileiro que, no período dessa investigação, era constituído por diferentes grupos, como intelectuais, educadores, médicos, professores, tanto militares, quanto civis.

⁶ Lílian Rose Margotto (2000), ao analisar o saber psicológico em periódicos educacionais paulistas, encontrou essa mesma dificuldade em identificar as obras de referência, no caso dela, oriundas da Psicologia, nas revistas investigadas. Vem dessa autora a observação de que essa prática era um costume da época (1890 a 1930), período, como dito, que antecede esta análise.

Na Introdução, discuto a utilização de revistas pedagógicas pela História da Educação, bem como os usos feitos da *Revista de Educação Física* pela historiografia da Educação Física brasileira. O objetivo foi localizar este trabalho na História da Educação e realizar uma revisão bibliográfica da produção que, na História da Educação Física, também utilizou a *Revista* como fonte. Num segundo momento, apresento o contexto de criação da EsEFEx, órgão responsável pela produção e circulação da *Revista*, desde 1932, até a presente data (2007).

No Capítulo 2, analiso a *Revista* prestando atenção à sua materialidade e apresento alguns dados sobre seu ciclo de vida, que a caracterizam como um dos periódicos mais representativos da Educação Física brasileira. Num segundo momento, mapeei os artigos sobre Educação Física escolar, os autores que escreveram sobre esse tema para a *Revista* e os autores e obras indicados como de referência nesses artigos.

A análise das apropriações feitas pelos articulistas de concepções pedagógicas presentes em algumas obras de Jean-Jacques Rousseau, Edouard Claparède e John Dewey nos artigos sobre Educação Física escolar, foi realizada nos Capítulos 3, 4 e 5, respectivamente.

Em suma, esta investigação constitui um trabalho sobre um tema que merece ainda muitas outras análises. Tendo o estudo de periódicos educacionais se firmado como importante opção para a História da Educação e, de modo semelhante, para a História da Educação Física, é importante ressaltar que a *Revista de Educação Física* é o periódico de maior longevidade na Educação Física brasileira. Seu ciclo de vida vai de 1932 até a presente data (2007), fato que por si só a coloca como uma das mais representativas publicações da área, documento vital para a escrita desta história.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Revistas pedagógicas e História da Educação

Ao trabalharmos com a *Revista de Educação Física*, estamos entrando em uma linha da História da Educação que, no Brasil, vem utilizando o impresso pedagógico como possibilidade para a compreensão do campo educacional.

Luciano Mendes de Faria Filho e Denice Bárbara Catani (2002), ao acompanharem a produção que “se originou e/ou” foi divulgada no âmbito do Grupo de Trabalho (GT) História da Educação da Associação Nacional de Pesquisas em Educação (ANPEd), desde sua criação, em 1985, até 2000, apresentam dados que confirmam a crescente utilização do impresso pela historiografia da Educação brasileira.

Para Faria Filho e Catani, na 16ª Reunião Anual da ANPEd, realizada em 1993, em Caxambu – MG, evidencia-se de forma clara a linha de pesquisa que viria a se fortalecer nos anos seguintes, qual seja: a história da leitura e dos impressos. Em 1997, na 20ª Reunião Anual, segundo os autores, observa-se nítida predominância de temáticas ligadas à história dos impressos como: livros, leituras e práticas de formação de professores, além de práticas de leitura e história da imprensa periódica educacional. Na 22ª Reunião Anual, em 1999, os autores afirmam que se manteve a forte presença dos trabalhos ligados à história da leitura e dos impressos.

Um outro dado apresentado pelos autores e que corrobora o interesse dessa investigação por um impresso pedagógico diz respeito ao levantamento feito por eles com relação às principais fontes utilizadas nos trabalhos daquele GT. Segundo os autores, as revistas vêm em primeiro lugar entre as fontes mais utilizadas nos trabalhos, com um percentual de 15,3%.

Ao acompanharmos as publicações da *Revista Brasileira de História da Educação*, periódico publicado pela Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), quando do início de sua circulação, em janeiro de 2001, também é possível perceber que o interesse por esse tipo de fonte vem aumentando e se materializa em publicações especializadas como essa. Dos artigos cujos autores utilizaram revistas pedagógicas, destacam-se os trabalhos de Vivian Batista da Silva (2003),

Miriam Waidenfeld Chaves (2003), Adalson de Oliveira Nascimento (2004), Sonia de Castro Lopes (2005), Rosário S. Genta Lugli (2005), Miriam Waidenfeld Chaves (2006), Tarcísio Mauro Vago (2006) e Ailton Pereira Morila (2006).

É importante ressaltar que esse interesse pela imprensa periódica educacional (jornais e/ou revistas), especificamente, pode ser lido como um reflexo da “[...] explosão dos temas e objetos de pesquisa em história da educação nos anos de 1990, possibilitada por novos aportes teórico-metodológicos apropriados pelos pesquisadores da área” (CATANI; FARIA FILHO, 2002, p. 126).

Essa utilização de novos aportes teórico-metodológicos pela História da Educação pode ser vinculada à acessão da História Cultural no contexto historiográfico mundial e brasileiro.⁷

Marta Maria Chagas de Carvalho e Clarice Nunes (2005) ressaltam que o impacto da Nova História Cultural sobre os estudos de História da Educação no Brasil se faz, embora não exclusivamente, por meio da incorporação e da redefinição de problemas, temas e objetos de estudos. Para as autoras, “[...] ‘velhos’ objetos tornam-se agora ‘novos’ porque são apanhados numa perspectiva que realça sua materialidade de dispositivos, através dos quais bens culturais são produzidos, postos a circular e apropriados” (CARVALHO; NUNES, 2005, p. 46).

Sonia de Castro Lopes (2005, p. 44) concorda com Carvalho e Nunes e ressalta que, nesse intercâmbio

[...] sujeitos, saberes e práticas escolares têm adquirido centralidade como objetos de pesquisa, estabelecendo assim as necessárias conexões entre história e história da educação [e que] paralelamente a esse alargamento de objetos assistiu-se também a uma diversificação no repertório do *corpus* documental, permanentemente problematizado e reinterpretado à luz de novos referenciais teóricos.

No que diz respeito, especificamente, à história do impresso e a seus usos pedagógicos pela historiografia da Educação, Marta Maria Chagas de Carvalho (1996,1998) e Maria Rita de Almeida Toledo e Marta Maria Chagas de Carvalho (2000) procuram analisar as revistas pedagógicas determinando o lugar que lhes é dado como dispositivos de constituição de uma cultura pedagógica requerida pela

⁷ Sandra Jatahy Pesavento (2004) ressaltam a influência da História Cultural na produção historiográfica nacional, ao registrar que, nos anos de 1990, 80% da produção historiográfica brasileira encontrava-se nessa perspectiva.

prática docente e a lógica que preside sua organização, conferindo-lhes formatos e material pedagógicamente diferenciados.

Ainda na mesma perspectiva de análise, destaca-se o trabalho de Maurilane de Souza Biccas (2006), que toma a *Revista do Ensino* de Minas Gerais como o impresso pedagógico oficial mais representativo da História da Educação mineira. Nas palavras da autora, “[...] não só pelo seu longo ciclo de vida [1925-1975], mas pelo papel significativo no processo de formação de professores e de conformação do campo educacional mineiro” (BICCAS, 2006, p. 71).

As explanações de Biccas (2006) têm como base as discussões feitas na sua tese, intitulada *O impresso como estratégia de formação de professores(as) e de conformação do campo pedagógico em Minas Gerais: o caso da Revista do Ensino (1925-1940)*, em que esse periódico foi analisado em sua materialidade e como fonte, com o objetivo de compreender suas condições de produção e de utilização, dirigidas a modelar as leituras e práticas dos professores mineiros (BICCAS, 2001).

Por sua vez, Denice Bárbara Catani e Cynthia Pereira de Souza (1999) sublinham que a utilização de revistas de ensino pela História da Educação pode ocorrer, ainda, numa perspectiva que

[...] visa estabelecer a história serial dos repertórios analíticos destinados a informar sobre o conteúdo dos periódicos, classificando-os, registrando seu ciclo de vida, predominâncias ou recorrências temáticas e informações sobre produtores, colaboradores e leitores, entre outros (CATANI; SOUZA, 1999, p. 11).

De acordo com as autoras, esses repertórios podem fornecer materiais básicos, que funcionariam como ponto de partida para a localização de informações para pesquisas em História da Educação, das práticas ou disciplinas escolares e dos sistemas de ensino.

Catani e Souza (1999) apresentam, então, dados relativos ao projeto de constituição de um *Repertório Analítico da Imprensa Educacional Paulista (1890-1996)*, que as autoras vinham desenvolvendo em São Paulo, cujo objetivo era fornecer um repertório para auxiliar a busca de dados acerca da História da Educação.

Maria Helena Câmara Bastos (1997) também trabalha com a idéia da constituição de repertórios analíticos, ao elaborar um breve histórico da imprensa pedagógica no Brasil, desde 1808 (quando D. João VI cria a Imprensa Régia) até

1944, quando a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* passa a ser publicada pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). A autora apresenta os periódicos que circularam nesse período, com o objetivo, também, de constituir um repertório que pudesse ser utilizado por historiadores do sistema educativo e por aqueles que se interessassem pela reconstituição de uma face do discurso pedagógico brasileiro.

Observamos, nesse contexto, que os impressos pedagógicos, devido às suas especificidades, constituem uma preciosa fonte para a historiografia da Educação brasileira. Nesse movimento, a utilização da *Revista de Educação Física* como fonte justifica-se por se inserir numa perspectiva presente no campo que vem delineando os impressos pedagógicos e a imprensa educacional numa linha investigativa relacionada com a História da Educação e, também, com a História da Educação Física.

1.2 A *Revista de Educação Física* na produção da historiografia da Educação Física brasileira

Amarílio Ferreira Neto (2003) já indicava que o estudo de impressos de variada tipologia vinha recebendo força também no campo da Educação Física. Ao analisar a produção atual sobre a História da Educação Física, por meio da produção veiculada nos Congressos (ou Encontros) de História e da produção do Grupo de Trabalho Temático (GTT) do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, *Memória, cultura e corpo*, Ferreira Neto reforça essas observações salientando:

A variabilidade no uso de fontes tem se ampliado na última década. É claro que junto caminham novos objetos e abordagens, notadamente com base nas diferentes leituras que a história cultural possibilita ou, como pretende a ementa do GTT, 'a partir das distintas matrizes teóricas próprias do campo das ciências sociais' (FERREIRA NETO, 2005, p. 152).

O autor sublinha que, dentre as fontes secundárias localizadas nos trabalhos analisados, encontram-se, em ordem de recorrência: as revistas, os relatos orais, os jornais, a legislação, a crônica/literatura, os documentos oficiais/relatórios, as imagens, os livros didáticos, a etnografia, as fontes digitais e a *web*. Salienta, ainda, que “[...] esses achados guardam similaridade e consistência com o que vem

ocorrendo no âmbito do GT ‘História da educação da ANPEd e nos Encontros de História’⁸.

Assim, pode-se vislumbrar também, no âmbito da produção direcionada à História da Educação Física, a tendência que há mais tempo vem se observando na História da Educação.

No contexto da Educação Física brasileira, as teses de Amarílio Ferreira Neto (1999), Silvana Vilodre Goellner (1999) e Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (2001) e as dissertações de Magali Alonso de Lima (1980), Sonia de Deus Rodrigues Bercito (1991), Omar Schneider (2003), Kalline Pereira Aroeira (2004) e Wagner dos Santos (2005) são exemplos do esforço em se compreender a temática da Educação Física brasileira por meio de fontes periódicas.

Das produções que utilizam a *Revista de Educação Física*, entre suas fontes principais, destacamos os já citados trabalhos de Lima (1980), Bercito (1991) e Ferreira Neto (1999), além da dissertação de Renato de Souza Pinto Soeiro (2003). Comentaremos rapidamente esses trabalhos, a seguir.

Magali Alonso de Lima, em sua dissertação de mestrado em Educação,⁹ *O corpo no espaço e no tempo: educação física no Estado Novo (1937-1945)*, utiliza, como uma de suas fontes, a *Revista de Educação Física*.¹⁰ O objetivo da autora foi “[...] observar neste pano de fundo do Estado Novo [...] as formas de poder (mais capilares) que se disseminarão principalmente pela Educação Física, para constituir ou inscrever no corpo princípios ideológicos que o querem fundamentar” (LIMA, 1980, p. 32).

Para tanto, Lima (1980) busca explicitar a utilização da Educação Física pelo Estado Novo numa política de disciplinarização e formação de corpos dóceis em espaços de recreação ou de lazer – parques infantis, praças de esportes, colônia de férias – e na “área livre” – lugar em que se fazia atividade física, mas que não pode ser confundido com ginásio ou campo de futebol. Segundo a autora, esses locais foram escolhidos por se tratar de espaços de disciplinarização das massas.

Em síntese, o tempo e o corpo no Estado Novo foram, de acordo com a autora,

⁸ Entretanto o autor salienta que, apesar dos importantes avanços, ainda há trabalhos que não indicaram suas fontes.

⁹ A dissertação de Magali Alonso de Lima foi elaborada no Instituto de Estudos Avançados em Educação, Departamento de Filosofia da Educação da Fundação Getúlio Vargas.

¹⁰ Além da *Revista de Educação Física*, Lima (1980) utiliza como fontes as revistas *Educação Física*, *o Boletim de Educação Física e Cultura Política*.

[...] úteis economicamente falando, como dóceis e submissos politicamente falando. Útil 'para a economia da nação', ou seja, corpo capaz de adquirir aptidões, para através de uma melhor utilização de seu 'tempo livre', transformar-se em força de trabalho. Dócil e submisso porque pode ser submetido, utilizado, transformado ou aperfeiçoado (LIMA, 1980, p. 125).

A outra dissertação¹¹ de autoria de Sonia de Deus Rodrigues Bercito, que também utiliza a *Revista de Educação Física* como fonte, tem como título: *Ser forte para fazer uma nação forte: a educação física no Brasil (1932-1945)*.¹²

Bercito (1991) tem por objetivo investigar o processo de disseminação da Educação Física a partir da década de 1930 (em especial o período estado-novista), dando ênfase aos aspectos políticos e ideológicos que, segundo ela, orientaram o processo de difusão e implantação dessa prática.

Assim, Bercito (1991) salienta que, no ideário estado-novista, imperava uma ideologia de construção nacional, que caminhava ao lado de um discurso de progresso nacional, um projeto a ser liderado pelo Estado, que deveria trabalhar em prol da regeneração física e moral dos brasileiros, condição indispensável à formação de cidadãos fortes, sadios, eugenizados, produtivos e disciplinados, necessários ao progresso da Pátria. Para a autora, a Educação Física era o instrumento ideal a ser utilizado pelo Estado neste objetivo de construção da nacionalidade brasileira:

No projeto de construção da nacionalidade brasileira não se desvinculava, pois, o aprimoramento individual do coletivo. O fortalecimento do indivíduo era condição necessária para construção da Nação forte. E contribuir para o fortalecimento do povo, e da Nação, era tarefa da Educação Física (BERCITO, 1982, p. 208).

Para Bercito (1991), a relação entre a Educação Física e o Estado autoritário dá-se em uma perspectiva fascista, em que se recorria à Educação Física “[...] projetando-se a conformação da sociedade consoante os imperativos de uma ordem política em que o coletivo – traduzido no nacional – absorvia o indivíduo” (BERCITO, 1982, p. 221). Conforme a autora, essa absorção do indivíduo pela Nação, em que a importância de cada um é reconhecida pela sua condição de componente de um

¹¹ O referido trabalho foi desenvolvido pela autora no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, na área de História Social.

¹² Além da *Revista de Educação Física*, a autora utiliza outro periódico sobre Educação Física como fonte, a revista *Educação Physica* e ainda os artigos referentes à Educação Física da revista *Cultura Política e Ciência Política* (revistas culturais oficiais do Estado Novo) e o *Boletim de Eugenia*. Sobre a revista *Educação Physica*, ver o trabalho de Schneider (2003).

conjunto nacional, é que possui parentesco com as correntes totalitárias de cunho fascista.

Quanto à participação do Exército no processo de disseminação da Educação Física na sociedade brasileira, Bercito (1991) afirma que havia interesse desse órgão em ter, em suas fileiras, indivíduos fisicamente fortes, sadios e disciplinados, fundamentais a um projeto de modernização interna dessa instituição, que começava a ser articulado. Além disso, com relação à ação do Exército “fora da tropa”, a autora afirma que essa instituição contribuiu para conferir a essa prática um caráter militarizante e mobilizador na sociedade civil, peças fundamentais para se atingirem os objetivos de conformação do cidadão brasileiro.

Como podemos observar, para Bercito (1991), a Educação Física no Estado Novo esteve a serviço de um Estado autoritário, que, por meio de um projeto político-ideológico, visava à construção de uma “Nação forte” rumo ao progresso. Esse “serviço” à Pátria se daria com a formação de indivíduos robustos, sadios, aperfeiçoados racialmente, trabalhadores fortes e disciplinados para a sociedade urbano-industrial que se formava.

Dentre os trabalhos que utilizam a *Revista de Educação Física* como fonte, tem-se também *A pedagogia no Exército e na escola: a educação física brasileira (1880-1950)*, de autoria de Amarílio Ferreira Neto.¹³

Ferreira Neto, ao investigar a constituição de uma pedagogia para a Educação Física militar e civil brasileira, no período que vai de 1880 a 1950, utiliza como fontes principais a revista *A Defesa Nacional* e, em especial, para essa investigação, suas inúmeras referências aos artigos da *Revista de Educação Física*.

Ferreira Neto (1999) lança um outro olhar sobre a participação dos militares nos rumos da escolarização da Educação Física brasileira. Em suas conclusões, aponta um projeto diferente para a Educação Física militar e para a Educação Física escolar:

A adoção oficial do método francês no Brasil não nos autoriza a afirmar que a militarização de nossa área decorre dele inexoravelmente, uma vez que a leitura precisa dessa proposta tem que reconhecer que há distinção entre a parte aplicada à tropa e a parte recomendável à escola. Todavia, apesar dos esforços empreendidos, o que predominou foi uma interpretação que transferiu a parte militar, isto é, as sete famílias do método, também à escola (FERREIRA NETO, 1999, p. 149).

¹³ A tese de Amarílio Ferreira Neto foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba.

Outra dissertação¹⁴ que utiliza a *Revista de Educação Física* como uma de suas fontes é a de Renato Souza Pinto Soeiro (2003), intitulada *A contribuição da Escola de Educação Física do Exército para o esporte nacional: 1933 a 2000*.¹⁵ O autor apresenta a trajetória da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) e suas contribuições para o esporte tanto no Exército quanto na sociedade civil.

A primeira fase se refere à contribuição da EsEFEx na formação de profissionais de Educação Física e de Medicina desportiva. Segundo o autor, os marcos dessa fase foram: a criação, em 1929, do Curso Provisório de Educação Física na Escola de Sargentos de Infantaria; a criação em maio de 1932, da *Revista de Educação Física*; a contribuição da EsEFEx para a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos; a criação do Curso em Medicina Desportiva na EsEFEx, em 1932; e a criação, em 1936, da colônia de férias da EsEFEx, uma das primeiras do Brasil.

A segunda fase foi caracterizada, de acordo com Soeiro, pelo uso do esporte na preparação do soldado, marcada pelo intercâmbio entre a EsEFEx e instituições estrangeiras.

Já a terceira fase foi identificada pela cientificação do treinamento esportivo e treinamento de atletas. Os marcos dessa fase foram, para Soeiro, a preparação física da seleção brasileira de futebol para a Copa do Mundo no México em 1970 e o incentivo do Ministério da Educação (MEC) na instalação do treinamento esportivo como disciplinas nas universidades.

A quarta fase é caracterizada como um período de valorização do treinamento físico militar, entre 1980 e 1989.

A última fase é a de reestruturação “no sentido da ciência do esporte”, entre 1990 e 2000, caracterizada pelo enquadramento da EsEFEx no Centro de Capacitação Física do Exército (CCFEx), com o objetivo de obter uma interdisciplinaridade entre o esporte, a saúde, a pesquisa e a preparação de discentes para atuarem nessa área (SOEIRO, 2003).

¹⁴ O trabalho de Renato Souza Pinto Soeiro foi desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Motricidade Humana na Universidade Castelo Branco.

¹⁵ Além dos artigos da *Revista de Educação Física* Soeiro (2003), utilizou também, como fonte, boletins escolares, boletins internos e boletins do Exército existentes no arquivo da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx).

1.3 Outros usos da *Revista*

Foram localizados, ainda na História da Educação e da Educação Física, dissertações e teses em que os autores utilizaram alguns artigos da *Revista de Educação Física* como fonte em suas análises, entretanto esses trabalhos não priorizaram esse impresso como fonte principal, mas consideramos importante também comentá-los.

A dissertação de mestrado em Educação de Mario Ribeiro Cantarino Filho (1982),¹⁶ que possui o título *A educação física no estado novo: história e doutrina*, é um desses trabalhos. Nas palavras do autor, o objetivo foi “Interpretar os fatos relativos à Educação Física, à luz da ideologia do sistema político do Estado Novo, em seus aspectos histórico e doutrinário” (CANTARINO FILHO, 1982, p. 2).

Para Cantarino Filho (1992), durante o Estado Novo (1937-1945), a Educação Física esteve a serviço da ideologia do governo ditatorial de Getúlio Vargas, principalmente com a adoção do “método francês”, para o ensino primário, secundário e superior e para as corporações militares. Conforme o autor,

Esse método de orientação militar, foi utilizado nas sessões de Educação Física, tanto nas corporações militares como nas escolas primárias e secundárias. Através dele, dava-se ênfase a educação do físico, com o desenvolvimento da saúde, da força muscular, da flexibilidade, da resistência orgânica e da boa postura. A raça deveria ser melhorada e, para isso, era importante o cumprimento do ‘método francês’ (CANTARINO FILHO, 1992, p. 40).

Cantarino Filho cita, em seu trabalho apenas um artigo da *Revista de Educação Física*, escrito por Inezil Penna Marinho, publicado em julho de 1953 (n. 74), intitulado *Panorama atual de educação física no Brasil*. A maior parte das fontes que estruturam o texto do autor são leis sobre a Educação Física e demais textos que apresentavam a visão oficial da época.

Outro trabalho que utiliza alguns artigos da *Revista* como fonte é a dissertação de Silvana Vilodre Goellner (1992), denominada *O método francês e a*

¹⁶ O trabalho de Mario Cantarino Filho foi realizado na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

educação física no Brasil: da caserna à escola,¹⁷ no período que vai de 1920 a 1946.¹⁸

Silvana Vilodre Goellner utiliza como fontes, em sua análise, textos sobre a História da Educação Física, focalizando especialmente os autores que escreveram sobre o método francês – segundo a autora, na época em que esse método esteve em vigência – como Inezil Pena Marinho, Washington Gutierrez, e também alguns oficiais do Exército, como Laurentino Lopes Bonorino, Gutemberg Ayres de Miranda, Jair Ribeiro Dantas, João Barbosa Leite e Inácio de Freitas Rolim.

Foi utilizado, segundo Goellner:

[...] o *Reglement Général D'Education Physique, Méthode Française* e sua respectiva tradução, um texto de Dom Francisco de Amoros y Odeano, tido como precursor do método, alguns escritos de Georges Demeny, cuja obra foi determinante na elaboração da doutrina de Joinville-le-Pont e um livro editado pela própria Escola de Joinville, que trazia como objetivo: expor algumas generalidades do Método Francês [...].

Além desses textos, a autora salienta que considerou ser importante analisar os periódicos que circulavam no período da investigação, que divulgavam, segundo ela, não apenas o ponto de vista técnico, como também suas relações com a ideologia dominante. As revistas utilizadas pela autora foram a *Revista de Educação Física, Educação Physica* (Revista Técnica de Esportes e Atletismo) e *Educação Física* (Revista de Esporte e Saúde).

A autora teve como objetivos investigar em que contexto histórico o “método francês” foi elaborado e quais foram seus objetivos e, ainda, qual concepção de ciência o fundamentou, quais “pressupostos ideológicos sustentou” enquanto esteve em vigência no Brasil e quais foram suas implicações em nível escolar.

As conclusões da autora também indiciam a relação entre o método francês e a “militarização da Educação Física” que, inclusive, deixou suas marcas na Educação Física da época da elaboração do trabalho (década de 1990). Silvana Vilodre Goellner (1992, p. 3) salienta:

¹⁷ A dissertação de Silvana Vilodre Goellner foi defendida no Programa de Mestrado em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁸ A autora justifica o recorte temporal tendo como marco o movimento educacional caracterizado como “otimismo pedagógico” e a Reforma Capanema (1942-1946), que, para a autora, conferiu à Educação Física função de instrução militar.

[...] que a percepção ‘militarizada’ que alguns professores ainda têm acerca da Educação Física; percepção essa que, no meu entendimento, encontra suas origens na identificação que por algum tempo se fez, na escola brasileira, da Educação Física como instrução militar, onde o Método Francês figurou como sua expressão dominante, inclusive por ser originário de uma instrução militar.

Além das duas dissertações, tem-se a tese de doutorado¹⁹ de Meily Assbú Linhales (2006), denominada *A escola, o esporte e a “energização do caráter”: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935)* que, além dos arquivos da Associação Brasileira de Educação (ABE), utiliza alguns artigos de revistas que circulavam no período da investigação, entre essas, a *Revista de Educação Física*.

Linhales (2006, p. 31) sublinha que, com a análise a partir da ABE:

[...] foi possível indiciar a escolarização do esporte como dispositivo de um projeto cultural que, pretendendo ser moderno, anunciava signos que convidavam à investigação, tais como: a ‘regeneração nacional’ e a ‘energização do caráter’. A partir da ABE, busquei confirmar a hipótese de que, no Brasil, a presença do esporte na escola guarda estreita relação com o projeto cultural que, na década de 1920 e 1930, representou a educação como possibilidade de tornar a nação saudável, disciplinada e produtiva [...]

Ao tecer as redes dessa trama, a autora mobiliza alguns artigos da *Revista de Educação Física*, sobretudo os que tratam do esporte, dos campos de jogos e alguns textos de abertura (espécie de editoriais), que trazem – a maioria – a assinatura de militares e civis – geralmente intelectuais da época, educadores, médicos, professores – e suas representações sobre o esporte, que se traduziam, de maneira geral, na idéia da utilização do esporte para a “energização do caráter” do brasileiro, condição, segundo a autora, articulada à formação do homem forte e saudável, necessário à regeneração nacional.

Investigar os artigos de um periódico publicado – até hoje – pelo Exército nos faz indagar sobre as relações entre os militares e o processo de escolarização dessa disciplina. Todos os estudos “dão sua versão” sobre essas relações. Daí o perigo de se adentrar nesse campo e “cair nas várias tentações” desse debate, como colocar os militares como “leões” ou como “cordeiros”,²⁰ conforme mostrou Meily Assbú

¹⁹ A tese de Meily Assbú Linhales foi defendida no Programa da Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

²⁰ “Leões” e “cordeiros” são expressões utilizadas por José Silvério Baía Horta (1994) e apropriadas por Linhales (2006), ao discutir as relações entre os militares e a escolarização da Educação Física.

Linhales (2006). Essas relações são muito mais complexas do que a historiografia da Educação Física registrou até o momento.

As dissertações de Magali Alonso de Lima (1980), Sônia de Deus Rodrigues Bercito (1991), Mario Cantarino Filho (1982) e Silvana Vilodre Goellner (1992) privilegiaram, em suas análises, o período do Estado Novo. No conjunto desses textos, a Educação Física, na escola, em parques ou em campos de jogos, foi relacionada com a intenção ideológica do Governo Vargas de formação de corpos dóceis, submissos e fortes para uma nação em crescente desenvolvimento econômico e forte tendência nacionalista.

Nesses trabalhos, percebemos críticas às relações entre o Exército e a Educação Física, principalmente, pela utilização do método francês²¹ como método oficial para o ensino da Educação Física no Exército e na escola. Para a maioria desses autores, o método francês foi o responsável pela “militarização” da área.

As representações construídas por meio da leitura desses autores influenciaram, sobremaneira, o campo da Educação Física, predominando as interpretações de que os militares e o Exército são os “leões” da Educação Física, responsáveis por sua militarização. Sem querer que eles sejam “cordeiros”, buscaremos nos afastar dessas representações, por compreender que elas não problematizaram as relações entre militares e civis.

Ferreira Neto (1999) já alertava para o caráter generalizante dessas proposições, sobretudo porque seu estudo evidenciava a existência de projetos pedagógicos diferentes dos militares do Exército para a escola e para a tropa.

Sobre essas questões, a análise de Linhales (2006) fornece luz a novas interpretações. A investigação da autora sobre o episódio do parecer elaborado pela ABE, sobre o anteprojeto militar que instituía a adoção do método francês, em 1929, apresenta outro olhar para as supostas “severas críticas” que o anteprojeto “recebeu” da ABE, como foi representado pela historiografia recorrente.

Ao analisar os arquivos da ABE, a autora mostrou que foram elaborados “dois pareceres”²² sobre o anteprojeto e que, tanto nos pareceres quanto no anteprojeto, os “verdadeiros interesses” foram ocultados.

²¹ Nessa questão nos referimos aos trabalhos de Bercito (1991), Cantarino Filho (1982) e Goellner (1992).

²² Linhales (2006) sublinha que um “primeiro parecer” foi elaborado em abril de 1929 e o “segundo” foi apresentado no final desse ano – a autora não especifica o mês. Foi esse “segundo parecer”, de

De acordo com Linhales (2006, p. 181), ao longo do “segundo parecer”:

[...] confirma-se a hipótese de que o conteúdo em disputa parece ser mais o centralismo do que o militarismo. Talvez a crítica do anteprojeto não fosse tão contundente se este não inviabilizasse ou restringisse a autonomia das organizações esportivas em suas ações de preparação profissional e desenvolvimento técnico. O parecer também confirma que a regulamentação da ‘Educação Física Post- Escolar’ e da formação profissional incomodou mais do que o prescrito para a ‘Educação Física escolar’. O parecer lembra, ainda, que muitos brasileiros eram formados pelo Instituto Técnico da ACM, por meio de um curso realizado durante dois anos no Brasil e completado por dois anos em Montevidéu.

A análise desse episódio pela autora evidenciou as disputas pelo controle de um projeto cultural para o esporte, reivindicado pelos educadores da ABE, pelos integrantes da Associação Cristã de Moços (ACM) e pelos militares (que queriam a centralização do poder em tudo que se referia à Educação Física, incluindo os esportes).

Esta investigação dialoga, também, em alguns pontos, com o trabalho de Ferreira Neto (1999). Destacamos as pistas que o autor apresenta quanto à presença de Rousseau, Dewey, Claparède e William James na elaboração de propostas pedagógicas para a Educação Física militar e civil.²³

Destacamos, ainda, o apontamento que faz sobre a presença da Psicologia na Pedagogia do Exército e na área da Educação Física,

A Psicologia é determinante na construção do pensamento pedagógico do Exército e na área da Educação Física em específico, ainda que a Biologia, por meio da Anatomia e Fisiologia, estivesse presente desde Rui Barbosa, Fernando de Azevedo e inclusive em Inezil Pena Marinho (FERREIRA NETO, 1999, p. 149).

Voltaremos a algumas das questões discutidas neste tópico. Vale, neste momento, ressaltar que, na *Revista de Educação Física*, convivem diversas representações de Educação Física. Além disso, o ato de ler permite o deslocamento e a produção de diferentes sentidos, portanto várias versões podem

acordo com a autora, que foi considerado por alguns trabalhos da historiografia da Educação Física como “severa crítica” ao anteprojeto militar.

²³ Nas palavras do autor: “Nesse estágio é necessária a pergunta: que base teórica oferece suporte para uma proposta pedagógica para o Exército e para a escola brasileira nos moldes que vem sendo discutido nessa pesquisa? Após detida consulta às fontes, indica-se que as grandes linhas desse pensamento pedagógico assentam-se em Jean-Jacques Rousseau, William James, John Dewey, Edouard Claparède” (FERREIRA NETO, 1999, p. 71).

ser dadas sobre um mesmo assunto, quando outros olhares são lançados sobre um mesmo tema.

1.4 A criação da *Revista de Educação Física* pela Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx)

A *Revista de Educação Física* foi criada, produzida e posta em circulação pela Escola de Educação Física do Exército. Para Amarílio Ferreira Neto (1999), a criação da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) foi “obra” dos jovens cadetes da Escola Militar de Realengo, Rio de Janeiro, que, liderados pelo oficial Newton Cavalcanti, a partir de 1919, se propuseram a trabalhar pela sistematização da Educação Física entre militares e entre civis.

Para o autor, o interesse desses jovens oficiais pela sistematização da Educação Física esteve relacionado com um projeto de modernização interna do Exército brasileiro, desenvolvido pelos “jovens turcos”, oficiais brasileiros que estagiaram no Exército alemão e que, fiéis à instrução recebida, defendiam um Exército profissional moderno.

Esse projeto de modernização considerava que a “gymnastica” e a “esgrima” possuíam grande influência sobre a educação militar e moral da tropa, de modo que fomentar tais práticas seria concorrer para ganhar tempo no processo de modernização institucional (FERREIRA NETO, 1999).

No entanto, o Exército não possuía uma escola especial, pessoal preparado e nem método sistematizado para a concretização desse fim. Ferreira Neto (1999) salienta que o projeto de trabalho do Exército para a Educação Física, durante toda década de 1920, esteve, então, voltado para a criação de uma escola especializada, para a preparação de pessoal e a implementação da Educação Física na tropa e na sociedade civil.²⁴

Na *Revista*, há registros de que a EsEFEx teria começado a funcionar em 1922, com o nome de Centro Militar de Educação Física (CMEF). Criado pelo então ministro da Guerra, o Dr. Pandiá Calógeras, funcionava na Companhia de Carros de Combate, na Vila Militar (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1941). No entanto essa

²⁴ Linhales (2006) apresenta importante discussão sobre as disputas entre militares, Associação Brasileira de Educação (ABE) e Associação Cristã de Moços (ACM), no Rio de Janeiro, no período de 1925 a 1935. De forma rigorosa, a investigação dessa autora aponta a elaboração e a aplicação de projetos relativos à formação de profissionais de Educação Física fora do âmbito militar.

primeira fase do Centro foi efêmera, uma vez que a “revolução” de 1922 determinou seu fechamento.²⁵

Somente no governo de Washington Luis (1926-1930), quando este, após uma visita à Escola de Sargentos de Infantaria, onde lhe foi feita uma demonstração de ginástica, interveio ao ministro da Guerra, Sezefredo Passos, em favor da Educação Física, é que o Centro Militar de Educação Física voltou a funcionar.

Em 1929, o ministro Sezefredo, em Aviso Ministerial, determinou a reabertura do Centro na mesma Escola de Sargentos, onde sete anos antes Calógeras o tivera criado. A reabertura ficou a cargo dos tenentes Inácio Rolim e do médico Virgílio Alves de Bastos, que selecionaram uma turma de oficiais e uma de professores públicos do Distrito Federal que “[...] foram preparadas para servirem de núcleo inicial” (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933, [s.p.]).

Em 1930, o Centro Militar de Educação Física foi transferido para Fortaleza de São João, local considerado ideal para um estabelecimento modelar de Educação Física, segundo o então tenente-coronel, Jair Jordão Ramos (1952).

Na Fortaleza de São João, o Centro é dotado de material necessário ao seu funcionamento e sua direção técnica é entregue ao capitão Orlando Silva, auxiliado pelos tenentes Inácio Rolim, Laurentino Lopes Bonorino e pelos médicos Virgílio Bastos e Hermílio Ferreira. Foram criados, também, Centros Regionais de Educação Física em São Paulo e em Minas Gerais (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933).

O Centro Militar preparou duas turmas, uma com 40 oficiais e médicos e outra de 70 sargentos monitores. Os Centros Regionais prepararam 50 monitores (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933).²⁶

²⁵ Em 1922, no período pré-eleitoral, as tensões políticas se avolumaram. A "troca de gentilezas" entre dois candidatos provocou a primeira revolta do movimento tenentista: a Revolta do Forte de Copacabana. Um bloco oligárquico, formado pelas elites dos Estados do Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, apoiado pelos militares, tentou romper a política do café-com-leite, lançando a candidatura à Presidência da República do ex-presidente Nilo Peçanha. A publicação de uma carta falsamente atribuída ao candidato governista Artur Bernardes, no jornal *O Correio da Manhã*, agredindo violentamente os militares, e a posterior vitória do café-com-leite (com visíveis fraudes eleitorais) precipitaram a revolta. Apesar de rapidamente sufocada, a violência utilizada culminou na morte de 18 oficiais do Exército "os dezoito do Forte de Copacabana" e foi suficiente para produzir mártires, heróis e, principalmente, para difundir os ideais tenentistas por muitos quartéis brasileiros. Em 1924, as contradições políticas entre tenentistas e governo chegaram ao seu limite. A revolta paulista, e a revolta rio-grandense são os maiores exemplos. Delas surgiu a Coluna Prestes (1925-1927) que, por dois anos, manteve pelo interior do País uma guerrilha armada comandada pelo capitão do Exército Luís Carlos Prestes que exigia, entre outras coisas, o fim da República Oligárquica. Os governantes oligárquicos tinham cada vez menos controle sobre as Forças Armadas, culminando, posteriormente, em 1930, com o apoio quase unânime dos militares ao golpe que derrubou definitivamente o café-com-leite do poder: a Revolução de 1930 (AGUILAR FILHO; STORTO, 2007).

Com os acontecimentos políticos que motivaram a Revolução de 1930 e culminaram com a implantação da “República Nova”, os trabalhos no Centro foram paralisados. Mas isso não determinou o fim do projeto dos militares para a Educação Física brasileira:

Todos esses elementos e outros de turmas suplementares foram lançados nas linhas de tiros, escolas de instrução militar, colégios, escolas militares e sociedades desportivas da capital e dos Estados, com fim de difundir a prática da educação física (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933, [s. p.]).²⁷

Com o advento da “República Nova”:

[...] o Ministro Leite de Castro, culto e patriota, tendo convivido vários anos na França e percorrido toda Europa, encarou o problema de frente [a divulgação da Educação Física na sociedade brasileira] e como já há muitos anos devia ter sido encarado, pois a verdade clara e insofismável é esta – o Brasil está atrasado em matéria de educação física mais de ‘vinte anos’ (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933, [s. p.]).

O ministro Leite de Castro colocou o tenente Jair Ribeiro, do Gabinete de Guerra, para se dedicar à “causa da Educação Física” e conseguiu, também, nomear para chefe no Centro Militar de Educação Física, o então major Newton Cavalcanti.

À frente do Centro, Newton Cavalcanti inicia uma “transformação radical”:

Uma transformação radical opera-se pouco a pouco, o entusiasmo e a fé incomensurável do Chefe [Newton Cavalcanti] numa pátria grande e poderosa, num Brasil são e forte, transmitiu-se ao núcleo de instrutores e falange de alunos, oficiais, médicos e sargentos [...] o Centro lança pelo Brasil, cerca de cento e sessenta instrutores e monitores de educação física [final de 1931]. O ano de 1932, é auspicioso para o estabelecimento [...], os trabalhos são iniciados com mais de trezentos alunos [...]. A Guarda civil e Inspetoria de Veículos matriculam cem homens para a prática da

²⁶ Ferreira Neto (1999) afirma que as informações a respeito da formação das turmas do Centro Militar são desencontradas, pois há uma espécie de relatório gráfico dos efetivos e resultados obtidos pelo Centro, demonstrando que, no ano de 1930, foram matriculados, numa primeira turma, 58 alunos, dos quais 31 obtiveram aprovação, 12 foram reprovados e os 15 restantes aparecem como “alunos desligados por diversos motivos”. Numa segunda turma, constam 48 alunos matriculados e 48 “alunos desligados por diversos motivos”. O autor ressalta que, considerando a ocorrência da “Revolução” de 1930, pode-se supor que o desencontro de informações pode ser devido à suspensão dos trabalhos, como indica a correspondência entre o número de matriculados e desligados da segunda turma. Segundo Ferreira Neto, Molina esclarece essa dúvida em um artigo publicado em 1935, intitulado *A escola de educação física do exército: sua atuação em prol da educação física nacional* (n. 25), ao salientar que, em 1930, dois cursos foram realizados, um foi concluído e o outro foi interrompido devido aos acontecimentos de outubro.

²⁷ As citações foram mantidas conforme o texto original, sem indicação de página.

educação física e dezoito alunos nos cursos normais (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933, [s. p.]).

Já sob o governo provisório, chefiado por Getúlio Vargas, com a promulgação do Decreto nº. 23. 252, de 19 de outubro de 1933, o Centro Militar de Educação Física foi transformado em Escola de Educação Física do Exército.

Conforme o art. 2º desse Decreto, a Escola teria como objetivos: “[...] a) proporcionar o ensino do método de Educação Física Regulamentar; b) orientar e difundir a aplicação do método” (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933, p. 2).

Para alcançar esses objetivos, a Escola de Educação Física do Exército:

a) formará instrutores e monitores de educação física, mestres de armas, e monitores de esgrima; b) proporcionará, aos médicos, especialização em educação física; c) formará massagistas desportivos; d) fornecerá aos oficiais os conhecimentos indispensáveis à direção da educação física e da esgrima; e) formará eventualmente para fins não militares, instrutores e monitores de educação física, recrutados no meio civil; f) incrementará a prática da educação física e dos desportos; g) estudará adaptações a serem introduzidas no método submetendo-as à apreciação do Estado Maior do Exército; h) manterá correspondência com os institutos congêneres nacionais e estrangeiros (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933, p. 3).

Um projeto de divulgação da Educação Física na sociedade brasileira não poderia prescindir da utilização de veículos de comunicação. Para isso, a Escola de Educação Física do Exército criou, em maio de 1932, a *Revista de Educação Física*, pois considerou ser “[...] preciso uma ação conjunta da imprensa brasileira e das sociedades de rádio para que se possa, por meio de publicidades técnicas, criar uma consciência esportiva em nosso povo [...]” (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1938, p. 28).

2 A PRODUÇÃO MATERIAL E TEÓRICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

2.1 Um olhar sobre a materialidade da *Revista* (1932-1952)²⁸

A seguir, são apresentadas algumas características materiais da *Revista* durante o período investigado (1932-1952). Na sistematização de alguns dados, tomamos como referência os trabalhos de Maurilane de Souza Biccas (2001) e de Omar Schneider (2003),²⁹ que realizaram rigoroso estudo sobre a *Revista do Ensino* de Minas Gerais (BICCAS, 2001), e a revista *Educação Phisycsa* (SCHNEIDER, 2003).

É importante salientar que o objetivo deste estudo não foi investigar a *Revista de Educação Física* como objeto, entretanto compreendemos ser necessário apresentar ao leitor dados relativos à sua materialidade, fundamentais à compreensão do periódico e, ainda, para ressaltar a representatividade desse impresso, que, pelo seu ciclo de vida (1932-2007), apresenta-se como fonte profícua para a História da Educação Física e da Educação brasileiras. Nesse sentido, não foi feita uma “arqueologia” da *Revista*; assim os dados a seguir são pistas importantes para estudos posteriores, que ainda estão para serem feitos pela historiografia da Educação Física brasileira.

A *Revista de Educação Física* possui chancela da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx). O objetivo de sua circulação era a divulgação da “causa da Educação Física”, em especial do Regulamento de Educação Física,³⁰ adotado pelo

²⁸ Em um estudo anterior denominado *Revista de Educação Física: ciclo de vida, seção unidade de doutrina e lição de Educação Física (1932-2002)*, realizado por Ferreira Neto, Maia e Bermond (2003), foram analisados alguns aspectos do ciclo de vida da *Revista*. Os dados aqui apresentados tiveram como base esse artigo, porém foram feitas algumas atualizações.

²⁹ Maurilane de Souza Biccas (2001) investigou a *Revista do Ensino* de Minas Gerais tanto como objeto quanto fonte. Nas palavras da autora: “O estudo se apoiou em três elementos distintos, mas articulados: a *Revista do Ensino* como suporte de texto, os próprios textos que veicula; e a sua apropriação na prática. Nesse último aspecto, enfoca-se o discurso produzido a partir dos sentidos e deslocamentos provocados pelo ato da leitura, no qual a forma do impresso e a forma que o texto nele assume exercem função fundamental” (BICCAS, 2001, p. 1). Omar Schneider (2003) analisou como a revista *Educação Phisycsa* (1935-1945) foi utilizada por seus autores e editores, com o objetivo de educar seus leitores para as finalidades da Educação Física, no campo educacional. Para tanto, ao fazer uma “arqueologia” da revista, o autor discute o processo de mudança no significado e objetivos da Educação Física, que passa de uma Educação Física preocupada com a prevenção e correção da deformação para uma Educação Física interessada no rendimento e na eficiência.

³⁰ O Regulamento nº 7 é dividido em três partes e possui quatro anexos. Na I Parte (1º volume), encontram-se as Bases Fisiológicas (Título I), as Bases Pedagógicas (Título II) e a Pedagogia Aplicada (Título III); na II Parte (1º volume), os Esportes Individuais (Título I) e os Esportes Coletivos (Título II); na III Parte (1º volume), a Educação Física Militar (Título VI) e a Reeducação (Título VII).

Exército brasileiro a partir do método francês, criado na Escola Superior de Educação Física de Joinville-le-Point, na França.

Sobre o Regulamento de Educação Física, José Silvério Baía Horta (1994, p. 67) assinala:

Em abril de 1932, será aprovado o Regulamento de Educação Física do Ministério da Guerra, a ser adotado em todas as unidades do Exército, inclusive do Centro Militar de Educação Física [Escola de Educação Física do Exército]. Este regulamento que fora preparado por oficiais da Missão Militar Francesa e encaminhado ao Estado-Maior do Exército no início de 1932, era uma adaptação do Regulamento de Educação Física desenvolvido pela escola de Joinville adotado pelo exército francês. [Ficou Conhecido como 'Método Francês'.

A “causa da Educação Física” era um projeto articulado por vários segmentos da sociedade brasileira da época (militares, civis – educadores, intelectuais, juristas, esportistas – e governo) em prol da disseminação de uma “cultura física”, com objetivos diversos, como a formação de um povo racialmente aperfeiçoado, de uma população sadia e de homens fortes, úteis tanto nas fábricas quanto na guerra.

Do n. 1 (1932) ao n. 137 (2º trimestre de 2007), foram publicados 2. 217 artigos na *Revista*.³¹ No período compreendido por esta análise, de 1932 (n.1) a 1952 (n. 69), foram publicados 1.299 artigos. No QUADRO 1, é possível visualizar o número de artigos publicados entre 1932 e 1939, 1940 e 1949 e entre 1950 e 1952.

Período	Nº. de artigos publicados
1932-1939	938
1940-1949	255
1950-1952	106
TOTAL	1299

QUADRO 1 - N º DE ARTIGOS PUBLICADOS ENTRE 1932 E 1952

Fonte: *Revista de Educação Física* (1932-1952).

Na década de 1940, a publicação de artigos cai vertiginosamente, quando comparada com a década de 1930. Uma hipótese é que esse decréscimo da

Com relação aos Anexos: I Papel do Médico (1º volume), II Esgrima (1º volume), III Manual do instrutor militar (1º volume) e IV Manual do instrutor civil (1º volume) (REGULAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1934).

³¹ Hoje, pode-se ter acesso a todos os números da *Revista* (exceto o n. 95), de 1932 a 2007 pelo site www.revistadeeducacaofisica.com.br. Por meio desse e-mail fizemos nosso cadastro e entramos em contato com o Tenente Coronel Salem, editor-chefe da *Revista* (data do contato 19 de dezembro de 2006). Ele nos informou que quando iniciaram o trabalho de elaboração da *Revista on-line* não conseguiram localizar o exemplar n. 95, sendo o único que eles não possuem na biblioteca da Escola. Na *Revista* encontramos esforços no sentido de localizar alguns exemplares que faltavam em uma nota publicada na *Revista* n. 110 (1981), em que a direção da *Revista*, solicitava àqueles que possuísem os n. 87, 89 e 95, que os doassem à Escola.

produção possa ter como uma das causas a interrupção ocorrida na publicação da *Revista*, em virtude da Segunda Guerra (1939-1945), quando as atividades de produção foram paralisadas entre dezembro de 1942 e novembro de 1947.

Na *Revista* n. 56, de novembro de 1947, no artigo intitulado *De Volta!*, Eulidio Reis Sant'anna (1947, p. 1) explica aos leitores o motivo da suspensão dos trabalhos: "Seus colaboradores trocaram o aço das penas pelo das armas e lá foram a terras estranhas, lutar pela conquista de um mundo melhor". Sant'anna (1947, p. 1) ressalta, ainda, as dificuldades em se retomar o trabalho:

Foi necessário começar tudo outra vez, limpando as máquinas, espanando as poeiras dos arquivos, para trazer de novo ao Exército e a todos que se interessam pela Educação Física, a palavra de fé e entusiasmo que nos anima, o conselho e a orientação técnica que a experiência nos outorgou.

Mas outros motivos podem ter paralisado ou diminuído a produção da *Revista* nesse período e essa questão deve ser investigada melhor.

Com relação à sua periodicidade, pode ser caracterizada como variável, pois, em diferentes tempos, a *Revista* foi ora mensal, ora bimestral, ora quadrimestral ou, ainda, semestral. No QUADRO 2, podemos visualizar a quantidade de exemplares publicados por ano, o número de artigos em cada exemplar e o número total de artigos editados por ano, durante a década de 1930.

	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	NE	NA
1932					N.1 (6)**	N.2 (10)	N.3 (21)						3	37
1933	N.4 (17)	N.5 (20)	N.6 (21)	N.7 (20)	N.8 (21)	N.9 (21)	N.10 (20)			N.11 (22)	N.12 (25)	N.13 (19)	10	206
1934	N.14 (26)			N.15 (23)			N.16 (23)			N.17 (18)		N.18 (20)	5	90
1935		N.19 (15)	N.20 (18)	N.21 (24)	N.22 (22)	N.23 (24)	N.24 (17)	N.25 (28)	N.26 (19)	N.27 (14)	N.28 (18)	N.29 (26)	11	225
1936			N.30 (23)		N.31 (25)			N.32 (19)		N.33 (22)			4	89
1937								N.34 (19)		N.35 (18)	N.36 (28)	N.37 (13)	4	78
1938					N.38 (22)	N.39 (22)	N.40 (28)	N.41 (17)	N.42 (24)	N.43 (24)	N.44 (19)		7	156
1939						N.45 (20)				N.46 (18)		N.47 (19)	3	57
Total													47	938

QUADRO 2 - Nº. DE EXEMPLARES (NE) E Nº. DE ARTIGOS PUBLICADOS (NA) POR ANO; Nº. TOTAL DE EXEMPLARES E Nº. TOTAL DE ARTIGOS PUBLICADOS DURANTE A DÉCADA DE 1930

Fonte: *Revista de Educação Física* (1932-1939).

** Os números entre parênteses correspondem ao número de artigos publicados em cada *Revista*.

De 1932 a 1939, foram editados 47 números com um total 938 artigos. No primeiro ano de circulação, foram publicados apenas três números; no ano seguinte (1933), circularam dez números. Nos anos posteriores, observamos uma variação na periodicidade e no número de exemplares publicados. Em 1939, os dados sobre o número de exemplares publicados (três) confirmam a influência da participação dos colaboradores/produtores da *Revista* na Segunda Guerra, que teve início em 1939.

No QUADRO 3, é possível observar a periodicidade da *Revista* na década de 1940: no ano de 1940, não é publicado nenhum número; em 1941, foram editadas três revistas; em 1942, foram impressas cinco. Desses números que circularam em 1942, quatro exemplares publicaram artigos que relacionavam a Educação Física com guerra.³² A paralisação das atividades durante o conflito influenciou a circulação da *Revista*. Na década de 1940, foram publicados 16 números e 255 artigos, quantidade bem menor do que na década anterior.

	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set	Out.	Nov.	Dez.	NE	NA
1940													0	0
1941									N.48 (16)		N.49 (12)	N.50 (14)	3	42
1942		N.51 (13)		N.52 (19)		N.53 (15)	N.54 (29)			N.55 (15)			5	101
1943													0	0
1944													0	0
1945													0	0
1946													0	0
1947											N.56 (16)		1	16
1948	N.57 (13)			N.58 (16)				N.59 (11)				N.60 (10)	4	50
1949	1º QUADRIMESTRE N.61 (13)			2º QUADRIMESTRE N. 62 (17)			3º QUADRIMESTRE N. 63 (16)						3	46
TOTAL													16	255

QUADRO 3 - Nº. DE EXEMPLARES (NE) E Nº. DE ARTIGOS PUBLICADOS (NA) POR ANO; Nº. TOTAL DE EXEMPLARES E Nº. TOTAL DE ARTIGOS PUBLICADOS DURANTE A DÉCADA DE 1940

Fonte: *Revista de Educação Física* (1940-1949).

** Os números entre parênteses correspondem ao número de artigos publicados em cada *Revista*.

³²Os artigos sobre a Educação Física e a guerra são: KONDER, Alexandre. Esporte, arma de guerra. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano X, n. 52, p. 3, abr. 1942; CAVALCANTI, Z. L. A mulher em face da guerra. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 53, p. 11-12, jun. 1942; NUNES, Danilo da Cunha. A educação física e a guerra. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 53, p. 24-26, jun. 1942; "A EDUCAÇÃO física e a guerra" – "nossa capa". *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 53, p. 26, jun. 1942; NUNES, Danilo da Cunha. Os atletas e a guerra. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 54, p. 6-8, ago. 1942; RAMALHO, Sette. A Escola de Educação Física do Exército e a guerra. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano X, n. 55, p. 4, out. 1942 e SAMPAIO, Moacir. A educação física e a guerra moderna. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano X, n. 55, p. 27, out. 1942.

No QUADRO 4, é possível observar a periodicidade da *Revista* nos anos de 1950, 1951 e 1952.

	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maió	Jun.	Jul.	Ago.	Set	Out.	Nov.	Dez.	NE	NA
1950	1ª SEMESTRE N.64 (20)						2º SEMESTRE N. 65/66 (31)						2	51
1951	1º SEMESTRE N. 67 (18)						2º SEMESTRE N. 68 (22)						2	40
1952				N.69 (15)									1	15
TOTAL													5	106

QUADRO 4 - Nº. DE EXEMPLARES (NE) E Nº. DE ARTIGOS PUBLICADOS (NA) POR ANO; Nº. TOTAL DE EXEMPLARES E Nº. TOTAL DE ARTIGOS PUBLICADOS ENTRE 1950 E 1952

Fonte: *Revista de Educação Física* (1950-1952).

** Os números entre parênteses correspondem ao número de artigos publicados em cada *Revista*.

De 1950 a 1951, a periodicidade (que era quadrimestral em 1949) passa a ser semestral, fato que, conseqüentemente, diminui o número de novos números. Entre 1950 e 1952 (n. 69), foram colocados em circulação cinco exemplares, com 106 artigos.

Com relação ao formato, foi mantido 32cm x 23cm durante todo o período dessa investigação (1932-1952) e colunagem variável, com diagramação em página inteira, dupla coluna, tripla coluna e, em menor ocorrência, dupla página aberta.

O número de páginas é variável, mas podemos indicar um número aproximado de 40 páginas por exemplar, contadas de capa a capa.

O expediente (diretores, gerentes, secretários) é composto apenas por oficiais do Exército, mas os colaboradores são tanto militares de diferentes patentes, quanto civis. Há autores brasileiros e estrangeiros. Com referência à circulação, a *Revista* circula apenas em âmbito nacional, em setores militares e civis.

A tiragem também é variável. Em diferentes períodos, pode-se dizer que oscilou entre 2.000 e 5.000 mil exemplares. Era vendida avulsa ou por assinatura, mas há evidências de distribuição gratuita.

Atualmente,³³ a edição impressa é somente distribuída, sem ônus, para entidades de ensino e bibliotecas, não havendo possibilidade de assinatura de pessoa física. No entanto vale ressaltar que, com exceção da *Revista* n. 95, as edições do n. 1 ao n. 137 estão disponíveis *on-line*.

³³ Conforme informou, por e-mail, o editor-chefe e tenente-coronel Salem, em 16 de dezembro de 2006.

Os assuntos recorrentes ou conteúdos podem ser vistos no QUADRO 5

1	Educação Física e Biologia	20	Educação Física e Psicologia
2	Educação Física e Sociologia	21	Educação Física e Filosofia
3	Educação Física e História	22	Educação Física e Pedagogia
4	Educação Física e Epistemologia	23	Ginástica
5	Métodos Ginásticos	24	Esportes
6	Jogos	25	Danças
7	Lutas	26	Formação do Professor
8	Ensino Primário (Educação Física de 1ª a 4ª série)	27	Ensino Secundário (Educação Física de 5ª a 8ª série)
9	Ensino Industrial (Educação Física no Ensino Médio)	28	Ensino Comercial
10	Ensino Emendativo (Educação Física Adaptada)	29	Ensino Superior
11	<i>Play-grouds</i> , Parques Infantis e Colônia de Férias	30	Construções e Instalações Esportivas
12	Legislação	31	Políticas Públicas
13	Treinamento Físico Militar Desportivo	32	Biomecânica
14	Jogos Olímpicos	33	Educação Física Feminina
15	Tiro	34	Educação Física Militar
16	Ginástica Rítmica	35	Ciclismo
17	Escotismo	36	Relatórios de Eventos
18	Associações de Representação de Categoria	37	Notícias
19	Bibliografia		

QUADRO 5 - ASSUNTOS RECORRENTES ENTRE 1932 E 1952

Fonte: *Revista de Educação Física* (1932-1952).

A *Revista* é rica em fontes iconográficas. Pode-se dizer que é a mais importante referência de uso desse tipo de fonte em periódicos da área da Educação Física no século XX (FERREIRA NETO, 2003).

Com relação à publicidade, pode-se afirmar que havia divulgação irrestrita de todo tipo de produto. Nos QUADROS 6, 7 e 8 podemos visualizar o tipo de produto anunciado.

Período	1932 -1939 (n. 1 ao n. 47)
Produtos	Máquina fotográfica, binóculos, aparelho de rádio, refrigeradores, chuveiro “quente”, aparelhos de ginástica, móveis para escritórios, pisos para pavimentação de ginásios, tapeçaria, material hidráulico, pólvora, tintas, armas e munição, cerveja e cigarros, farinha de trigo, fermento, café, Tody (achocolatado), Nescáo (Nescau), biscoitos e massas, remédios, pomada para micose, tônico (Nutrion) e creme dental
Serviços	Hidráulicos, construtora, pavimentadora, instituto ortopédico, centro de cultura física, transportadora, escritório de engenharia civil, fornecedores de alimentação para o Exército, Club Militar de Empréstimos, editora, seguradora (seguros de vida), emissora de rádio, associações de crédito, estúdio fotográfico, vidraceiro, bancos, corretor de navios e alfaiate
Lojas	Papelaria (T. Janér & Cia, fornecedora da <i>Revista de Educação Física</i>), artigos esportivos, jóias e relógios, aparelhos para gabinetes de: biometria, ortopedia, radioterapia, hidroterapia, fisiologia; produtos para o lar (rádio, fogões), produtos para laboratórios médicos, roupas (camisarias), confeitaria, acessórios para automóveis, ótica, drogaria, sapataria, artigos para crianças, artigos para pesca, artigos para militares (uniformes, calçados), luminárias, instrumentos científicos
Indústrias	Importação e exportação, companhia de navios, tecidos, tintas, café, manteiga, instrumentos musicais e Companhia Mecânica Internacional
Empresas	Lotérica, companhia telefônica, companhia de energia elétrica, Caixa Econômica e Banco do Brasil.
Educação	Cursos preparatórios, Regulamento de Educação Física, Instituto Militar de Ensino e aulas de ginástica pelo rádio
Entretenimentos	Cassinos e hotéis

QUADRO 6 - PUBLICIDADE NA REVISTA (1932-1939)

Fonte: *Revista de Educação Física* (1932-1939).

Nesse quadro, observamos a variedade e diversidade nos anúncios. Entre os produtos, têm-se os “para casa”, “para uso pessoal”, alimentos, remédios e produtos

de higiene, além de produtos exclusivamente de uso militar. Cabe observar a presença de produtos ligados à higiene e o tônico fortificante, que podem estar relacionados com a questão da saúde, associada, no impresso, à Educação Física.³⁴

Nos anúncios de lojas, também verificamos a mesma variedade. Há anúncios de lojas que vendem produtos de uso exclusivo dos militares e outros de artigos variados, sobretudo, notamos a presença mais forte de lojas de produtos esportivos, aparelhos para gabinetes de biometria, ortopedia, hidroterapia, fisiologia, laboratórios médicos, enfim, empresas que vendem produtos relacionados com prática de esportes ou aparelhos de áreas vinculadas com a Educação Física.

Há presença, também, de propagandas de empresas estatais, o que evidencia as relações de cordialidade entre militares e governo.

Com referência à educação, há alguns anúncios sobre cursinhos preparatórios, sobre o Regulamento de Educação Física, de institutos de ensino militares e de aulas de ginástica pelo rádio. Sobre esse último item, vale frisar que as propagandas de aulas de ginástica pelo rádio aparecem em várias revistas, com o nome da rádio e a frequência, abaixo o nome do Ministério da Educação e os horários e dias das aulas.

A diversidade nos anúncios é mais evidente nas propagandas de cassinos, que, embora em menor número, estão presentes no impresso.

Vale ressaltar que algumas lojas que anunciavam na *Revista* eram fornecedoras de algum serviço ou material para o Exército ou para as Forças Armadas. É o caso da papelaria T. Janér & Cia, de lojas de móveis, de fornecedoras de alimentos, de lojas de produtos para gabinetes de biometria, por exemplo. Esses anúncios são sinais de parcerias entre o Exército e seus fornecedores, para pôr a *Revista* em circulação. Essa também é outra questão que merece uma atenção e análise aprofundada, uma vez que existe, no impresso, a informação de que a *Revista* era vendida sem fins comerciais e, também, o registro de que a venda era feita por assinatura. Pode não ter fins comerciais e ser vendida por assinatura?

No QUADRO 7, apresentamos os tipos de anúncios presentes na *Revista* entre 1940 e 1949.

³⁴ Semelhante observação é feita por Schneider (2003), ao analisar a revista *Educação Physica*.

Período	1940 -1949 (n. 48 ao n. 63)
Produtos	Binóculos, aparelho de rádio, cronógrafos (cronômetros), móveis para escritórios, móveis, bebedouros, geladeira, caixas d'água, pneus, farinha de trigo, Nescão (Nescau), molho (condimentos), leite, Gillete, remédios, tônico (Nutrion), creme dental, sabonáceo, talco, magnésio fluido, xampu
Serviços	Editora, seguradora (seguros de vida), associações de crédito, bancos, companhia aérea, recauchutadora de pneus, imobiliária, marcenaria, refrigeração, gráfica
Lojas	Papelaria, artigos esportivos, aparelhos para gabinetes de biometria, produtos para o lar, roupas (camisarias), ótica, sapataria, artigos para militares (uniformes, calçados), produtos agrícolas, farmácias e malhas
Indústrias	Importadoras e exportadoras, tecidos, tintas, motores agrícolas, curtume, tecidos, gás e lonas
Empresas	Companhia telefônica, companhia de energia elétrica, Caixa Econômica e Companhia Siderúrgica Nacional
Educação	Cursos preparatórios e cursos de inglês
Entretenimentos	Cassinos e hotéis

QUADRO 7 - PUBLICIDADE NA REVISTA (1940-1949)

Fonte: *Revista de Educação Física* (1940-1949).

Com relação ao tipo de produto anunciado, não observamos grande variação, com exceção aos anúncios de produtos que podem ser relacionados com representações de Educação Física e esportes como práticas indispensáveis ao melhoramento da saúde, como o tônico fortificante e o leite, por exemplo.

Quanto aos serviços, também observamos pequena alteração, com certa diminuição nos anúncios. O mesmo não se pode dizer com relação à propaganda de lojas em que constatamos uma redução significativa, evidenciando que a *Revista* pode ter “perdido” alguns patrocinadores.

Nos itens indústrias, empresas e entretenimentos, também não encontramos grandes alterações. No item educação, observamos que foram feitos apenas anúncios de escolas de inglês e cursos preparatórios. Destacamos a ausência de propaganda do Regulamento de Educação Física.

No QUADRO 8, podemos observar as propagandas veiculadas pela *Revista* entre 1950 e 1952.

Período	1950 - 1952 (n. 64 a n. 69)
Produtos	Cronógrafos (cronômetros), móveis, máquinas para escritório, bola (<i>superball</i>), amplificadores (Philips), papel e durex (fita adesiva), cigarros, cerveja e refrigerantes, alimentos para esportistas (Milo Nestlé) e <i>ovomaltine</i> (achocolatado), remédios, creme dental e pomadas
Serviços	Seguradora (seguros de vida), bancos, companhia aérea, imobiliária, agência de viagem, instalações elétricas, construtora, mudanças, emissora de rádio, alfaiataria e churrasceria
Lojas	Papelaria, artigos esportivos, loja de produtos em geral (Mesbla), roupas (camisarias), sapataria, artigos para militares (uniformes, calçados), malhas, produtos fotográficos, ferramentas, relojoaria, café e bar, louças, vidros e espelhos, bebidas, confeitaria, casa de peles, ginásio de alterofilismo (academia), tintas e ferragens
Indústrias	Importadoras e exportadoras, tecidos, fábrica de amolas, cimento
Empresas estatais	Companhia de energia elétrica, Caixa Econômica, Banco do Brasil e Loteria Federal
Entretenimentos	Hotéis

QUADRO 8 - PUBLICIDADE NA REVISTA (1950-1952)

Fonte: *Revista de Educação Física* (1950-1952).

Entre 1950 e 1952, houve pouca variação nos itens produtos, serviços e lojas, comparando esse período com a década de 1940. É importante ressaltar, ainda, que, em 1950 foi publicada uma edição especial da *Revista* com dois números (65/66) integrados em um volume, rico em anúncios, sobretudo sobre hotéis, com várias imagens da cidade do Rio de Janeiro, e do estádio do Maracanã. Esses anúncios relacionam-se com o fato de que, em 1950, foi realizado, no Rio de Janeiro o quarto campeonato mundial de futebol ou a Copa do Mundo. O Brasil ficou em segundo lugar e o Uruguai em primeiro.

Comparando os anúncios feitos durante o período desta investigação, podemos dizer que o número de propagandas diminuiu no decorrer do mesmo. Entretanto o tipo de produto e as empresas que anunciavam não alteraram muito. Observamos forte tendência de propaganda do comércio do Rio de Janeiro, um indício do suposto patrocínio feito por pequenos comerciantes locais e, ainda, uma pista sobre as possíveis parcerias firmadas entre esses estabelecimentos e o Exército. Essa questão deve ser mais bem analisada no impresso, em pesquisas futuras.

Mais tarde, em 1992, a *Revista* passa a ser órgão oficial do Centro de Capacitação Física do Exército (CCFEx), uma ampliação da Escola de Educação Física do Exército, que reuniria, na mesma área física, ensino, pesquisa e desporto: o ensino, a cargo da Escola de Educação Física do Exército; a pesquisa sob a responsabilidade do Instituto de Pesquisa e Capacitação Física (IPCF) e o desporto aos cuidados da Comissão de Desportos do Exército.

A *Revista* passa, então, a ser editada pelo IPCF, com o propósito de publicar assuntos de cunho científico, ligados ao campo da saúde, adquirindo aspecto de revista científica e apresentando artigos dirigidos ao meio acadêmico, conforme salienta o tenente-coronel Dinaldo Sabino de Figueiredo (2005).

Os desafios atuais, de acordo com o conselho editorial são: aprimorar o rigor científico dos artigos presentes na *Revista*, visando à indexação e graduação nos Órgãos Nacionais de Apoio à Pesquisa (CAPES e CNPq), e agilizar a informação veiculada, transformando sua periodicidade (de anual para quadrimestral).³⁵

Os dados nos permitem considerar a *Revista de Educação Física* como um dos principais periódicos da Educação Física brasileira. É a que possui a maior

³⁵Essas informações constam na página inicial do site da *Revista de Educação Física*: <www.revistadeeducacaofisica.com.br>.

periodicidade e longevidade, pondo em circulação uma vasta gama de conteúdos, tornando-a uma fonte de central importância para pesquisas em diversas áreas, principalmente pesquisas historiográficas em Educação e em Educação Física.

2.2 Mapeamento da produção sobre Educação Física Escolar

O objetivo aqui é apresentar um levantamento do número de artigos sobre Educação Física escolar, os autores estrangeiros mais citados e suas obras indicadas como referência nesses artigos e, ainda, informações sobre os articulistas que mais escreveram sobre esse tema, no período de 1932 a 1952.

Ressaltamos que no mapeamento localizamos, também, autores e obras nacionais, entretanto não foi objetivo dessa investigação analisar as possíveis apropriações desses autores e suas obras. Iremos apenas apresentar os artigos em que foram citados e os conceitos utilizados pelos articulistas, que podem servir como pistas para estudos posteriores.

É importante salientar que um levantamento inicial foi feito desde o primeiro número da *Revista*, publicado em maio de 1932, até 2007 (n. 137). No primeiro mapeamento localizamos artigos sobre Educação Física escolar de 1932 a 1990. Após 1990, apenas um artigo sobre esse tema foi identificado, numa *Revista* publicada no ano de 2006. No QUADRO 9, apresentamos o número de artigos relacionados com o tema localizados na *Revista*.

Décadas	Nº. de artigos
1930-1939	87
1940-1949	23
1950-1959	28
1960-1969	4
1970-1979	8
1980-1989	1
1990-1999	1
2000-2007	1
TOTAL	153

QUADRO 9 - ARTIGOS SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (1932-2007)

Fonte: *Revista de Educação Física* (1932-2007).

Dos 153 artigos relacionados com o tema Educação Física escolar, publicados na *Revista* entre 1932 e 2007, nossa investigação se concentrou na análise de 108 artigos que circularam de 1932 a 1952. As referências dos artigos sobre a Educação Física escolar, nas décadas de 1960, 1970, 1980, 1990 e 2000

(até 2007), assim como os autores e obras localizadas nesses artigos encontram-se no APÊNDICE A.

Como dito, foram selecionados os artigos “para a” ou “sobre a” Educação Física escolar, que foram organizados em 18 temáticas: Educação Física e esportes na escola; Educação Física infantil e jogos; legislação referente à Educação Física escolar; Medicina e Educação Física escolar; Lições de Educação Física; dramatizações e ginástica historiada; conferências e congressos sobre Educação e Educação Física; Educação Física e Psicologia; “notícias sobre” a Educação Física nos Estados brasileiros; Educação Física e Educação; relatos sobre experiências com a Educação Física em escolas; método francês; Educação Física e Pedagogia; Educação Física corretiva; professores e instrutores de Educação Física; Fisiologia; Biometria; Antropometria e Biotipologia.

No QUADRO 10,³⁶ podem ser visualizados os 108 artigos utilizados no mapeamento relativo aos autores e às obras de referência:

MAPA DOS ARTIGOS RELACIONADOS COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR				
EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES NA ESCOLA (1)				
Nº.	Artigo	Autor	Revista N.	Ano
1	Atletismo racional	RODRIGUES, Mario de Queiroz	8	1933
2	Ginástica e desporto	R. NETTO, Américo	9	1933
3	Considerações sobre uma competição infantil de “Box inglês”.	MARTINS, Bráulio Durvault	20	1935
4	EDUCAÇÃO física no estado do Espírito Santo: olimpíada escolar de 1948	Não assinado	60	1948
5	EDUCAÇÃO física no estado do Espírito Santo	Não assinado	68	1951
EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL e JOGOS (2)				
6	Educação física infantil	MARTINS, Ivanhoé Gonçalves	2	1932
7	EDUCAÇÃO física infantil: em forma de jogo	Não assinado	4	1933
8	Educação sensorial	MARTINS, Ivanhoé Gonçalves	8	1933
9	Valor educativo dos jogos	COSTA, Haydée Coutinho da	10	1933
10	Os jogos infantis	GONZAGA, Otávio	20	1935
11	Educação física infantil: jogos infantis	LOBO, Custódio Batista	53	1942
12	Jogos infantis	LOBO, Custódio Batista	54	1942
13	Programas de “educação física” para o jardim de infância e escola primária, secundária, comercial e superior.	VAZ, Maria Jacy Nogueira; STRAMANDINOLI, Cecília	56	1947

QUADRO 10 - ARTIGOS SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (1932-1952)

Fonte: *Revista de Educação Física* (1932-1952).

(continua)

³⁶ Os títulos dos artigos foram mantidos conforme o texto original.

MAPA DOS ARTIGOS RELACIONADOS COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR				
LEGISLAÇÃO REFERENTE À EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (3)				
Nº.	Artigo	Autor	Revista N.	Ano
14	Educar e instruir	AMARAL, Inácio M. Azevedo do	22	1935
15	Mente sã em corpo são	ABREU, Modesto de	34	1937
16	UM NOVO órgão técnico-administrativo de educação física	Não assinado	36	1937
17	AS ATIVIDADES da divisão de educação física do ministério de educação	Não assinado	39	1938
18	A DIVISÃO de educação física do ministério da educação e o ensino secundário	Não assinado	41	1938
19	A educação física e a constituição de 10 de novembro pelo prof. Álvaro Cardoso	CARDOSO, Álvaro	45	1939
20	A educação física no meio civil em face dos preceitos legais que a regulam	MARINHO, Inezil Penna	53	1942
21	COMO se educa a mocidade do Brasil	Não assinado	54	1942
22	COMO se educa a mocidade do Brasil	Não assinado	54	1942
23	LEGISLAÇÃO: disposições conexas ao regulamento da educação física	Não assinado	54	1942
MEDICINA E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (4)				
24	SEDENTARIEDADE	Não assinado	3	1932
25	SEDENTARIEDADE	Não assinado	3	1932
26	Educação: de como pode a medicina moderna influir para a melhoria da sociedade	STOFFEL, Floriano Peixoto Martins	6	1933
27	O MÉDICO escolar e a educação física	Não assinado	11	1933
28	Exercício físico, agente profilático e terapêutico	MARTINS, Bráulio Durval	12	1933
29	O controle médico da educação física em suas relações com a biotipologia e a endocrinologia	STOFFEL, Floriano Peixoto Martins	31	1936
30	O exame médico na educação física da criança, pelo método francês	RAMALHO, Sette Augusto	33	1936
31	Das relações do médico e o instrutor em educação física	STUDART, Lauro	39	1938
32	CONT. DA 1ª conferencia realizada pela divisão de educação física para os inspetores de ensino	Não assinado	43	1938
33	A saúde das crianças das escolas brasileiras pelo prof. Idílio Alcântara (inspetor regional de educação física do estado de São Paulo)	ABADE, Idílio Alcântara	45	1939
34	CURSOS de emergência de educação física	Não assinado	45	1939
35	1º CONGRESSO brasileiro de medicina da educação física e desportos	Não assinado	61	1949
LIÇÕES DE EDUCAÇÃO FÍSICA, DRAMATIZAÇÕES e GINÁSTICA HISTORIADA (5)				
36	Lição de educação física	ROLIM, Inácio de Freitas	2	1932
37	Lição de educação física	BONORINO, Laurentino Lopes	3	1932
38	Lição de educação física	TEIXEIRA, Paulo	4	1933
39	Lição de educação física: ciclo de 9 a 11 anos – 3º grau do ciclo elementar	ROLIM, Inácio de Freitas	7	1933
40	Um passeio na fazenda	RODRIGUES, Mario de Queiroz.	7	1933
41	Dramatizações	AZEVEDO, Dora Gouvêa de	9	1933
42	LIÇÃO de educação física feminina	Não assinado	36	1937

QUADRO 10 - ARTIGOS SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (1932-1952)Fonte: *Revista de Educação Física* (1932-1952).

(continuação)

MAPA DOS ARTIGOS RELACIONADOS COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR				
LIÇÕES DE EDUCAÇÃO FÍSICA, DRAMATIZAÇÕES e GINÁSTICA HISTORIADA (5)				
Nº.	Artigo	Autor	Revista N.	Ano
43	Educação infantil método para a realização das lições de educação física	MORAIS, Felisbina Pinheiro	41	1938
44	Educação física infantil: método prático para a realização das lições de educação física	LOBO, Custódio Batista	42	1938
45	Educação física infantil: método para a realização das lições de educação física organização da professora Felisbina Pinheiro Morais	MORAIS, Felisbina Pinheiro	44	1938
46	Educação física infantil: método prático para a realização das lições de educação física organização da professora Felisbina Pinheiro Morais	MORAIS, Felisbina Pinheiro	45	1939
47	Educação física infantil: lição de educação física infantil	ABADE, Idílio Alcântara	46	1939
48	Educação física infantil	LOBO, Custódio Batista	58	1948
49	EDUCAÇÃO física infantil	Não assinado	65/66	1950
CONFERÊNCIAS E CONGRESSOS SOBRE EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA (6)				
50	O exercito e o 5º congresso de educação	PINHEIRO, João Ribeiro	2	1932
51	CONFERÊNCIA nacional de proteção á infância	Não assinado	11	1933
52	VII CONGRESSO nacional de educação	Não assinado	24	1935
53	TESE apresentada pelo cap. Horácio Cândido Gonçalves ao VII congresso de educação	Não assinado	29	1935
54	A EDUCAÇÃO física no ministério da educação	Não assinado	40	1938
55	1º PALESTRA realizada durante o curso de inspetores de ensino, sobre a e. física	Não assinado	42	1938
56	SEGUNDA conferencia realizada pela divisão de educação física para os inspetores de ensino	Não assinado	43	1938
57	PRIMEIRO congresso paulista de educação física	Não assinado	48	1941
58	A EDUCAÇÃO física no estado de São Paulo	Não assinado	56	1947
EDUCAÇÃO FÍSICA E PSICOLOGIA (7)				
59	O primeiro ano da criança na escola e o seu crescimento físico	ABADE, Idílio Alcântara	8	1933
60	OBJETIVOS psicológicos na educação física	Não assinado	23	1935
61	CONDUTA da criança: significação psicológica de sua conduta durante os jogos.	Não assinado	29	1935
62	A educação física elementar sob o ponto de vista da caracterologia	RAMOS, Artur	33	1936
63	A educação física sob o ponto de vista psicológico: orientação colhida na obra de Lafarge e Nayrac.	FREITAS, Airton Salgueiro	39	1938
64	Necessidade da educação física para firmar espiritual e fisicamente a personalidade da criança	ABADE, Idílio Alcântara	52	1942
65	A educação física no colégio militar	COSTA, Albino Manoel da	62	1949
66	A psicologia e o ensino da educação física infantil	COSTA, Albino Manoel da	64	1950
“NOTÍCIAS SOBRE” A EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ESTADOS BRASILEIROS (8)				
67	A educação física no Espírito Santo	Não assinado	10	1933
68	A EDUCAÇÃO física no estado do Espírito Santo	Não assinado	12	1933
69	A educação física em Minas Gerais	MORAES, Áureo	13	1933

QUADRO 10 - ARTIGOS SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (1932-1952)Fonte: *Revista de Educação Física* (1932-1952).

(continuação)

MAPA DOS ARTIGOS RELACIONADOS COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR				
“NOTÍCIAS SOBRE” A EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ESTADOS BRASILEIROS (8)				
Nº.	Artigo	Autor	Revista N.	Ano
70	O DESENVOLVIMENTO da educação física em Minas Gerais	Não assinado	14	1934
71	O ESTADO do Espírito Santo e seus trabalhos em prol da educação física	Não assinado	17	1934
72	A EDUCAÇÃO física em São Paulo	Não assinado	18	1934
73	A ESCOLA superior de educação física de São Paulo, em estágio na Escola de Educação Física do Exército.	Não assinado	19	1935
74	O ESTADO do Espírito Santo e a educação física	Não assinado	33	1936
75	A educação física no Pará	TÓRRES, Orlando M.	33	1936
76	A EDUCAÇÃO física no estado da Baía	Não assinado	36	1936
77	A educação física no estado do Espírito Santo (conclusão na página 33)	ARAUJO, Alcyr Queiroz de	68	1951
EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO (9)				
78	Fernando de Azevedo e a educação física	BONORINO, L. Lopes	6	1933
79	Educação e cultura física	LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström	7	1933
80	Educação física e educação intelectual	CASTELLO BRANCO, Pacífico	7	1933
81	Um problema da máxima importância para nossa nacionalidade	STOFFEL, Floriano Peixoto Martins	30	1936
82	Um grande conceito	MAGALHÃES, Fernando de	54	1942
83	A EDUCAÇÃO física	CALMON, Pedro	69	1952
RELATOS SOBRE EXPERIÊNCIAS COM A EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLAS (10)				
84	A educação física feminina na escola Paulo de Frontin	RODRIGUES, Mario de Queiroz	6	1933
85	A escola superior de educação física de São Paulo e sua escola de aplicação ao ar livre	ABADE, Idílio Alcântara	48	1941
86	EDUCAÇÃO física racional	Não assinado	51	1942
87	A EDUCAÇÃO física no Colégio Arquidiocesano de São Paulo	Não assinado	52	1942
88	A EDUCAÇÃO física no instituto Santa Maria de Curitiba	Não assinado	53	1942
89	CORPOS hígidos	Não assinado	55	1942
90	A educação física no colégio militar	COSTA, Albino Manoel	62	1949
MÉTODO FRANCÊS (11)				
91	A defesa de Georges Demeny: insincero ou não?	MARTINS, Ivanhoé Gonçalves	2	1933
92	Importância da educação física para um povo: o método adotado.	MOLINA, Antônio de Mendonça	3	1932
93	Comparando...	MARTINS, Ivanhoé Gonçalves	9	1933
94	Estilização do método francês. Como fazê-la, em relação à educação física feminina, nos estabelecimentos de ensino secundário	ABADE, Ilídio Alcântara	31	1936
95	O MÉTODO francês em face da criação de outros métodos adaptáveis ao Brasil: contribuição da E.E.F.E., ao congresso de educação física realizado no estado de São Paulo, pela associação de professores de educação física desse estado, em 1947.	Não assinado	58	1948
EDUCAÇÃO FÍSICA E PEDAGOGIA (12)				
96	A pedagogia e a educação física	PINHEIRO, João Ribeiro	6	1933
97	Princípios pedagógicos	SILVA, Valdemar de Lima	30	1936
98	Unidade de doutrina	CAVALCANTI, Newton	2	1932

QUADRO 10 - ARTIGOS SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (1932-1952)Fonte: *Revista de Educação Física* (1932-1952).

(continuação)

MAPA DOS ARTIGOS RELACIONADOS COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR				
EDUCAÇÃO FÍSICA CORRETIVA (13)				
Nº.	Artigo	Autor	Revista N.	Ano
99	Processos práticos para correção dos desvios vertebrais	CASTELLO.BRANCO, Pacifico	7	1933
100	Medicina e higiene: dores do crescimento	GONZAGA, Octavio	9	1933
101	Educação física feminina: exercícios preventivos ou corretivos e de relaxamento	GUÉRIOS, Stella M.	57	1948
PROFESSORES E INSTRUTORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA (14)				
102	Aos instrutores de educação física	ROLIM, Inácio Freitas	14	1934
103	A ASSOCIAÇÃO de professores de educação física de São Paulo e suas atividades	Não assinado	31	1936
FISIOLOGIA (15)				
104	Fadiga física e psíquica.	OLINTO, Plínio	12	1933
BIOMETRIA (16)				
105	Fichas para crianças	RAMALHO, Sette Augusto	8	1933
106	Índices biométricos femininos	STUDART, Lauro	35	1937
ANTROPOMETRIA (17)				
107	Determinação da idade fisiológica das crianças pelos dados antropológicos registrados graficamente: método brasileiro	RAMALHO, Sette Augusto	32	1936
BIOTIPOLOGIA (18)				
108	Biotipologia	STOFFEL, Floriano Peixoto Martins	37	1937

QUADRO 10 - ARTIGOS SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (1932-1952)

Fonte: *Revista de Educação Física* (1932-1952).

(conclusão)

Dos 108 artigos localizados referentes à Educação Física escolar, 41 artigos não são assinados. O restante (67) é assinado por 38 autores. Dentre esses 38 autores, havia militares e civis. Entre os militares, encontra-se a presença de todas as patentes – sargento, tenente, capitão, tenente-coronel e major. No que se refere à formação relativa à Educação Física, havia monitores e instrutores. Além disso, médicos militares do Curso de Medicina desportiva da Escola de Educação Física do Exército. Entre os civis, inspetores de ensino, funcionários do governo no Ministério da Educação e Saúde, professores de universidades (Universidade do Brasil, Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro), professores da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, educadores, intelectuais, professores do colégio militar, escolas particulares e escolas públicas e médicos civis.

No QUADRO 11, são apresentados os autores que escreveram sobre a Educação Física escolar, o número de artigos que escreveram sobre esse tema, o número da *Revista* em que publicaram o artigo com esse tema e, ainda, informações, como profissão ou instituição a que se veiculavam:

AUTORES DOS ARTIGOS ANALISADOS				
	Autor do artigo	Informações sobre o autor	Nº. de artigos publicados sobre EF escolar	Revista N./Ano
1	ABADE, Idílio Alcântara	Inspetor regional de Educação Física do Estado de São Paulo. Colaborador da <i>Revista de Educação Física</i>	6	8 (1933), 31 (1936), 45 (1939), 46 (1939), 48 (1941), 52 (1942)
2	MARTINS, Ivanhoé Gonçalves	Primeiro-tenente	4	2 (1932), 8 (1933), 9 (1933)
3	LOBO, Custódio Batista	Realizou o curso de monitores em 1933. Foi monitor na Escola de Educação Física do Exército (EsEFEX) entre 1934-1948, destacou-se pela presença marcante nas colônias de férias realizadas na Escola	4	42 (1938), 53 (1942), 54 (1942), 58 (1948)
4	STOFFEL, Floriano Peixoto Martins	Auxiliar técnico da cadeira de Propedêutica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, assistente do gabinete de Biontologia do Serviço do Professor Rocha Vaz e médico assistente à Educação Física da Escola Técnica Secundária do Distrito Federal	4	6 (1933), 30 (1936), 31 (1936), 37 (1937)
5	RAMALHO, Augusto Sette	Capitão. Chefe do Departamento médico da EsEFEx e instrutor de Biometria da EsEFEx.	3	8 (1933), 32 (1936), 33 (1936)
6	ROLIM, Inácio de Freitas	Diplomado em Joinville le Pont. Foi responsável pela tradução do Manual de Treinamento Físico Militar Francês. Junto com Antônio de Mendonça Molina ajudou a organizar o Departamento de Educação Física da Força Pública Mineira. Foi diretor da <i>Revista</i> por vários anos. Em 1938, foi nomeado diretor da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFED)	3	2 (1932), 7 (1933), 14 (1934)
7	MORAIS, Felisbina Pinheiro	Professora	3	41 (1938), 44 (1938), 45 (1939)
8	RODRIGUES, Mario de Queiroz	Professor Público. Diplomado pela EsEFEx	3	6 (1933), 7 (1933), 8 (1933)
9	BONORINO, Laurentino Lopes	Tenente. Ajudou a organizar o Curso Especial de Educação Física, para formação de normalistas no Espírito Santo (1931). Criou, em Pernambuco, os cursos regionais de Educação Física. Foi professor e diretor da ENEFED	2	3 (1932), 6 (1933)
10	STUDART, Lauro	Médico e instrutor da EsEFEx	2	35 (1937), 39 (1938)
11	COSTA, Albino Manoel da	Instrutor EsEFEx, instrutor de Educação Física infantil da Escola Primária Mem de Sá, ex-aluno da classe de Psicologia Aplicada do Curso de Extensão Universitária da Faculdade do Brasil. Em 1947-1948, foi instrutor-chefe da Seção de Educação Física-ciclo-secundário, do colégio militar	2	64 (1950), 68 (1951)
12	CASTELLO BRANCO, Pacifico	Primeiro-tenente-médico	2	7 (1933)
13	PINHEIRO, João Ribeiro	Major	2	2 (1932), 6 (1933)
14	MARTINS, Bráulio Durvault		2	12 (1933), 20 (1935)
15	GONSAGA, Octavio	Médico	2	9 (1933), 20 (1935)
16	FREITAS, Airton Salgueiro	Foi técnico da equipe de pentatlo moderno nos jogos Olímpicos em Londres, 1948	1	39 (1938)

QUADRO 11 - INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES QUE ESCREVERAM ARTIGOS SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR ENTRE 1932 E 1952

Fonte: *Revista de Educação Física* (1932-1952).

(continua)

AUTORES DOS ARTIGOS ANALISADOS				
	Autor do artigo	Informações sobre o autor	Nº. de artigos publicados sobre EF escolar	Revista N./Ano
17	MAGALHÃES, Fernando de		1	54 (1942)
18	MARINHO, Inezil Penna	Formado pela EsEFEx em 1938. Foi chefe da seção técnico-pedagógica da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde e professor catedrático da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFED)	1	53 (1942)
19	CAVALCANTI, Newton	Tenente-coronel	1	2 (1932)
20	MORAES, Áureo	Médico especializado em Medicina Desportiva. Foi professor de Fisiologia e Cinesiologia da EsEFEx e solicitado para dirigir essas disciplinas na ENEFED	1	13 (1933)
21	R. NETTO, Américo		1	9 (1933)
22	SILVA, Valdemar de Lima	Primeiro-tenente	1	30 (1936)
23	LOURENÇO FILHO, Manoel B.	Diretor do Instituto de Educação.	1	7 (1933)
24	MOLINA, Antônio de Mendonça	Instrutor diplomado na primeira turma da EsEFEx. Ministrou as disciplinas de História da Educação Física e Pedagogia. Foi um dos responsáveis pela tradução do Manual de Treinamento Físico Militar Francês	1	3 (1932)
25	OLINTO, Plínio		1	12 (1933)
26	VAZ, Maria Jacy Nogueira	Da ENEFED.	1	56 (1947)
27	AMARAL, Inácio M. Azevedo do	Professor catedrático da Escola Naval e da Escola Politécnica da Universidade Rio de Janeiro, ex-diretor da Escola Normal do Distrito Federal	1	22 (1935)
28	ABREU, Modesto de		1	34 (1937)
29	ARAUJO, Alcyr Queiroz de		1	68 (1951)
30	AZEVEDO, Dora Gouvêa de	Professora	1	9 (1933)
31	CARDOSO, Álvaro		1	45 (1939)
32	COSTA, Haydée Coutinho da		1	10 (1933)
33	GUÉRIOS, Stella M.		1	57 (1948)
34	RAMOS, Artur	Médico do Serviço de Ortofrenia do Distrito Federal	1	33 (1936)
35	TEIXEIRA, Paulo	Sargento	1	4 (1933)
36	STRAMANDINOLI, Cecília	Da ENEFED	1	56 (1947)
37	CALMON, Pedro		1	69 (1952)
38	TÔRRES, Orlando M.		1	33 (1936)

QUADRO 11 - INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES QUE ESCREVERAM ARTIGOS SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR ENTRE 1932 E 1952

Fonte: *Revista de Educação Física* (1932-1952).

(Conclusão)

O autor que mais escreveu artigos sobre a Educação Física escolar (seis artigos) para a *Revista*, no período investigado, foi Idílio Alcântara Abade. Esse autor não era militar. Ele exerceu o cargo de inspetor regional de Educação Física no Estado de São Paulo e também foi citado na *Revista* como colaborador. Os vestígios indicam que era uma espécie de correspondente que “dava notícias” sobre o desenvolvimento da Educação Física nas escolas de São Paulo.

É importante salientar a presença de autores que também participaram como membros da ABE, como Inácio de Freitas Rolim (militar), Fernando de Magalhães e Lourenço Filho (civis). A análise de Linhales (2006) mostra a ABE como um local por onde circularam, na década de 1920 e metade da década de 1930, sujeitos de variadas instituições (como o Exército e a Associação Cristã de Moços) que, nesse período, discutiam, ora aproximando, ora distanciando, projetos culturais para a Educação Física e os esportes. Na análise que fez de alguns artigos da *Revista*, a autora também localizou esses e outros autores que participaram da ABE e que escreveram para esse impresso, indiciando a rede de relações que se estabeleceu entre esses sujeitos.

Em síntese, podemos dizer que havia grande número de autores que escreveram artigos sobre o tema Educação Física escolar (38 autores escreveram 66 artigos), assim como uma diversidade com a presença de autores militares e civis, de diferentes profissões, de diferentes instituições, mas que discutiam um tema comum.

2.3 Os autores nacionais de referência

No QUADRO 12, podem ser visualizados os autores nacionais citados, o conceito e o artigo em que foi citado. Com exceção de Fernando de Azevedo, os demais autores tiveram algum conceito ou idéia citados em apenas um artigo:

Autor citado	Conceito ou idéia	Artigo
Porto Carrero	Educação sexual (baseado em Freud)	Stoffel (1933), n. 6
Waldemar Berardineli	Biontologia	Stoffel (1933), n. 6
Nicanor Miranda	Jogo (educação moral)	Costa (1949), n. 62
Djacir Menezes	Relações entre crescimento físico e desenvolvimento mental	Abade (1942), n. 52
Manoel Bonfim	Imitação (ato de imitar pela criança)	Martins (1933), n. 7
Lourenço Filho	Educação integral (física, intelectual e moral)	Stramondinolli e Vaz (1947), n. 56
Fernando de Azevedo	"A saúde, as qualidades morais eram três coisas que, já na velha concepção grega andavam juntas"	Lourenço Filho (1933), n. 7
	A idéia de que "embrutecimento" do atleta por meio do excesso de exercício era prejudicial, com risco de "cair" na "monstruosidade" ou na "patologia" (ANTINOÛS)	<i>Revista de Educação Física</i> (1938), n. 42

QUADRO 12 - AUTORES NACIONAIS CITADOS NOS ARTIGOS SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Fonte: *Revista de Educação Física* (1932-1952).

Dos autores nacionais que tiveram idéias ou conceitos citados nos artigos sobre Educação Física escolar, Fernando de Azevedo foi o autor mais mencionado. No tópico a seguir, em que analisamos as citações "extraídas" de "obras" de referência nacionais, examinamos os artigos em que Azevedo foi citado, assim como os artigos em que foram mencionadas publicações de Theobaldo Miranda Santos e Djacir Menezes, autores que tiveram conceitos e "obras" citados ou mencionados.

2.4 "Obras" nacionais

No levantamento, foram considerados livros, revistas e artigos. Já indicamos a dificuldade na localização de referências, pelo fato de que os autores dos artigos não utilizaram essa prática com freqüência. Em 108 artigos selecionados, publicados entre 1932 e 1952, e relacionados de forma direta ou indireta com a Educação Física escolar, foram localizadas as "obras" nacionais, a seguir, no QUADRO 13.

Nº.	"Obras" nacionais
1	AZEVEDO, Fernando de. <i>Antinoüs</i>
2	AZEVEDO, Fernando de. <i>Novos Caminhos e Novos Fins</i>
3	MENEZES, Djacir. <i>Pedagogia</i>
4	OLINTO, Plínio. <i>Educação e Pediatria</i> (Revista)
5	SANTOS, Theobaldo Miranda. <i>Tratado de Psicologia da Criança</i>

QUADRO 13 - OBRAS NACIONAIS (1932-1952)

Fonte: *REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA* (1932-1952).

2.4.1 A presença de Fernando de Azevedo

Dentre as “obras” localizadas de autores nacionais, destaca-se a presença de duas, do mesmo autor, *Antinoüs* e *Novos caminhos e novos fins*, de Fernando de Azevedo. Esse autor foi o mais citado em alguns artigos que discutiam a Educação Física escolar, entretanto as referências a ele são tanto relativas ao seu trabalho, em suas passagens pela Instrução Pública no Rio de Janeiro e em São Paulo, e sua atuação em “prol” da divulgação da Educação Física nesses Estados, quanto à utilização de algumas de suas idéias pelos autores dos artigos para discutirem a Educação Física escolar.

Em março de 1933 (*Revista* n. 6), o então capitão Laurentino Lopes Bonorino publica um artigo intitulado *Fernando de Azevedo e a Educação Física*. O texto era uma homenagem da *Revista* àquele que, para o Exército “[...] sintetiza os Ideais de Escola Nova no ambiente da Pátria” (BONORINO, 1933, [s.p.]) e era conhecedor do “problema da Educação Física” e que sempre atuou em prol de seu desenvolvimento.

De acordo com Bonorino, durante 20 anos, Fernando de Azevedo enfatizou a importância da Educação Física (ginástica) na escola: “É necessário contemplar a ginástica científica num programa escolar, e de se quebrarem as cadeias do empirismo” (AZEVEDO, apud BONORINO, 1933 [s. p.]).

Ainda sobre o problema da Educação Física:

A árvore desta disciplina, mergulhando suas raízes no solo fértil da fisiologia-anatomia e haurindo a seiva do domínio inteiro da pedagogia moderna, deve elevar seus ramos vivificadores para todos os programas educativos e abranger sob copa exuberante a vida escolar a e doméstica (AZEVEDO, apud BONORINO, 1933, [s.p.]).

Para Bonorino (1933), Azevedo, no meio civil, vinha realizando importantes empreendimentos em prol da educação. Em sua passagem pela Instrução Pública do Distrito Federal (Rio de Janeiro), além do Instituto de Educação, realizou a reforma educacional, cujo plano geral se achava, segundo Bonorino, exposto em *Novos caminhos e novos fins*.

Em 1929, na reunião do Ministério da Guerra, na qual foi tratada a difusão da Educação Física e sua obrigatoriedade, Fernando de Azevedo “[...] teve papel destacado em defesa de suas idéias, já consubstanciadas em vários trabalhos

publicados” (BONORINO, 1933, [s.p.]), mandando matricular no Centro Provisório de Educação Física a primeira turma de professores públicos do Rio de Janeiro, então Distrito Federal (BONORINO, 1933).

Mais uma vez, segundo Bonorino, Fernando de Azevedo atuaria em prol do desenvolvimento da Educação Física, mandando, novamente, para o Centro Militar de Educação Física uma turma de professores públicos, desta vez, do Estado de São Paulo – onde Azevedo era diretor de Educação – para realizarem o curso na área.

É possível observar que Bonorino se refere a *Novos caminhos e novos fins*, como a publicação de Azevedo em que se encontrava exposto o plano geral da reforma educacional realizada no Distrito Federal. Não é feita nenhuma citação ou comentário mais detalhado dessa obra pelo autor do artigo.

A outra obra citada, de autoria de Fernando de Azevedo, *Antinoüs*, foi localizada em um artigo que não é assinado e que foi publicado em setembro de 1938 (*Revista* n. 42), com o título *1ª palestra realizada durante o Curso de Inspetores de Ensino sobre a Educação Física*. O artigo é sobre uma palestra feita durante o referido curso que teve como tema “A educação física como parte do problema geral – Educação”.

A concepção educacional presente no artigo era de “educação integral”, ou seja, física, intelectual e moral, uma vez que o objetivo da “[...] educação física moderna não [era] formar atletas, mas assegurar o desenvolvimento harmônico da personalidade, seus atributos físicos e psíquicos em todo conjunto” (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1938, p. 55).

A Educação Física faria, então, parte da “educação integral do indivíduo”. Só a educação do físico, o desenvolvimento dos músculos, isoladamente, não deveria ser o objetivo desse ramo da educação. Para enfatizar essa idéia, é citado um trecho de *Antinoüs*, de Fernando de Azevedo³⁷

³⁷ Linhales, ao analisar *Antinoüs*, ressalta que Fernando de Azevedo altera astuciosamente sua visão sobre a prática de esportes. Para Linhales, o autor, em 1915, ao publicar *A Poesia do Corpo ou Gymnastica Escolar, sua história e seu valor*, tratava do esporte com “desconfiança”. Nesse opúsculo, apresenta a “cultura atlética” como sinônimo de “educação física” e de “cultura esportiva”. “Nesse amálgama que constrói, estabelece relações entre a clássica cultura grega – enfatizando a harmonia entre forma, vigor, paz e força, cultura intelectual e cultura física – e o Império britânico – cujas conquistas evidenciavam o espírito e iniciativa e a compreensão de que ‘a emulação é o nervo da sociedade humana’” (LINHALES, 2006, p. 54-55).

O atleta embrutecido e embotado pelo excesso de exercício [...] não era objetivo capaz de seduzir a delicadeza do espírito grego, empenhado ao contrário, em obter o mais perfeito equilíbrio morfológico e funcional pelo exercício. Os gregos sabiam que cada organismo é suscetível de um desenvolvimento muscular, cujo máximo cada indivíduo não se pode ultrapassar senão por processos artificiais, sempre em risco eminente de cair na monstruosidade ou na patologia (AZEVEDO, apud REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1938, p. 56).

De acordo com o artigo, a idéia da formação de “atletas embrutecidos” não era o objetivo a ser conseguido por meio da Educação Física. Em outro trecho desse artigo, essa proposição também é enfatizada:

É verdade que existem indivíduos que têm como única finalidade, desenvolver os músculos de tal forma que descuidam-se completamente de instruir-se, estes, entretanto, merecem o desprezo geral, igualando-se àqueles que procuram instruir-se com o fito de empregar sua ciência na prática do mal e da destruição (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1938, p. 56).

Aqui, ao contrário do que ocorreu com *Novos caminhos e novos fins* – em que o autor do artigo apenas mencionou esse livro – foi citado um trecho da obra *Antinoüs*, que serviu como referência à idéia de que a Educação Física contribuiria para a formação integral do indivíduo. É importante ressaltar que esse artigo era uma reprodução da primeira palestra realizada durante o curso de inspetores de ensino sobre Educação Física, do Departamento Nacional de Educação, portanto a utilização de uma idéia dessa obra não foi propriamente uma citação feita por um articulista da *Revista*, mas a reprodução de uma idéia que norteou as discussões sobre a função da Educação Física nas escolas, durante a palestra realizada pelo Departamento Nacional de Educação.

Em um outro artigo, algumas idéias de Fernando de Azevedo também são citadas, desta vez, por Lourenço Filho, em uma palestra na Escola de Educação Física do Exército, que foi publicada em forma de artigo na *Revista*, em abril de 1933 (n.7), com o título *Educação e cultura física*.

Lourenço Filho (1933) faz longa exposição sobre o “problema da educação física”. Para ele, a prática esportiva vinha se desenvolvendo na sociedade brasileira, entretanto a ginástica ainda encontrava resistência à sua prática, tanto nas escolas, como na sociedade em geral.

Mas, para Lourenço Filho, este problema – da Educação Física – era mais complexo, extrapolava os limites da discussão em torno da prática da ginástica e dos

esportes. De acordo com o autor, ele envolvia a “[...] cultura integral da personalidade [e decorria da] própria filosofia do povo [ou] [...] de sua compreensão da vida, do valor e do destino do homem” (LOURENÇO FILHO, 1933, [s.p.]).

Para o autor:

[...] a cultura física nem se afasta dos problemas gerais da educação, nem apresenta, por si mesma, finalidade absoluta ou independente. Nenhum educador, qualquer que seja o ramo em que exercite o seu mister poderá ignorar os fundamentos em que ela agora assenta e se expande, consagrando os ideais de saúde, de equilíbrio e de harmonia, em que a concepção do respeito ao corpo se apresenta imanada ao cultivo da personalidade (LOURENÇO FILHO, 1933, [s.p.]).

Para ressaltar essa idéia de equilíbrio e de harmonia, relacionada com a concepção de desenvolvimento físico, mental e moral ou integral, Lourenço Filho cita Fernando de Azevedo: “A saúde, as qualidades morais e a coragem eram três coisas que, na velha concepção grega andavam juntas” (AZEVEDO, apud LOURENÇO FILHO, 1933, [s.p.]).

Ainda para salientar a idéia de “educação integral”, Lourenço Filho cita, mais uma vez, Azevedo. Desta vez, de forma indireta “A idéia capital não é formar atletas ou produzir monstros [...] pois o desenvolvimento mental, sem equilíbrio físico produz neurastênicos, o desenvolvimento físico, como preocupação excessiva e absorvente, não formaria homens equilibrados” (LOURENÇO FILHO, 1933, [s.p.]).

Nas palavras de Lourenço Filho, Fernando de Azevedo também é citado para salientar a importância da cultura física para o desenvolvimento harmônico do indivíduo, no sentido de que a educação do corpo, da mente e a moral caminham juntas, e que se uma se desenvolver mais do que a outra “criam” “neurastênicos” ou “atletas monstros”.

Além dos artigos que citaram “obras” ou idéias de Fernando de Azevedo, em outros textos, localizamos referência ao nome do autor, sem que nenhuma publicação ou idéia de Azevedo fosse citada. Nesses artigos, as menções são sobre suas ações relativas à Educação Física, quando esteve à frente de órgãos públicos no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Um exemplo desse tipo de uso é o artigo *A Associação de Professores de Educação Física de São Paulo e suas atividades*, publicado na *Revista* (n.31), em maio de 1936. O texto não é assinado e Fernando de Azevedo é citado como “emérito educador” que contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento da

Educação Física no Estado de São Paulo, quando era o então diretor de Educação do Estado. Aqui também é citado o episódio de “envio” de professores públicos desse Estado para o curso no Centro Militar de Educação Física (Escola de Educação Física do Exército).

2.4.2 Educação e Pediatria, Pedagogia e Tratado de Psicologia da criança

Localizamos, também, nos artigos analisados, citações referentes a uma revista chamada *Educação e Pediatria*, e aos livros *Pedagogia* de Djacir Menezes e ao *Tratado de Psicologia da criança*, de Theobaldo Miranda Santos.

No artigo intitulado *Fadiga física e psíquica*, publicado em novembro de 1933 (*Revista* n. 12), o autor, Plínio Olinto, faz referência a um trabalho que ele publicou na revista *Educação e Pediatria*.

Nesse artigo, Olinto apresenta explicações fisiológicas sobre a fadiga intelectual. Ao final, o autor afirma que realizou pesquisas sobre a fadiga intelectual em escolares no Distrito Federal, e que os resultados do estudo foram publicados em *Educação e Pediatria*. O autor não cita, nesse artigo escrito para a *Revista de Educação Física*, os resultados do referido estudo.

Regina Helena de Freitas Campos (2005) sublinha que Plínio Olinto associou-se a Manoel Bonfim, entre 1916 e 1930, e que, juntos, publicaram numerosas pesquisas, algumas na revista *Educação e Pediatria*.

Em abril de 1942, Idílio Alcântara Abade³⁸ publica, na *Revista* (n. 52), um artigo denominado *Necessidade da Educação Física para firmar espiritual e fisicamente a personalidade da criança*. Entre outros autores, Abade cita conceitos, segundo ele, extraídos do livro *Pedagogia*, de Djacir Menezes.³⁹

Abade cita Djacir Menezes como um autor que, na época, realizava estudos sobre as relações entre o crescimento físico e o desenvolvimento mental

Djacir Menezes afirma que as fases e o ritmo do desenvolvimento físico estão intimamente ligados às fases e ritmo do desenvolvimento psíquico. Importa, portanto, conhece-las acuradamente, bem como meios e técnica adotadas na sua apreciação científica (MENEZES, apud ABADE, 1942, p. 15).

³⁸ Do Departamento de Educação de São Paulo.

³⁹ *Pedagogia* foi publicado em 1935, pela editora Globo.

Djacir Menezes é citado por Abade para enfatizar que o educador deveria atentar para as relações entre o crescimento físico e o desenvolvimento mental, uma vez que, eram nos períodos de maior crescimento físico da criança (6 aos 7 anos) que elas começavam na escola primária. Caberia ao educador, como ressalta Abade (1942), adaptar o trabalho físico ao trabalho mental.⁴⁰

Já o *Tratado de Psicologia da criança*, de Theobaldo Miranda Santos, é citado pelo então capitão Albino Manoel da Costa,⁴¹ no artigo intitulado *A psicologia e o ensino da Educação Física Infantil*, publicado na *Revista*, em 1950 (n. 64).

Costa (1950) cita o *Tratado de Psicologia da criança*, de Theobaldo Miranda Santos, ao apresentar a evolução histórica da Psicologia, fazendo uma síntese dos grandes períodos da Psicologia – filosófico, descritivo e experimental.

Por sua vez, Maria Rita de Almeida Toledo (2001) salienta que Theobaldo Miranda Santos começa a escrever para a *Coleção Atualidades Pedagógicas* da Companhia Editora Nacional, em 1945. A autora ressalta que Miranda Santos publicava manuais sobre as disciplinas “base” das ciências da educação, que eram apresentados como livros cujo conteúdo estava de acordo com os programas das Faculdades de Filosofia, dos Institutos de Educação e das Escolas Normais e que eram de fácil leitura e descomplicados para qualquer leitor.

2.5 Os autores estrangeiros de referência

Dos autores estrangeiros de referência localizados de 1932 a 1952, os mais citados, nos artigos sobre Educação Física escolar, são apresentados no QUADRO 14. No APÊNDICE B, encontram-se todos os autores (estrangeiros e nacionais) de referência localizados no período que vai de 1932 a 1952, e os respectivos artigos em que foram encontrados.

É preciso ressaltar que foram considerados autores de referência aqueles que tiveram alguma idéia ou conceitos citados no texto pelo autor do artigo. As referências apenas ao nome ou à função desenvolvida pelo autor citado não foram contabilizadas.

⁴⁰ Retornaremos a esse artigo no Capítulo 3.

⁴¹ Foi instrutor da Escola de Educação Física do Exército, da Escola Primária Mem de Sá, ex-aluno da classe de Psicologia Aplicada do Curso de Extensão Universitária da Faculdade do Brasil e, em 1947 e 1948, foi instrutor-chefe da Seção de Educação Física – ciclo secundário – do colégio militar.

Autores	Nº. Total de Artigos	Revista N./Ano
Jean Jacques Rousseau (1712-1778)	8	7*(1933), 10 (1933), 20 (1935), 52 (1942), 64 (1950), 69 (1952)
Edouard Claparède (1873-1940)	5	8 (1933), 52 (1942), 56 (1947), 62 (1949); 64 (1950)
Georges Demeny (1850-1917)	4	2 (1932), 3 (1932), 9 (1933), 57 (1948)
Giacinto Viola (1870-1943)	4	31 (1936); 35 (1937), 37 (1937); 48 (1941)
Per Henrik Ling (1776-1839)	4	2 (1932), 9 (1933), 43 (1938)
Fernand Lagrange (1845-1909)	3	2 (1932), 3 (1932), 57 (1948)
Etienne- Jules Marey (1830-1904)	3	2 (1932), 3 (1932), 39 (1938)
Alfred Binet (1857-1911)	2	45 (1939), 52 (1942)
John Dewey (1859-1952)	2	6 (1933), 52 (1942)
Maurice Boigey	2	3 (1932), 57 (1948)

QUADRO 14 - AUTORES ESTRANGEIROS MAIS CITADOS NOS ARTIGOS SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (1932-1952)

Fonte: *Revista de Educação Física* (1932-1952).

* Na revista n. 7, foram publicados três artigos em que Rousseau foi citado.

É importante salientar que, em alguns períodos, como nas décadas de 1930, 1940, as referências ao final do texto eram um recurso pouco utilizado. Os autores eram apenas citados no texto, na maioria das vezes, sem indicação da obra de onde foram “retirados”; em outros casos, havia artigos em que eles apareceram nas referências e não foram citados no texto.

Esta análise considerou os dois casos, portanto esse número total de autores é relativo tanto aos que são citados no “corpo” dos artigos, quanto àqueles presentes nas referências e que não aparecem nos textos.

Foi preciso deslocar nosso olhar para os pormenores, para os detalhes (GINZBURG, 2002),⁴² para perceber que alguns autores se fazem presentes – mesmo quando não são citados diretamente – por meio de algumas de suas idéias ou concepções que circulam na *Revista* sem o rigor das referências. Desse modo, os dados aqui apresentados são representativos, até certo ponto, do referencial teórico utilizado pelos autores dos artigos sobre o tema investigado.

Os dados indicam que as discussões sobre Educação Física escolar são norteadas por autores estrangeiros que, na *Revista*, possuem seus nomes relacionados com campos como a Educação (Pedagogia), a Psicologia, a Biometria, a Biotipologia, a Medicina e a Ginástica. Tal fato evidencia a multiplicidade de saberes que os autores dos artigos fizeram circular na *Revista*, quando o assunto era a Educação Física voltada para a escola. Pode-se dizer que o singular referencial teórico que sustentava as discussões sobre a Educação Física como disciplina escolar era multifacetado, formado por uma “mistura” entre esses diferentes campos. Na *Revista*, esses autores puderam ser divididos conforme o QUADRO 15:

Campos	Autores
EDUCAÇÃO (PEDAGOGIA)	Jean-Jacques Rousseau, Jonh Dewey e Edouard Claparède
PSICOLOGIA	Edouard Claparède e Jean-Jacques Rousseau
BIOMETRIA	Giacinto Viola
BIOTIPOLOGIA	Giacinto Viola
MEDICINA	Alfred Binet, Giacinto Viola e Maurice Boigey
GINÁSTICA	Etienne - Jules Marey, Fernand La Grange, Georges Demeny, Per Henrik Ling

QUADRO 15 - AUTORES ESTRANGEIROS E ÁREAS NA REVISTA

Fonte: *Revista de Educação Física* (1932-1952).

Essa divisão, conforme foi dito, refere-se à presença desses autores nos artigos relacionados com a Educação Física escolar na *Revista*. Sabemos que alguns deles influenciaram diversos campos de conhecimento; Jean-Jacques

⁴² Assim como, para um detetive, um caçador ou um médico, as pistas, os vestígios, os sintomas, os sinais é que orientam seus trabalhos, no método indiciário proposto por Carlo Ginzburg (2002), são as pistas e a atenção nos pormenores que guiam cada passo do investigador. É nos detalhes que encontramos as pistas desses autores, uma vez que a prática de colocar referência ao final do texto e de citar a fonte no texto não foi recurso muito utilizado pelos autores dos artigos.

Rousseau, por exemplo, é reivindicado tanto pela Filosofia quanto pela Psicologia ou pela Pedagogia.

2.6 “Obras” estrangeiras

Dentre as “obras” de autores estrangeiros, foram identificados quatro livros. Todos também foram citados explicitamente apenas em um artigo. As obras localizadas podem ser vistas, a seguir, no QUADRO 16.

	“Obras” estrangeiras
1	BOIGEY, M. <i>L'Education Physique feminine</i>
2	CLAPARÈDE, Edouard. <i>Psicologia da criança e Pedagogia experimental</i>
3	DEMENY, Georges. <i>Education et harmonie des mouvements</i>
4	ROUSSEAU, Jean-Jacques. <i>Emílio</i> (traduzido no Brasil)

QUADRO 16 - OBRAS ESTRANGEIRAS

Fonte: *Revista de Educação Física* (1932-1952).

L'Education Physique feminine, de Maurice Boigey, e *Education et harmonie des mouvements*, de Georges Demeny, foram citados por Mario Queiroz de Rodrigues no artigo *A educação física feminina na Escola Paulo Frontin*, publicado em março de 1933, na *Revista* n. 64.

Das obras localizadas, serão utilizadas para o cotejamento com os artigos sobre Educação Física escolar o livro *Psicologia da criança e Pedagogia experimental*, de Edouard Claparède, e a obra *Emílio* de Jean Jacques-Rousseau.

2.7 Sobre a produção da Educação Física Escolar na *Revista*

Os 108 artigos sobre Educação Física escolar, publicados na *Revista de Educação Física*, no período de 1932 a 1952, podem contribuir para uma série de pesquisas. Outros temas, como infância, metodologia, Educação Física e saúde, entre outros, poderão ser objetos de pesquisas e estão aguardando pesquisadores.

O mapeamento da produção sobre Educação Física escolar foi o primeiro movimento desta investigação que pretende, num segundo momento, destacar, nesta produção, os autores estrangeiros relacionados com ideário escolanovista, com o objetivo de analisar as possíveis apropriações de concepções educacionais

oriundas desses autores, que, possivelmente, contribuíram como referencial teórico para a produção da Educação Física escolar na *Revista*.

Para tanto, interessa-nos saber: entre os autores estrangeiros indicados como referência para os autores que escreveram sobre Educação Física escolar, na *Revista*, quais foram relacionados com o chamado ideário escolanovista?

Os autores indicados no mapeamento sobre Educação Física escolar relacionados com o ideário escolanovista foram Jean-Jacques Rousseau, Edouard Claparède e John Dewey. Assim, nos Capítulos 3, 4 e 5 o objetivo é investigar as possíveis apropriações de idéias ou concepções desses autores, por meio do cotejamento entre algumas de suas obras e os artigos em que suas idéias ou concepções foram utilizadas pelos articulistas, para discutir questões relativas à Educação Física escolar.

É importante salientar que Alfred Binet, na *Revista de Educação Física*, não foi utilizado pelos articulistas da mesma forma que foi apropriado no período que compreende esta investigação, no Brasil, pelos que se autodenominavam “escolanovistas”, ou seja, a idéia dos testes de inteligência desenvolvida por esse autor e por Théodore Simon não foi utilizada pelos articulistas da *Revista*.⁴³

As idéias de Binet citadas nos artigos sobre Educação Física escolar são relativas às descobertas de suas investigações, baseadas na Fisiologia, sobre as relações entre o exercício físico e desenvolvimento mental. O referencial teórico utilizado na *Revista*, com o objetivo de mensuração dos educandos, é proveniente da Biometria, da Antropologia e da Biotipologia, que não deixam de estar relacionados com a Psicologia, entretanto os autores estrangeiros, citados como referência, nesses artigos, foram Barbara,⁴⁴ Giacinto Viola⁴⁵ e Nicola Pende,⁴⁶ os últimos, associados na *Revista*, à Escola Constitucionalista Italiana.

⁴³ Em um artigo publicado em abril de 1948 (*Revista* n. 58), intitulado *O método francês em face da criação de outros métodos adaptáveis ao Brasil*, sobre a participação da Escola de Educação Física do Exército num congresso de Educação Física, realizado no Estado de São Paulo, pela Associação de Professores de Educação Física, desse Estado, em 1947, encontramos indícios de que os testes de Binet não eram utilizados, até o momento (1948), como referência para a Educação Física. No entanto alguns esforços estariam sendo feitos, no sentido de adaptá-los aos objetivos da Educação Física: “Infelizmente ainda não podemos lançar mão dos processos de seleção tão em voga, porquanto, em nosso meio, se encontra apenas esboçado o trabalho de adaptação dos testes de Binet, Balla Dearborn, etc, visando a determinação das médias regionais imprescindíveis à avaliação credenciada dos resultados obtidos” (*REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA*, 1948, p. 2).

⁴⁴ Bárbara era americana, nasceu em 1910, na cidade de Portland, Estado do Oregon e se formou em Antropologia, em 1932, na Universidade de Smith College. Era PhD em Antropologia e Sociologia (NEITZEL, 2007).

Vale ressaltar, ainda, a presença, nos artigos analisados, de Johann Heinrich Pestalozzi. Esse autor não aparece como referência entre os mais citados, pois foi citado de forma muito tênue. A única idéia atribuída a Pestalozzi localizada nos artigos é a de que *os exercícios físicos não satisfazem apenas as necessidades físicas, desenvolvem, além disso, a inteligência e a moral*. Nos artigos em que foi citado, seu nome foi relacionado com a Psicologia, talvez como forma de enfatizar a utilização de princípios da Psicologia pela Educação e, em decorrência, pela Educação Física. Devido a essas especificidades, optamos por não analisá-lo neste momento, mas, desde já, apontamos a necessidade de que sua presença na *Revista* seja mais investigada, principalmente porque essa é uma idéia recorrente, nos artigos sobre crianças.

Dos artigos sobre Educação Física escolar localizados de 1932 a 1952, trabalharemos, nos Capítulos 3, 4 e 5, com aqueles em que as idéias de Jean-Jacques Rousseau, Edouard Claparède e John Dewey foram citadas, explícita ou implicitamente, pelo autor do artigo. No QUADRO 17, podemos ver esses artigos:

Artigo	Autor	Revista N./Ano
Unidade de doutrina*	CAVALCANTI, Newton	2 (1932)
A pedagogia e a educação física	PINHEIRO, João Ribeiro	6 (1933)
Educação Física e educação intelectual	CASTELLO BRANCO, Pacífico	7 (1933)
Educação Física infantil	MARTINS, Ivanhoé	7 (1933)
O primeiro ano da criança na escola e seu crescimento físico	ABADE, Idílio Alcântara	8 (1933)
Educação sensorial	MARTINS, Ivanhoé	8 (1933)
Valor educativo dos jogos	COSTA, Haydée Coutinho da	9 (1933)
A educação física no Espírito Santo	Não assinado	10 (1933)
Princípios pedagógicos	SILVA, Valdemar de Lima	30 (1936)
Segunda Conferência realizada pela Divisão de Educação Física para inspetores de ensino	Não assinado	43 (1938)
A escola superior de educação física de São Paulo e sua escola de aplicação ao ar livre	ABADE, Idílio Alcântara	48 (1941)
O método francês em face da criação de outros métodos adaptáveis ao Brasil	Não assinado	48 (1941)
Necessidade da educação física para firmar espiritual e fisicamente a personalidade da criança	ABADE, Idílio Alcântara	52 (1942)
Programas de "Educação Física" para Jardim da Infância e Escola Primária	STRAMODINOLLI, Cecília; VAZ, Jacy Nogueira	56 (1947)
A psicologia e o ensino da educação física infantil	COSTA, Albino Manoel	64 (1950)
A educação física	CALMON, Pedro	69 (1952)

QUADRO 17 - ARTIGOS UTILIZADOS PARA AS DISCUSSÕES SOBRE ROUSSEAU, CLAPARÈDE E DEWEY

Fonte: *Revista de Educação Física* (1932-1952).

*O título dos artigos foi mantido conforme o texto original.

⁴⁵ Giacinto Viola era médico (1870-1943), realizou pesquisas em Antropometria, Anatomia e Estatística. Priorizou em seus estudos as relações entre as propriedades morfológicas e fisiológicas do indivíduo e elaborou a Lei do Antagonismo Morfo-ponderal que preconizava uma relação inversamente proporcional entre crescimento e desenvolvimento (NEITZEL, 2007).

⁴⁶ Nicola Pende também era médico (1880-1970). Foi professor da Universidade de Bari, Gênova e Roma. Aprofundou estudos sobre a interação entre o psiquismo e a morfologia humana, considerando o homem como produto de sua herança genética (NEITZEL, 2007).

3 JEAN-JACQUES ROUSSEAU E A EDUCAÇÃO: FÍSICA, INTELECTUAL E MORAL

O objetivo aqui é fazer o cotejamento entre as discussões presentes nos artigos sobre Educação Física escolar e a obra *Emílio* ou *Da Educação*, de autoria de Jean-Jacques Rousseau,⁴⁷ publicada pela primeira vez em 1762.⁴⁸

Rousseau foi um dos autores estrangeiros mais citados nos artigos analisados no período, e *Emílio* a única obra de referência localizada na *Revista*, relacionada com esse autor. Trata-se de uma obra que data de 1762, mas cujas idéias foram inspiradoras para toda a Educação e História da Educação.

A análise dos artigos e o cotejamento com o *Emílio* mostram que os articulistas se apropriaram de idéias presentes nessa obra, ao discutirem questões relativas à Educação Física escolar.

As idéias apropriadas pelos autores dos artigos referem-se a concepções educativas de Rousseau, como as relações entre o desenvolvimento físico e o mental, a necessidade de se adequar o ensino a cada fase do desenvolvimento da criança, a proposta de uma “educação negativa”, a idéia de que o corpo é a “porta” para a entrada do conhecimento e a idéia de que os exercícios físicos fortalecem o corpo física e moralmente.

3.1 Corpo são e forte: meio para o desenvolvimento do espírito

Cultivai a inteligência dos vossos alunos, mas cultivai, antes de tudo, o seu físico, porque é ele que vai orientar o desenvolvimento intelectual. Fazei primeiro vosso aluno são e forte para poder vê-lo inteligente e sábio (ROUSSEAU, 1762-1992, p. 111).⁴⁹

Essa foi uma das idéias de Rousseau apropriadas pelos articulistas da *Revista*, ao discutirem a Educação Física para a escola. Um exemplo desse tipo de uso pode ser visto em um artigo intitulado *Educação Física e educação intelectual*,

⁴⁷ Jean-Jacques Rousseau nasceu em 1712 e faleceu em 1778.

⁴⁸ A obra *Emílio* é composta pelos Livros I, II, III, IV e V. Para as discussões feitas neste trabalho, utilizamos um exemplar publicado no Brasil, em 1992.

⁴⁹ Nas citações do *Emílio*, colocaremos a data da primeira edição dessa obra, 1762, e a data do exemplar que utilizamos nesta análise, 1992.

publicado na *Revista*, em abril de 1933, de autoria do então primeiro-tenente-médico,⁵⁰ Pacífico Castello Branco.

Castello Branco se refere a Rousseau como o “grande filósofo” que, no seu tempo, foi o mais completo precursor da Educação Física, e que dizia, no seu livro *Emílio*: “[...] cultivai a inteligência dos vossos alunos, mas cultivai, antes de tudo, o seu físico, porque é ele que vai orientar o desenvolvimento intelectual. Fazei primeiro vosso aluno são e forte para poder vê-lo inteligente e sábio” (ROUSSEAU, apud CASTELLO BRANCO, 1933, p. 43).

A partir dessa citação, o autor discute a relação entre desenvolvimento físico e intelectual. Nesse sentido, Castello Branco (1933, p. 43) diz o seguinte: “Hodiernamente, os maiores pedagogos afirmam, baseados em estatísticas minuciosas, que, as crianças cujo desenvolvimento físico é mais acentuado, são justamente aquelas que apresentam maior desenvolvimento intelectual”.

Então, ele afirma:

Nós médicos, sabemos que, estas acersões [sic] não podem deixar de ser verdadeiras, pois há uma relação íntima entre o cérebro que decide e o corpo que executa; sendo necessário, portanto, um corpo **são e forte** para executar integral e precisamente as ordens emanadas do cérebro (CASTELLO BRANCO, 1933, p. 43, grifo nosso).

Pacífico Castello Branco parte da idéia desenvolvida por Rousseau, na obra *Emílio*, sobre a relação existente entre desenvolvimento físico e intelectual, para justificar o quanto a prática de exercícios físicos seria importante para o desenvolvimento intelectual da criança. Mas como essa idéia é desenvolvida por Rousseau, em *Emílio*?

A idéia utilizada por Castello Branco (1933) encontra-se relacionada com a concepção de que o corpo é a porta de entrada para o conhecimento: “[...] tudo que entra no conhecimento humano entra pelos sentidos, a primeira razão do homem é uma razão perceptiva; é ela que serve de base à razão intelectual” (ROUSSEAU, 1992, p. 130).⁵¹

Isso implica dizer que o desenvolvimento da inteligência não ocorre sem o desenvolvimento (fortalecimento e crescimento) corporal. Nas palavras de Rousseau (1762-1992, p. 121), “[...] para aprender a pensar é preciso, portanto exercitar

⁵⁰ Essa informação encontra-se no artigo, abaixo do nome do autor.

⁵¹ A razão sensitiva consiste na formação de idéias simples e a razão intelectual é a que forma idéias complexas mediante o concurso de idéias simples (ROUSSEAU, 1762-1992).

nossos membros, nossos sentidos, nossos órgãos, que são os instrumentos de nossa inteligência”. Se são instrumentos de nossa inteligência, é necessário

[...] que o corpo que os fornece seja **robusto e são** [...] para tirar proveito possível desses instrumentos. Assim, longe de a verdadeira razão do homem se formar independentemente do corpo, a boa constituição do corpo é que torna as operações do espírito fáceis e seguras (ROUSSEAU, 1762-1992, p. 121, grifo nosso).

Correr, pular, movimentar-se são formas de se ter experiências, que, por sua vez, forneceram as sensações que irão formar as idéias no espírito. Trabalhar o corpo por meio de exercícios físicos, então, seria, ao mesmo tempo, fortalecer o corpo, tornando-o *robusto* (forte) e *são* (saudável), desenvolvendo-lhe as faculdades do espírito.

Essas representações relativas à ênfase ao “fortalecimento do corpo” por meio do trabalho corporal, do movimento, podem ser vistas, também, nas imagens presentes na *Revista*. Na Figura 1, as crianças exercitam o corpo – e o fortalecem – ao executarem os movimentos do “pulo do sapo”, como demonstra o instrutor, em uma brincadeira durante uma lição de Educação Física.



Figura 1 - Lição de Educação Física em forma de jogo
Fonte: *Revista de Educação Física*, n. 4, 1933.⁵²

⁵² Essa imagem está publicada na *Revista*, no artigo da seção *Lição de Educação Física*, de autoria do sargento Paulo Teixeira (1933, [s.p.]).

Para o autor do artigo, Pacífico Castello Branco, a Educação Física, seria, então, uma parte fundamental da Educação. Desse modo, o autor faz, ao final do artigo, um “apelo”:

Depois do que acabamos de expor e pelas múltiplas razões apresentadas, só nos resta apelar para o espírito culto e inteligente do Sr. Diretor de Instrução Pública do Distrito Federal, no sentido de tornar obrigatório o ensino da Educação Física Científica nas Escolas. Eis uma grande conquista que devemos realizar no âmbito da Pedagogia Moderna (CASTELLO BRANCO, 1933, p. 43).

Nesse trecho, percebe-se a tentativa de Castello Branco, que era militar, de pedir às autoridades responsáveis pela administração escolar do Distrito Federal, então, o Rio de Janeiro, que tornasse obrigatório o ensino de “educação física científica” nas escolas. O que significava uma “educação física científica”? No sentido dado por Castello Branco, a “educação física científica” seria aquela que estivesse de acordo com os preceitos da “Pedagogia Moderna”. Nela se priorizaria a utilização do corpo, por meio dos sentidos, que são as “portas” de entrada do conhecimento que se faria intelectual.

Um outro exemplo de uso da idéia de que a educação do corpo é fundamental tanto para o desenvolvimento físico quanto para o mental – uma vez que eles se encontram em correlação – é artigo intitulado *A educação física no Espírito Santo*, publicado na *Revista*, em agosto de 1933.

O texto, não assinado,⁵³ apresenta ao leitor da *Revista* dados coletados em um jornal capixaba, chamado *Diário da Manhã*, sobre o desenvolvimento material da Educação Física em algumas cidades do interior e em Vitória (Capital do Espírito Santo).

Sobre o material que dispunha o Estado do Espírito Santo

[...] distribuído pelos grupos e escolas isoladas do interior: 20 toêsas de madeira; 20 balanças decimais, 20 espirômetros, 20 fitas metálicas de 1 ½ e 20 de 2 metros, dinamômetros, fonoscópios, martelos, reflexores, espêculos, compassos, cronômetros, variadíssimo material para exercícios mímicos e jogos (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933, p. 36).

⁵³ Mesmo não sendo assinado, podemos dizer que o autor era um militar do Centro Militar de Educação Física (Escola de Educação Física do Exército): “Nós outros do C. M. E. F., que vimos empregando nossas melhores energias pela cruzada magnífica do fortalecimento da raça, sentimo-nos duplamente felizes ao constatar, de um lado, o trabalho produtivo e cheio de entusiasmo dos nossos condiscípulos e de outro, a aceitação que vão tendo em todos os recantos da terra capixaba, os ensinamentos transmitidos pelo nosso já glorioso Centro de Educação Física” (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933, p. 36).

A Escola de Educação Física, localizada na Capital, não possuía instalações modernas, mas era dotada de elementos necessários ao preparo do professorado (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933).

Esses dados, de acordo com o artigo, representavam a compreensão do então interventor do Estado, o Sr. Punaro Bley, da importância da Educação Física em face da higiene que, “[...] longe de interpretá-la como simples distração na vida escolar, reconhece em suas finalidades o elemento fundamental da educação moderna” (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933, p. 36).

Torna evidente, também, a importância desse tipo de ação em prol do desenvolvimento da Educação Física civil. Nesse sentido, com o

[...] aparelhamento pessoal e material para o amplo desenvolvimento da fisiocultura escolar, metódica, racional e científica das gerações novas do Espírito Santo, o Interventor Bley realiza grande bem à criança do Brasil e um assinalado serviço à Pátria comum (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933, p. 36).

A ação das autoridades administrativas e

[...] particularmente as que têm os encargos da educação física infantil e juvenil, é norteadas pelo princípio **Roussoliano de que o corpo é o templo da alma e que é necessário cultivá-lo para poder agir e melhor produzir**: Com esta convicção foi empreendida a tarefa da organização da Inspeção e da Escola de Educação Física do Estado (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933, p. 36, grifo nosso).

Essa idéia atribuída a Rousseau relaciona-se com o que foi discutido no artigo analisado anteriormente, que afirma que o desenvolvimento físico é a base para o desenvolvimento mental, daí a importância de um corpo forte e são, porque ele é o templo da alma.

A dicotomia corpo-alma, o corpo sendo templo da alma, é uma idéia recorrente no *Emílio*. O que interessa ressaltar, porém, é a representação de que o corpo e o espírito não são contraditórios, uma vez que o desenvolvimento do espírito não se dá sem o desenvolvimento do corpo.

Aqui também é possível vislumbrar as articulações entre Educação e Educação Física. No entanto, ao invés das expressões “pedagogia moderna” e “educação física científica”, utilizadas por Castello Branco (1933), temos os termos “educação moderna” e “fisiocultura escolar, metódica, racional e científica”. Em ambos os casos, as expressões são diferentes, porém o sentido parece ser o

mesmo, o de que uma “educação física racional” estaria de acordo com as concepções educativas da “pedagogia moderna”. Também, nos dois casos, a referência teórica tida como representativa dessa pedagogia seria Rousseau.

As concepções educacionais estavam, então, baseadas em Rousseau e eram relativas à importância dada por esse autor à já mencionada relação entre crescimento físico e desenvolvimento mental. Na prática, colocar o ensino da Educação Física nos “moldes” da “educação moderna” seria organizar o ensino da Educação Física no centro de formação de professores e nas escolas públicas do Estado do Espírito Santo, por meio do aparelhamento pessoal e material.

Sobre esses materiais, deve-se ressaltar que eles também representam a cientificidade que teria a Educação Física ao utilizar instrumentos que permitiriam medir os alunos periodicamente e comparar os resultados, quanto ao crescimento físico e ao desenvolvimento das funções, como a respiratória, por exemplo. Os instrumentos são: toesas de madeira (toesa é uma medida que equivale a 6 pés ou 1,98m), balanças, espirômetro (instrumento que mede a capacidade pulmonar), fitas métricas, dinamômetros (aparelho utilizado para medir força), espéculo (instrumento médico com que se examina o interior de cavidades do corpo), compassos e cronômetros.⁵⁴

Ainda é preciso ressaltar a aquisição de variadíssimo material para exercícios mímicos e jogos que também seriam indispensáveis à prática de uma Educação Física representada como “racional e científica”.

Um outro exemplo de apropriação e uso da idéia de Rousseau de que o desenvolvimento físico é a base do desenvolvimento mental encontra-se no artigo *Necessidade da educação física para firmar espiritual e fisicamente a personalidade da criança*, publicado em abril de 1942, de autoria de Idílio Alcântara Abade, então representante do Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo.⁵⁵

Partindo da idéia de que é o desenvolvimento físico que vai orientar o desenvolvimento mental, apresentada em um aforismo referente à Rousseau, Abade desenvolve argumentações para sustentá-la, com o objetivo de ressaltar a importância dos exercícios físicos para o desenvolvimento físico e mental das

⁵⁴ Não foi possível localizar informações sobre os seguintes instrumentos: fonodoscópios e reflexores.

⁵⁵ Essa informação está impressa no artigo, abaixo do nome do autor. Vale lembrar que esse autor teve seu nome escrito de formas variadas na *Revista*, como Adílio, Ilídio e Idílio.

crianças e, justifica, assim, que ela deveria ter caráter obrigatório, sobretudo nos grupos escolares, onde, segundo o autor, ela não era obrigatória.

Nas argumentações apresentadas por Abade, são citados outros autores que, na época, faziam estudos representados como científicos, que confirmavam a influência do crescimento físico no desenvolvimento mental, dentre esses, Binet, Key, Erisman, Lange, Niceforo, Geissier, Pizzoli e Ley, e também alguns conceitos de Godin, Djacir Menezes e Barnés sobre fenômenos do crescimento,⁵⁶ crescimento⁵⁷ e pedagogia individual.⁵⁸

3.2 A “educação primeira” deveria ser “negativa”

No mesmo artigo,⁵⁹ Abade (1942, p. 14) utiliza outras idéias de Rousseau. Por exemplo:

Hoje, não mais se considera a criança como sendo um homúnculo, isto é, um homem em miniatura ou em proporções reduzidas. Pelo contrário, ela constitui um tipo especial, quer quanto por sua natureza física, quer por sua natureza de ordem espiritual.

A diferenciação entre homem e criança é uma das idéias mais conhecidas de Rousseau. Em *Emílio*, essa idéia está presente em várias partes da obra, pois, segundo o próprio autor, o que se pretendeu foi discutir a parte mais difícil de toda educação e que os tratados da época negligenciaram, qual seja, “[...] a crise de passagem da infância à condição de homem” (ROUSSEAU, 1762-1992, p. 499).

A infância é considerada, então, por Rousseau (1762-1992), um período com características próprias, tanto físicas quanto mentais,⁶⁰ que a diferenciavam da fase

⁵⁶ Fenômenos do crescimento “[...] série de transformações estruturais e funcionais por que passa o corpo infantil no seu conjunto e em cada uma de suas partes” (GODIN, apud ABADE, 1942, p. 15).

⁵⁷ Crescimento “[...] considerado como expressão sintética de todas as manifestações de desenvolvimento, bem como os fatores que agem diretamente sobre ele, fornecem-nos dados para julgar da significação e alcance na determinação da unidade somática da criança” (MENEZES, apud ABADE, 1942, p. 15).

⁵⁸ Pedagogia individual: “O estudo do crescimento é o terreno movediço da pedagogia individual. Ela proporciona ao mestre as leis segundo as quais se produzem as mudanças e revela-lhe as relações que mantêm entre si nos diferentes momentos da evolução o corpo (soma), o cérebro e o germe - os três fatores da personalidade” (ABADE, 1942, p. 15).

⁵⁹ *Necessidade da educação física para firmar espiritual e fisicamente a personalidade da criança* (ABADE, 1942).

⁶⁰ Cabe abrir um parêntese e ressaltar que essa era, de acordo com Claparède (1905-1956), uma idéia central no campo da Pedologia (ciência cujo objeto é o estudo da criança): “A primeira coisa, com efeito, de que se deve estar persuadido, sempre que se empreendem explicações no campo da Pedologia, é que a criança, não é como geralmente se acredita, um homem em miniatura. Sua mentalidade não é apenas quantitativamente distinta da nossa, mas também qualitativamente. Não é

adulta. Nesse sentido, a educação deveria estar de acordo com cada fase do desenvolvimento, considerado desde o nascimento até a idade adulta: “Cada idade, cada condição na vida tem sua perfeição conveniente, sua espécie de maturidade própria” (ROUSSEAU, 1992, p. 164). Assim, é necessário que se siga a marcha da natureza, “[...] é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança” (ROUSSEAU, 1762-1992, p. 63).

Segundo Abade (1942), atentar para os “fenômenos” do crescimento seria tarefa fundamental do educador, visto que ele influencia diretamente na marcha do desenvolvimento intelectual. Para o autor, caberia ao professor adaptar o trabalho mental das crianças ao seu desenvolvimento fisiológico, isso seria feito por meio de uma “racional educação física”.

Uma “racional educação física”, como integrante de um sistema educacional integral, além de assegurar à criança um “[...] desenvolvimento normal, sem prejuízo da saúde física e psíquica [...]” (ABADE, 1942, p. 16), é importante também, pois “[...] é nos exercícios físicos e nos jogos que se firma, espiritual e fisicamente, a personalidade da criança, o que é de grande importância sob aspecto educativo” (ABADE, 1942, p. 16).

Os exercícios físicos e os jogos seriam importantes também, pois, por meio deles, poder-se-iam descobrir inclinações e capacidades da criança que se manifestariam mais tarde, sob forma de vocações. Abade (1942, p. 16) escreve:

[...] livres, entregues ao jogo, verificaremos que quem dirige é o mais forte em espírito e quase sempre o menos corpulento; o mais afoito cuida da parte perigosa; o mais artista trata da parte sentimental; o menos forte de espírito se entrega ao trabalho comum, enquanto o mais engenhoso trata das minúcias particulares ao jogo [...]

Esse é o momento “[...] que se nos apresenta mais satisfatoriamente para apreciar as milhares formas de imaginação, de temperamento, de organização sensorial e sensitiva dos [...] pequenos escolares”, argumenta Abade (1942, p. 16).

somente menor, é também *diferente*” (CLAPARÈDE, 1905-1956, p. 375, grifos do autor), e é diferente, também, do ponto de vista do crescimento físico. Podemos enxergar, nas idéias de Claparède, concepções de Rousseau: “Verifica-se, com efeito, que o crescimento da criança não é um simples aumento em bloco, comparável ao aumento de um cristal: o futuro adulto não se acha pré-formado no embrião, como a teoria do ‘homúnculo’ dos fisiologistas do século XVIII” (CLAPARÈDE, 1905-1956, p. 386). O ano de 1905 foi o da primeira edição de *Psicologia da criança e Pedagogia experimental* e 1956 refere-se à data da edição utilizada neste estudo.

Essas ponderações também podem ser relacionadas com as proposições que Rousseau apresenta sobre a “liberdade infantil” na concepção de “educação negativa”.

Na concepção de “educação negativa” presente em Rousseau (1762-1992), na impossibilidade de se trabalhar a razão intelectual, a educação deve dar ênfase à educação corporal, pois a razão é uma faculdade tardia.

No entanto esse método (negativo) teria também outra finalidade, a de deixar a criança livre para que o educador pudesse observar suas inclinações e capacidades, a fim de que, na sua educação posterior, quando fosse possível lhe ensinar preceitos morais, o professor soubesse que tipo de inclinações o jovem possui, uma vez que essas se revelaram na infância, quando ele tinha maior liberdade.

Outra consideração que confirma a utilidade deste método está no temperamento particular da criança, que é preciso conhecer bem para saber que regime moral lhe convém [...]. Homem prudente atentai longamente para a natureza, observai cuidadosamente vosso aluno antes de lhe dizerdes a primeira palavra; deixai antes de tudo que o germe de seu caráter se revele em plena liberdade, não exerçais nenhuma coerção a fim de melhor vê-lo por inteiro [...] (ROUSSEAU, 1762-1992, p. 81).

As aulas de Educação Física e os jogos ofereceriam, então, possibilidades de desenvolvimento físico e moral, não no sentido de ensino de preceitos morais, mas no sentido de que, nesses momentos (com locais e horários definidos), a criança tem mais “liberdade” – pois se trata de uma liberdade vigiada – do que na sala de aula, sendo possível, portanto, ao educador vislumbrar suas capacidades e inclinações.

É preciso ressaltar que, para Rousseau, a liberdade da criança refere-se a uma liberdade corporal, relacionada com os movimentos, a liberdade quanto às decisões; a liberdade intelectual não seria possível, uma vez que a razão era uma faculdade tardia.

Semelhante interpretação é feita por Mariano Narodowski (2001), quando salienta que a criança é, em *Emílio*, um ser completamente heterônomo, que só adquire liberdade quando se torna adulto, pois é apenas nessa fase que a razão pode ser desenvolvida. Para o autor, “[...] essa linha argumentativa nos [o] separa

por igual dos apologistas de Rousseau como teórico da liberdade da criança na educação escolar” (NARODOWSKI, 2001, p. 57).⁶¹

A idéia da liberdade corporal ou liberdade de movimentos também pode ser vislumbrada nas imagens do artigo (Figura 2), em que as crianças correm e imitam “um avião” (seguindo os movimentos do instrutor), durante uma brincadeira em uma lição de Educação Física.



Figura 2 - Brincadeira em uma lição de Educação Física em forma de jogo
Fonte: *Revista de Educação Física*, n. 4, 1933⁶²

Abade (1942) finaliza o artigo queixando-se, então, da falta de professores de Educação Física nas escolas, da falta de recreios, em virtude de os grupos escolares possuírem três períodos, e ressalta que essa era uma grave falha no ensino nacional.

A representação de Educação Física presente aqui também é a de uma “racional educação física” como parte de uma “educação integral”. Um sistema educacional integral não poderia “[...] desconhecer as leis gerais do crescimento e os meios racionais e científicos aconselhados para assegurar o desenvolvimento normal, sem prejuízo da saúde física e psíquica dos nossos pequenos escolares” (ABADE, 1942, p. 16).

⁶¹ A questão da liberdade infantil, em *Emílio*, é complexa. Se autores como Narodowski (2001) enxergam a criança como ser heterônomo, outros autores, como Natália Maruyama (2006), vislumbram, na proposta educacional de Rousseau, possibilidades de dar a criança maior liberdade e, conseqüentemente, maior domínio sobre suas forças e maior autonomia e independência dos adultos.

⁶² Essa imagem está publicada na *Revista* no artigo da seção *Lição de Educação Física* de autoria do sargento Paulo Teixeira (1933, [s.p.]).

3.3 Os sentidos são “as portas de entrada” para o conhecimento

Um outro exemplo de apropriação de idéias desenvolvidas por Rousseau, neste caso, a idéia de que “[...] os sentidos são as portas de entrada para o conhecimento”, pode ser vista no artigo *Educação Física Infantil*, escrito pelo primeiro-tenente Ivanhoé Gonçalves Martins, publicado na *Revista* em abril de 1933.

Para Ivanhoé Gonçalves Martins, o objetivo da Educação Física era “[...] explorar, desenvolvendo, corrigindo e apurando, todas as faculdades físicas (e quiçá morais) que a criança traz em si, operando essa exploração dentro dos fundamentos da pedagogia moderna” (MARTINS, 1933a, p. 35).

O autor prossegue ressaltando que, na “pedagogia moderna”:

A educação dos sentidos também é um ponto importante da educação da criança. Antes dos quatro anos, na escola maternal e depois na escola ativa o desenvolvimento do *sensorium* deve ser levado a fundo. É mesmo a base da pedagogia moderna (MARTINS, 1933a, p. 36).

Para sustentar a idéia de que a educação sensorial é a base da educação da criança, Ivanhoé Gonçalves Martins (1933a, p. 36) cita Rousseau: “[...] já Rousseau dizia ‘antes de ensinar a criança a ler, é necessário ensinar-lhe a ver, a distinguir nuances de cor, de som, de odor, de gosto, das sensações produzida pelo tato’”, Martins (1933a, p. 36) completa dizendo:

Desenvolver os sentidos, é aperfeiçoar suas faculdades de intercâmbio com o meio exterior; aperfeiçoando-lhes a delicadeza, a acuidade, a segurança, é dar ao trabalhador de amanhã armas que lhe serão úteis na vida como a melhor bagagem intelectual que os livros [...]

A idéia implícita usada por Martins é a de que os sentidos são as portas de entrada para o conhecimento, uma das bases da educação proposta por Rousseau que, como o próprio autor cita, preconizava com isso que a educação por meio dos sentidos deveria ser priorizada na infância, pois é por meio dessa primeira educação que se faria a educação posterior.

Nas palavras de Rousseau:

No princípio da vida quando a memória e a imaginação são ainda inativas, a criança só presta atenção àquilo que afeta seus sentidos no momento; **sendo suas sensações o primeiro material de seus conhecimentos**, oferecer-lhas numa ordem conveniente é preparar sua memória a fornecer-lhas um dia na mesma ordem a seu entendimento; mas como ela só presta atenção às suas sensações, basta primeiramente mostrar-lhes bem a ligação dessas sensações com os objetos que as provocam (ROUSSEAU, 1762-1992, p. 44-45, grifo nosso).

Rousseau (1762-1992, p. 45) recomenda:

Ela [criança] quer meter a mão em tudo, tudo manejar: não contrarieis essa inquietação; ela sugere aprendizado muito necessário. Assim é que ela aprende a sentir o calor, o frio, a dureza, a moleza, o peso, a leveza dos corpos, a julgar seu tamanho, suas formas e todas as suas qualidades sensíveis, a olhado a apalpando, ouvindo e principalmente comparando a vista e o tato, estimando pelo olhar a sensação que provocariam em seus dedos.

Como promover a educação sensorial na Educação Física? Martins (1933a, p. 36) aponta “[...] a introdução de ‘jogos sensoriais’ no decorrer das sessões de trabalho, passeios a jardins, etc. [...]”.

O objetivo de Martins (1933a) é tornar o ensino mais prático, uma vez que a aprendizagem depende das sensações e dos sentidos. Uma alternativa são as experiências em passeios em jardins, a outra os jogos sensoriais, que eram atividades a serem introduzidas nas aulas de Educação Física na parte [tempo] destinada aos jogos.

A idéia de que os sentidos são as portas de entrada do conhecimento também se encontra relacionada com a idéia de que o desenvolvimento físico é a base do desenvolvimento mental, que por sua vez também se relaciona com a idéia de se atentar primeiramente para a educação corporal, ou a “educação negativa”, para posteriormente, atentar para a formação intelectual, quando a razão já estiver formada (ROUSSEAU, 1762-1992).

A concepção de educação negativa pode ser vislumbrada nas palavras de Martins (1933a, p. 36), mesmo que o autor não se refira de forma direta a Rousseau: “[...] sendo a base das aquisições do porvir [a educação dos sentidos] merece ser objetivada em todas as escolas, em todos os departamento de ensino”.⁶³

⁶³Ivanhoé Gonçalves Martins publicou outro artigo que discute exclusivamente a questão da educação sensorial e que apresenta exemplos de jogos sensoriais. O artigo intitulado *educação sensorial* foi publicado na *Revista* n. 8, de maio de 1933. Nesse artigo, Martins também ressalta a importância que deveria ser dada à educação dos sentidos, por ser a base das educações “posteriores”. Para ele: “[...] a educação dos sentidos deve ser encarada seriamente; nos jardins de infância deve ser a base de tudo que se deseja ensinar. Atribui-se, hoje, aos jogos sensoriais tanta

3.4 Necessidade de conhecimento sobre a criança para “melhor educá-la”

Essa também foi uma das concepções educativas de Rousseau apropriadas pelos articulistas da *Revista*. Um exemplo desse tipo de apropriação é o artigo do capitão Albino Manoel da Costa, intitulado *A Psicologia e o ensino da educação física infantil* (1950).

Costa (1950), ao enfatizar a importância de o instrutor possuir conhecimentos sobre a Psicologia infantil, apresenta um breve histórico sobre a evolução – linear – da psicologia da criança, tendo como referência o tratado de *Psicologia da criança*, de Theobaldo Miranda Santos.

De acordo com o tratado de *Psicologia da criança*, de Miranda Santos, citado por Costa (1950), Rousseau pertencia ao período filosófico da Psicologia da criança. Para Costa (1950), sua maior contribuição foi aconselhar “[...] aos mestres da época a procurarem compreender a criança para melhor educá-la” (COSTA, 1950, p. 5).

Tal recomendação foi fundamental para o desenvolvimento de estudos sobre a criança. Costa salienta que o instrutor de Educação Física infantil deveria ter especialização em Psicologia infantil, pois:

[...] há necessidade de um preparo todo especial do instrutor que a par da pedagogia do ensino normal, deverá desenvolver em si próprio o gosto pelos interesses infantis, bem como adquirir os conhecimentos essenciais de psicologia da criança, sem os quais jamais poderia **compreendê-la e portanto educá-la** (COSTA, 1950, p. 50, grifo nosso).

Compreender melhor a criança está relacionado com a idéia de Rousseau, em *Emílio*, de que a criança é um ser diferente do adulto, que possui peculiaridades próprias, daí a necessidade de o educador conhecê-la profundamente.

3.5 Corpo forte: física e moralmente

A idéia de um aluno são (saudável) e forte, tanto física quanto moralmente, preconizada por Rousseau, em *Emílio*, pode ser vislumbrada no artigo *A Educação Física* publicado por Pedro Calmon, em abril de 1952.

Para Pedro Calmon “da Academia de Letras”,⁶⁴ a formação da juventude, da época não seria compreendida sem a “[...] assistência de uma educação física integral” (CALMON, 1952, p. 1), sem a saúde do corpo “[...] nenhuma espécie de ensino poderá considerar-se adequada e promissora” (p. 1). A base do ensino seria, então, “[...] a organização saudável da pessoa, a sua estruturação ou sua firmeza física” (p. 1).

Para Pedro Calmon, o corpo saudável seria “[...] a base humana da pedagogia” (CALMON, 1952, p. 1) e, para ressaltar a importância de um corpo saudável para a educação, o autor recorre a Rousseau:

A este respeito voltamos [a] **Rousseau**, quando pleiteava para o aluno ideal uma higiene sábia e ativa: queria, antes do intelectual, o equilibrado, e antes da criatura capaz de dominar o mundo, o forte sujeito capaz de dirigir-se a si próprio. É nesse tipo hígido de moço vigoroso, ou seja, de organismo que superou as deficiências de um ambiente depressivo com a disciplina e tranqüilidade de suas energias educadas, que a Civilização encontra o modelo da vida digna; e sua segurança (CALMON, 1952, p. 1, grifo nosso).

Pedro Calmon explica o sentido dado à palavra força e, em suas explicações, também evidencia a presença de Rousseau:

O que a educação moderna pede, proclama é [...] a força como correção subjetiva, a força como restauração fisiológica, a força como complemento moral, a força modesta e necessária aos homens que degeneravam no abandono de suas carências, no desconforto da saúde comprometida, na sua escassez natural ou a crise de desenvolvimento (CALMON, 1952, p. 1).

A força, para Calmon, é física, no sentido de manter um corpo saudável, e é também moral, no sentido de estar ligada a uma disciplina interna, fundamental para o homem “[...] dirigir-se por si próprio” e alcançar seus objetivos (CALMON, 1952, p. 1).

⁶⁴ Essa informação encontra-se em outro artigo publicado pelo autor na *Revista* n. 40 (1938), intitulado *Uma política de cultura*.

É esse também o sentido dado por Rousseau à força. Ela é física, intelectual e moral, no sentido de que um corpo fraco, debilitado é que “manda” e um corpo forte, robusto e saudável é que obedece à “alma” – em outras palavras, um corpo “são” é disciplinado, capaz de dirigir-se a si próprio (de seguir “as ordens” do seu eu).⁶⁵

É preciso que o corpo tenha vigor para obedecer a alma: um bom servidor deve ser robusto. Sei que a intemperança excita as paixões; extenua também o corpo com o tempo; as mascerações, os jejuns, produzem a miúdo os mesmos efeitos por uma causa oposta. Quanto mais fraco o corpo, mais ele comanda; quanto mais forte mais ele obedece. Todas as paixões sensuais se abrigam em corpos afeminados; e estes tanto mais se irritam quanto menos podem satisfazer (ROUSSEAU, 1762-1992, p. 31).

A “educação física integral” era aquela que, segundo Calmon (1952, p. 1), integra corpo e alma:

[...] a qualidade de ser completamente homem, ‘mens sana in corpore sano’, se arrima aos métodos de formação escolar, destinados à preparação interior e concreta do indivíduo da idade plástica dos decisivos encontros com a existência e seus problemas. E mercê dessa aliança – do físico e do intelecto – surgirá o verdadeiro cidadão.

Em outro artigo de Idílio Alcântara Abade, publicado em setembro de 1941 (*Revista* n. 48), com o título *A escola superior de educação física de São Paulo e sua escola de aplicação ao ar livre*, também é possível vislumbrar a utilização, pelo autor, de algumas idéias de Rousseau, mesmo que esse autor não seja citado explicitamente.

Nesse artigo, Abade (1941) ressalta que a criação da Escola de Aplicação ao Ar Livre preencheria uma lacuna metodológica no ensino da Escola Superior de Educação Física de São Paulo. Segundo ele, unilateral e incompleta, ela iria “[...] assegurar ao futuro fisicultor um ensino teórico e prático nos moldes de uma racional educação física” (ABADE, 1941, p. 24).

As Escolas de Aplicação ao ar livre seriam “[...] as maiores oportunidades para o **desenvolvimento físico, que é a base de todas as manifestações vitais, físicas, e psicológicas** [...]” (ABADE, 1941, p. 25, grifo nosso). Nelas, a criança, além do íntimo contato com a natureza, teria uma “racional educação física” e

⁶⁵ Enfatiza Rousseau (1762-1992, p. 31): “Eu não me encarregaria de uma criança doentia e caquética, ainda que devesse viver oitenta anos. Não quero saber de um aluno sempre inútil a si mesmo e aos outros, que só se ocupe com se conservar e cujo corpo prejudique a educação da alma”.

também atividades educativas baseadas no interesse e que viriam a enriquecer o conteúdo de sua experiência. Segundo Abade (1941, p. 24, grifo nosso):

As escolas ao ar livre ajudam, de maneira feliz e agradável, a resolução do problema da educação física infantil, porque dão maiores oportunidades para o **desenvolvimento físico** e favorecem pelo ambiente, livre de quadros tradicionais, atividades altamente educativas.

Nas palavras do autor, percebe-se a ênfase dada ao desenvolvimento físico que seria “[...] a base de todas as manifestações vitais, físicas e psicológicas” (ABADE, 1941, p. 24). Podemos dizer que são uma tradução da idéia de Rousseau.

É possível, também, vislumbrar, nas propostas educacionais que do plano de organização da Escola de Aplicação ao Ar Livre, outras concepções educacionais presentes em Rousseau.

A própria idéia de deixar a criança em íntimo contato com a natureza pode ser relacionada com a concepção de que a vida nas cidades em contato com “o ar malsão dos lugares demasiado povoados” seria prejudicial à criança (ROUSSEAU, 1762-1992, p. 38).

A simples permanência ao ar livre à luz do sol, isto é, a vida no seu íntimo contato com a natureza, é elemento que por si só, vem beneficiar o organismo infantil. A respiração em um meio puro é uma necessidade e uma exigência para os organismos infantis em pleno desenvolvimento e que [...] nos centros urbanos, são obrigadas a permanecer em lugares confinados e pouco higiênicos (ABADE, 1941, p. 25, grifo nosso).

A idéia do contato com a natureza, com aulas ao ar livre, está representada também em imagens presentes no artigo, como pode ser visto na Figura 3, a seguir:



Figura 3 - Aula na Escola de Aplicação ao Ar Livre da Escola Superior de Educação Física de São Paulo
Fonte: *Revista de Educação Física*, n. 48, 1941

As atividades a serem desenvolvidas pelas crianças deveriam ser baseadas no seu *interesse*. Dessa forma, à professora caberia a tarefa de orientá-las e estimulá-las, “[...] **interessando-as** e fazendo-as obter, através da observação e **experiência, conhecimentos compatíveis com sua idade** [...]” (ABADE, 1941, p. 26, grifos nossos). As crianças ficariam, então, “[...] **livres** para o trabalho na carpintaria, no tanque de areia, para que possam construir, elas próprias (com o mínimo de orientação da professora), presépios, arcas de Noé, casa da boneca, etc.” (ABADE, 1941, p. 26, grifo nosso).

Interesse, experiência, ensino de conhecimentos compatíveis com a idade e liberdade são questões amplamente discutidas por Rousseau em *Emílio*.

Rousseau salienta que o interesse imediato é que move as atividades infantis “[...] não pode aprender nada cuja vantagem imediata não sinta, ou de prazer ou de utilidade; de outro modo, que motivo a levaria a aprender?”, indaga Rousseau (1762-1992, p. 110). Os trabalhos manuais de carpintaria ou as brincadeiras no tanque de areia despertam o interesse imediato da criança e proporcionam um aprendizado por meio da experiência, importantíssimo, uma vez que “[...] as crianças esquecem mais facilmente o que se lhes diz, ou o que dizem, do que o que fazem ou o que lhe fazem [...]” (ROUSSEAU, 1762-1992, p. 88).

A aprendizagem de conhecimentos compatíveis com a sua idade pode ser relacionada com a educação negativa presente em *Emílio*. Segundo as recomendações de Rousseau (1762-1992), na infância a criança não está apta a aprender idéias muito abstratas, certos conceitos morais ou religiosos; portanto, deve-se trabalhar a única razão que ela é suscetível de aprender, a razão sensitiva, por meio do exercício do corpo e dos sentidos.

Em *Emílio*, já no Livro I, Rousseau (1762-1992) comenta a perda de liberdade de movimentos pela criança que, numa prática comum à época, eram enroladas em faixas, com o objetivo de enrijecer os músculos. Para o autor, essa prática, assim como o hábito de vestir a criança com muitas roupas, toucas, a impedem de movimentar-se, dificultam-lhe a respiração, impedem-na de crescer e de se fortalecer e, conseqüentemente, de alterar sua constituição.

A liberdade, aqui, encontra-se relacionada com o corpo; ter maior liberdade significa poder movimentar-se livremente, crescer e fortalecer-se; é uma liberdade

necessária à alteração de sua constituição corporal, com o objetivo de fortalecê-la.⁶⁶ A liberdade pode ser, então, associada à força. Rousseau (1762-1992) afirma que a felicidade das crianças e, também dos homens, consiste no emprego de sua liberdade; mas essa liberdade, nas crianças, é limitada por sua fraqueza. É uma liberdade imperfeita, uma vez que ela não pode prescindir dos outros (dos adultos).

Assim, Rousseau (1762-1992) recomenda que pule, que grite, que corra, que exercite sua liberdade natural. É isso que deve ser feito na infância, para que a criança cresça e se fortaleça fisicamente. Mesmo fortalecida constitucionalmente (com relação ao corpo), a criança nunca terá uma autonomia completa, pois sempre dependerá de um adulto. Ao que parece, então, para Rousseau (1762-1992), no que se refere à liberdade da criança, recomenda que, com relação ao corpo, ela tenha a liberdade necessária ao seu fortalecimento. Por outro lado, reconhece que a liberdade nas crianças não é completa, pois elas não podem prescindir dos adultos.

Remetendo essas observações para a relação professor-aluno, Rousseau (1762-1992, p. 114) recomenda:

Segui um caminho diferente com vosso aluno; que ele imagine sempre ser o mestre e que vós o sejais sempre. Não há sujeição mais perfeita do que aquela que conserva a aparência da liberdade: cativa-se assim a própria vontade. A pobre criança que não sabe nada, que não pode nada, que não conhece nada, não está a vossa mercê? Não dispondes em relação a ela de tudo que a cerca? Seus trabalhos, seus jogos, seus prazeres, suas penas, não esta tudo em vossas mãos sem que ela o saiba? Sem dúvida não deve ela fazer senão o que quer, mas o que deve querer senão o que quiserdes que ela faça; não deve dar um passo que não tenhais previsto.

Pode-se dizer que, nas propostas registradas no artigo de Abade (1941), a liberdade das crianças também seria imperfeita, uma vez que, nas atividades escolares, por mais que pudessem ter maior liberdade de movimentos, nas brincadeiras, por exemplo, elas seriam direcionadas segundo as orientações de um professor. Assim, Abade (1941) afirma que as crianças ficariam “livres” para o trabalho na carpintaria, no tanque de areia, para que elas próprias pudessem construir diferentes artefatos.

⁶⁶ “A natureza tem para fortalecer o corpo de fazê-lo crescer, meios que nunca devemos contrariar [...] é preciso que pule, que corra, que grite quando tiver vontade [...] os movimentos são necessidades de sua constituição que busca fortalecer-se” (ROUSSEAU, 1762-1992, p. 69).

A Escola de Aplicação ao Ar Livre⁶⁷ seria, segundo Abade (1941), além de um campo de observação e experiência para os alunos da Escola Superior de Educação Física, um Centro onde a Educação Física seria a base da “educação integral”.

A “racional educação física” como base da “educação integral” era o tipo de educação que se pretendia nesse estabelecimento, que, segundo Abade (1941), deveria servir de modelo para criação de outras escolas ao ar livre no País, uma vez que elas ajudariam na “[...] resolução do problema da educação física infantil, porque dão maiores oportunidades para o desenvolvimento físico e favorecem pelo ambiente, livre de quadros tradicionais, atividades altamente educativas” (ABADE, 1941, p. 24).

Como pode ser observado, as concepções educativas de Rousseau foram apropriadas pelos autores dos artigos aqui tratados para enfatizar a importância da Educação Física nas escolas. A ênfase na educação, por meio do corpo, dos sentidos, encontra-se articulada à idéia do ensino prático, “ativo”, ao invés do “passivo”, de acordo com os preceitos da educação (escola) “moderna”, “nova”, para a “educação integral” do indivíduo: física, intelectual e moral.

⁶⁷ A idéia das Escolas de Aplicação ao Ar Livre parece familiar à idéia que nasceu na Alemanha relativa às Escolas ao ar Livre (*Waldschule*), onde as classes eram organizadas ao ar livre, à sombra das árvores. A primeira foi criada em Charlottenburgo, em 1904 (CLAPARÈDE, 1905-1956, p. 82).

4 EDOUARD CLAPARÈDE: A PSICOLOGIA E A EDUCAÇÃO FÍSICA

A presença de Edouard Claparède⁶⁸ na *Revista* evidencia-se principalmente nos artigos que apresentavam orientações ou recomendações de programas de ensino para a Educação Física escolar.

Nesses artigos, é possível perceber a utilização, pelos autores, de determinadas concepções ou idéias que Edouard Claparède apresenta em algumas de suas obras, como *A educação funcional* (original publicada em 1931), *A Escola sob medida* (original publicada em 1920) e *Psicologia da criança e Pedagogia experimental* (original publicada em 1905)⁶⁹ O que se pretende é analisar os artigos a partir da leitura dessas três obras e detectar fios existentes entre algumas concepções teóricas de Edouard Claparède e as discussões postas em circulação na *Revista*, nos artigos sobre Educação Física escolar, no período investigado.

As principais idéias apropriadas nesses artigos, quando das discussões sobre a Educação Física escolar, foram: as concepções educativas desenvolvidas por Claparède sobre as relações entre crescimento físico e desenvolvimento mental e suas repercussões para o trabalho escolar; a função da imitação na vida da criança, a utilização do jogo na educação, a função do brinquedo, as relações entre jogo e trabalho, a evolução dos interesses no desenvolvimento da criança e do adolescente e a necessidade de adequar o ensino a essas diferentes fases.

4.1 Jogos e interesses do educando

Um exemplo de apropriação da idéia da utilização de jogos, de acordo com os interesses do educando em cada fase do desenvolvimento mental e, ainda, como essas idéias poderiam ser colocadas em prática, num plano de ensino, pode ser flagrado no artigo denominado *Programas de “Educação Física” para Jardim da Infância e Escola Primária, Secundária, Comercial e Superior*, das autoras Maria

⁶⁸ Edouard Claparède nasceu em 1873 e faleceu em 1940.

⁶⁹ Para esta análise, foram utilizados os seguintes exemplares: CLAPARÈDE, Edouard. **A educação funcional**. Tradução de J. B. Damasceno Penna. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. CLAPARÈDE, Edouard. **A escola sob medida**. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959. CLAPARÈDE, Edouard. **Psicologia da criança e pedagogia experimental**. Tradução de Aires da Mata Machado Filho e Turiano Pereira. São Paulo: Editora do Brasil S-A, 1956.

Jacy Nogueira Vaz e Cecília Stramandinoli da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, publicado em 1947.

As autoras salientam que foram os conhecimentos da Biologia e da Psicologia que levaram a “moderna pedagogia” a estruturar o sistema escolar vigente, de tal modo que acompanhasse os diversos períodos da evolução, uma vez que o educando apresenta, em cada um deles, capacidades e interesses diferentes. Dessa forma, as autoras evidenciam o tipo de contribuição que a Biologia e a Psicologia poderiam dar à Pedagogia e, por que não, à Educação Física? Como? Fazendo com que, no ensino da Educação Física, se atendessem às necessidades e aos interesses do educando, nas suas diferentes fases do desenvolvimento.

Stramandinoli e Vaz (1947, p. 35) afirmam que, no Jardim de Infância ou no período de quatro a sete anos, a criança:

[...] gosta de rolar, chutar, puxar, empurrar, correr, saltar, pendurar-se, descer, subir, manter-se, enfim, em atividade constante e variada. Observa-se ainda uma acentuada preferência para imitar a marcha e vozes de animais, o vôo dos pássaros, os movimentos da natureza e para dramatizar as atividades domésticas e profissionais do meio em que vive.

Essas necessidades da criança encontram-se intimamente relacionadas com sua necessidade essencial de jogar, com o instinto para essa atividade, dado pela natureza, para atender às suas exigências de crescimento físico e mental. As autoras ressaltam ainda a tendência da criança à imitação.

Para explicar as relações entre necessidade e jogo, as autoras não recorrem a Claparède. Elas citam Karl Gross⁷⁰ – cujas idéias inspiraram Claparède⁷¹ – e

⁷⁰ A relação estabelecida entre crianças e animais é feita por Karl Gross, porque suas explicações de cunho biológico, assim como as de Claparède, comparam a análise dos animais com a do homem, com o objetivo de buscar aproximações que permitiriam uma compreensão mais profunda das atividades, de sua significação ou de seu papel na manutenção da vida – significação funcional (CLAPARÉDE, 1905-1956, p. 402).

⁷¹ De acordo com Helena Antipoff, que prefacia *Psicologia da criança e Pedagogia experimental*, Claparède lê, em 1900, na obra *Die Spiele der Tiere* de Karl Gross, aquilo que deveria ser o fundamento da arte pedagógica, qual seja, a exploração das tendências naturais da criança, sobretudo sua tendência para o brincar. Segundo Antipoff, as idéias de Gross e os estudos que já vinha fazendo sobre a Psicologia infantil inspiraram Claparède a criar, em 1912, o Instituto de Ciências da Educação, conhecido como Instituto J. J. Rousseau, onde aplicaria suas idéias sobre educação. “O Instituto, criado por Claparède, dirigido por Pierre Bovet e contando com a colaboração, no começo, principalmente, de homens como Ferrière, Dr. Godin, Mlle. Decoeudres, Audemars, Lanfedel, Mme. Artur e, mais tarde, Walter, Piaget, Meylan e tantos outros obreiros e mestres das ciências da educação, gozou altíssima reputação e serviu de centro para educadores do mundo inteiro e de núcleo irradiador dos princípios e métodos da escola ativa” (ANTIPOFF, 1956, p. 16). Cabe salientar que a edição utilizada por nós foi publicada em 1956. É o v.18, mas o prefácio escrito por Helena Antipoff, que foi assistente no Laboratório de Psicologia da Universidade de Genebra e foi

que, de acordo com as autoras, compreendeu bem a necessidade do jogo ao dizer que “Os animais e as crianças não brincam porque são jovens, mas são jovens para brincar” (GROSS, apud STRAMANDINOLI; VAZ, 1947, p. 36). Claparède (1931-1958)⁷² afirma que, para Karl Gross, o jogo tem uma utilidade funcional e desempenha um papel no desenvolvimento do indivíduo. Nessa teoria, a criança joga tendo em vista o futuro. Em outras palavras, o jogo é um “pré-exercício” indispensável ao seu desenvolvimento. O jogo seria funcional não em relação à criança hoje – satisfazendo às suas necessidades presentes – mas em relação ao adulto de amanhã, preparando-o para situações futuras mais complexas.

Claparède (1931-1958) argumenta que essa concepção funcional do jogo é incompleta, pois possui apenas aspecto longitudinal, ou seja, com relação ao que virá a ser mais tarde. Ele considera que o jogo é funcional tanto sob o aspecto longitudinal, quanto sob o aspecto transversal, ou seja, porque, além de ser um pré-exercício, visando ao futuro, também dá uma satisfação às necessidades – motoras e mentais – atuais e imediatas da criança, e é satisfazendo às necessidades presentes que o jogo prepara o futuro.⁷³

Para Claparède (1931-1958), essa especificidade é que agrada tanto às crianças. Nas palavras dele:

O jogo é agradável porque corresponde à satisfação de uma necessidade. É lei geral que tudo o que contribui para o desenvolvimento da vida e para o engrandecimento da personalidade se faz acompanhar de prazer (comer quando se tem fome, dormir quando se está cansado [...]) (CLAPARÈDE, 1905-1956, p. 419).⁷⁴

Nesse sentido, seria o jogo um instinto? O jogo não é um instinto, pois esse é um ato definido, porém o jogo se parece com o instinto, consistindo, como ele, no desencadeamento, por meio de um estímulo interno ou externo, das mais diversas atividades. O jogo poder-se-ia dizer, é um *impulso instintivo* (CLAPARÈDE, 1905-1956, p. 420, grifo do autor).

professora do Instituto J. J. Rousseau, foi escrito em 1933, conforme registrado nessa edição de 1956.

⁷² O ano de 1931 refere-se ao ano da primeira edição do livro *A educação funcional* e 1958 corresponde a data do exemplar utilizado neste trabalho (5. ed).

⁷³ Vaz e Stramandinoli (1947, p. 35) citam também Luckey para dizer que, nesse período, segundo a classificação do desenvolvimento mental, a criança se acha no “[...] estado volitivo (crescimento dos músculos: o exercício que estes exigem converte o menino em um ser dramático, em um animal ativo)”. As autoras não apresentam nenhuma informação sobre o autor citado Luckey.

⁷⁴ O ano de 1905 refere-se ao ano da primeira edição do livro *Psicologia da criança e Pedagogia Experimental* e 1956 corresponde a data do exemplar utilizado neste trabalho.

Antes de apresentar o programa de atividades, recomendado para o período de quatro a sete anos – jardim de infância – as autoras citam a classificação dos estágios de aquisição dos interesses, tendo como referência Claparède.

Os interesses nesse período, **segundo a classificação de Claparède**, encontram-se no estado de aquisição, na fase dos **interesses gerais**, quando a criança se mostra inteiramente preocupada em saber a origem, a constituição a utilidade e a finalidade de tudo que percebe. É esta a idade bem conhecida das perguntas, a época dos ‘porque’, e a curiosidade infantil deve ser explorada pelo educador para fins utilitários e idealistas (STRAMANDINOLI; VAZ, 1947, p. 35, grifos nossos).

É a mesma classificação apresentada por Claparède em *Psicologia da criança e pedagogia experimental* (1905-1956). De acordo com o autor, os interesses evoluem, quanto aos seus períodos culminantes, em três estágios, que, por sua vez, são compostos por períodos: a) *estágio de aquisição, de experimentação*, composto pelos períodos: de *interesses perceptivos* (primeiro ano de existência), *interesses glóssicos* (interesse pela linguagem, no segundo e terceiro anos), *interesses gerais* (despertar da inteligência, dos três aos sete anos) e *interesses objetivos* (dos sete aos doze anos); b) *estágio de organização e apreciação: período sentimental* (interesses éticos e sociais, dos doze aos dezoito anos); c) *estágio de produção*: período de trabalho (grifos nossos).

Outra observação cabe a respeito da apropriação feita pelas autoras. Refere-se à utilização da palavra idealistas. Claparède não utiliza essa expressão ao falar como os educadores e os pais deveriam aproveitar essa fase na instrução da criança. Para ele, “[...] este desejo de conhecer deve ser favorecido, porque precisamente nele é que se deve apoiar a instrução. Se ele não existe nenhum enriquecimento do espírito é possível [...]” (CLAPARÈDE, 1905-1956, p. 484).

Claparède salienta que a exploração do educador, nessa fase, deveria ser feita no sentido de mostrar ao aluno os “porquês” e os “comos”. Nas palavras do autor:

Nas escolas, as diversas matérias de ensino são geralmente estudadas sem que se tenha previamente interessado o aluno na sua aquisição, sem que lhe tenham mostrado quais são os ‘porquês’ e os ‘comos’ que elas permitiriam se respondesse. **Uma lição não deve ser outra coisa senão uma resposta**, que a criança acolherá com avidez tanto maior quando ela mesma tenha sido levada a formular as perguntas correspondentes (CLAPARÈDE, 1905-1956, p. 484, grifo do autor).

O caráter utilitário que, segundo as autoras, existe nessa fase está, de acordo com Claparède, “[...] na disposição utilitária de seu espírito”. Quando lhe pede, por exemplo, para definir um objeto, suas respostas são do tipo “uma faca é para cortar” ou “um cavalo é para puxar a carroça”. Para Claparède (1905-1956, p. 485):

O mestre e os pais poderiam aproveitar, em bem da educação, estes pendores utilitários. Mostrando ao menino qual é a razão prática desta ou daquela ordem que se lhe dê, de tal ou qual proibição que se lhe imponha, de uma lição que se lhe faça aprender, vencer-se-ia sem esforço a resistência instintiva que ele opõe ao cumprimento daquilo que, a seu ver, não corresponde a nenhuma necessidade.

Stramandinoli e Vaz (1947) ressaltam que, nesta fase – da aquisição de interesses intelectuais gerais – a tendência instintiva a imitar é muita acentuada. Mais uma vez, é possível perceber que as autoras tiveram como referência Edouard Claparède, que salienta que a infância serve para a criança jogar e imitar.

Claparède (1905-1956) sublinha que existem três vias por meio das quais a criança pode apossar-se do capital de funções que serão necessárias à sua existência, são elas: a hereditariedade, a experiência pessoal e a imitação. A imitação é, assim, um dos meios de se adquirir certas funções necessárias ao seu desenvolvimento. Nesse sentido, para Claparède (1905-1956), a criança “imita para aprender a imitar”, como um instinto, assim como o “instinto de nutrição se revela pela fome” e imita para adquirir outros conhecimentos por meio da imitação.

Após apresentarem essas explicações sobre o programa de atividades destinado ao Jardim de Infância, elaborado, de acordo com elas, atendendo aos interesses e às necessidades das crianças de quatro a sete anos, as autoras apresentam o plano de ensino para o Jardim de Infância, em um quadro, que pode ser visto a seguir:

<p>Jardim de Infância (4 a 7anos)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1- Exercícios naturais 2- Exercícios em aparelhos (os existentes nos parques infantis). 3- Atividade Rítmicas <ol style="list-style-type: none"> a) Ginástica Rítmica b) Dança Natural <ul style="list-style-type: none"> - imitativa - expressionista - descritiva c) Dança regional ou rodas cantadas 4- Pequenos jogos 5- “Contests” elementares 6 “Acrobacias educativas” fáceis 7 Exercícios analíticos
---------------------------------------	--

QUADRO 18 - PROGRAMA PARA O JARDIM DE INFÂNCIA

Fonte: *Revista de Educação Física* (n. 56).

Mais uma vez, as autoras se baseiam na classificação da aquisição dos interesses elaborada por Claparède para apresentar quais seriam os interesses que predominam nessa fase:

Os interesses especiais, segundo Claparède, são variados e numerosos e vão se diferenciando nos dois sexos. É a época, por exemplo, nas meninas, do brinquedo de boneca e nos meninos, das coleções dos objetos mais diferentes. Os meninos preferem os jogos mais violentos e os exercícios de habilidade e força, em oposição às meninas (STRAMANDINOLI; VAZ, 1947, p. 36, grifo nosso).

Os interesses especiais são desenvolvidos, segundo Claparède (1905-1956), após o desenvolvimento das funções psíquicas gerais, tais como: perceber, adaptar seus movimentos, expressar seus desejos por meio da linguagem, medir espaço, procurar a causa do porquê. Após essa fase, o interesse se especializa e se concentra sobre determinados objetos, sobre determinadas ocupações, sobre problemas mais definidos. São os interesses especiais que, uns após outros, se tornam, de acordo com o autor, a fonte dos jogos infantis.

Para Maria Jacy Nogueira Vaz e Cecília Stramandinoli (1947, p. 36, grifos nossos) a educação no Jardim de Infância e na Escola Primária deveria ser:

[...] **ativa**, pondo constantemente em **foco a iniciativa da criança, seus entusiasmos, seus impulsos espontâneos, sua vontade**, e estar toda ela imbuída da **concepção funcional**, cuja **utilidade, necessidade e dignidade devem ser respeitadas, tal como desejou a natureza**.

Nesse trecho, as autoras apresentam a concepção educacional que deveria fundamentar a prática docente nos Jardins de Infância e na Escola Primária, qual seja: a “concepção funcional”, notadamente a presente em Edouard Claparède.

As autoras apresentam um programa de ensino para a escola primária que, de acordo com elas, foi elaborado numa tentativa de atender às características das crianças dessa faixa etária. Esse plano pode ser visualizado no QUADRO 19.

Escola Primária (7aos 12 anos)	<ol style="list-style-type: none"> 1- Exercícios naturais 2- Exercícios em aparelhos (os existentes nos parques infantis). 3- Pequenos jogos 4- "Contests" elementares 5- Grandes jogos 6- Atividade Rítmicas <ul style="list-style-type: none"> a) Ginástica Rítmica <ul style="list-style-type: none"> imitativa expressionista descritiva interpretativa b) Dança Natural <ul style="list-style-type: none"> imitativa expressionista descritiva interpretativa c) Dança Regional ou rodas cantadas - rodas cantadas - danças regionais 7- "Acrobacias educativas" fáceis 8- Exercícios analíticos
-----------------------------------	---

QUADRO 19 - PROGRAMA PARA A ESCOLA PRIMÁRIA

Fonte: *Revista de Educação Física* (n. 56).

Stramandinoli e Vaz (1956) apresentam, ainda, um plano de ensino da Educação Física para a Escola Secundária e Escola Superior. O período de 12 a 18 anos corresponde à Escola Secundária. Para as autoras, esse estágio que compreende “[...] não somente a puberdade, mas, também, grande parte da juventude, [é] uma fase de notáveis transformações fisiológicas e psicológicas, alterações de conduta e mudanças morfológicas” (STRAMANDINOLI; VAZ, 1956, p. 36).

Quanto aos interesses, é o período dos interesses sociais e éticos, em que o indivíduo se define em relação à coletividade. Esses interesses se detêm, se não raro, em volta da pintura, da música, de obras de beneficência, de associações de todo gênero (STRAMANDINOLI; VAZ, 1956, p. 36). Nessa fase, para as autoras, manifesta-se, ainda, um grande interesse pela competição e pela performance.

Aqui também é possível vislumbrar a utilização, pelas autoras, da classificação dos interesses elaborada por Claparède. Para esse autor, o adolescente se define em relação à coletividade porque, “Nesta idade [12 anos] o menino que até então não se ocupava do papel que podia desempenhar na sociedade, adquire consciência de seu caráter de membro de uma coletividade” (CLAPARÈDE, 1905-1956, p. 496).

O indivíduo se define em relação à coletividade. A essência do eu está constituída pelo sentimento de responsabilidade, do dever, do papel que somos chamados a desempenhar, sentimentos que são, evidentemente, de origem e de significação sociais (CLAPARÈDE, 1905-1956, p. 496).

O interesse pela música, pintura e obras de caridade decorre do fato de ser o período da adolescência caracterizado, ainda:

[...] pela concentração do interesse sobre um pequeno número de objetos. Geralmente se verifica um único interesse dominante, que é como que o centro em torno do qual gravitam todas as ocupações, todos os pensamentos do jovem ou da jovem: a pintura, a música, uma obra de caridade, uma coleção, um convívio (CLAPARÈDE, 1905-1956, p. 496).

As autoras não justificam o porquê, nessa fase, há grande interesse pela competição e pela performance. Claparède (1905-1956), ao analisar os jogos de competição, salienta que, na maioria deles, intervém o instinto de luta, nos esportes, especificamente. O que constitui seu caráter próprio é a satisfação que procura a luta contra uma dificuldade. Segundo o autor, para compreender essa tendência à luta, é necessário refletir sobre o papel imenso que ela desempenha na vida dos indivíduos e das sociedades. Ao que parece, as autoras Stramandinoli e Vaz se basearam nessas observações, ao introduzirem, no plano de ensino para a Escola Secundária, as atividades desportivas, que, vale ressaltar, não estavam presentes nos planos propostos para os Jardins de Infância e a Escola Primária. Vejamos o plano apresentado pelas autoras para a Escola Secundária, nos QUADROS 20 e 21.

Escola Secundária (12 aos 18 anos)	<ol style="list-style-type: none"> 1- Exercícios naturais 2- Educativos 3- Exercícios analíticos 4- Atividade Rítmicas <p style="margin-left: 40px;">a) Ginástica Rítmica</p> <p style="margin-left: 40px;">b) Dança Natural</p> <p style="margin-left: 40px;">c) Dança Regional</p> <p style="margin-left: 40px;">d) Dança de Salão</p> <p style="margin-left: 40px;">5- "Contests"</p> <p style="margin-left: 40px;">6- Grandes jogos</p> <p style="margin-left: 40px;">7- Atividades desportivas</p> <p style="margin-left: 40px;">8- "Acrobacias educativas" médias</p> <p style="margin-left: 40px;">9- Excursões</p>
---------------------------------------	--

QUADRO 20 - PROGRAMA PARA A ESCOLA SECUNDÁRIA - SEXO FEMININO

Fonte: *Revista de Educação Física* (n. 56).

Escola Secundária (12 aos 18 anos)	<ol style="list-style-type: none"> 1- Exercícios naturais 2- Educativos 3- Exercícios analíticos 4- "Contests" 5- Grandes jogos 6- Atividades desportivas 7- "Acrobacias educativas" médias 8- Excursões
---------------------------------------	--

QUADRO 21 - PROGRAMA PARA A ESCOLA SECUNDÁRIA – SEXO MASCULINO

Fonte: *Revista de Educação Física* (n. 56).

Para a Escola Superior, Maria Jacy Nogueira Vaz e Cecília Stramandinoli (1947) salientam que os interesses pelas atividades de educação são os mesmos da Escola Secundária e que irão continuar até a maturidade.

Assim, elas propõem que continue o ensino da prática dos desportos que “[...] as moças e os rapazes praticaram durante o resto da vida: voleibol, tênis, natação, remo, basquetebol, etc.” (STRAMANDINOLI; VAZ, 1947, p. 36). Para justificar a importância da prática de atividades desportivas, as autoras ressaltam:

O prazer instintivo do jogo aliado ao ideal de saúde, força, destreza, para os rapazes, o sentimento de prazer, do ritmo, da beleza, da harmonia e a satisfação das atividades em grupo, para as moças, constituirão poderoso incentivo para que uns e outros se preservem na prática dos exercícios físicos (STRAMANDINOLI; VAZ, 1947, p. 36).

Nas palavras das autoras, é possível enxergar três tipos de argumentos a respeito dos jogos desportivos: um que os relaciona com o melhoramento da saúde, outro que ressalta seu caráter social e o último que enfatiza sua relação com o prazer.

É importante observar que, para ressaltar as vantagens que a prática de atividades desportivas proporciona, elas utilizam o argumento de que o jogo (não utilizam a palavras desporto) é um instinto cuja prática envolve prazer. Observemos que os desportos coletivos são equiparados, então, ao jogo, sendo o último utilizado como sinônimo daquele. Cabe ressaltar que, da forma como está no artigo, um dos sentidos dados pelas autoras aos desportos é de jogo relacionado com o prazer, sentido que também pode ser observado em Claparède (1905-1956) ao discutir aspectos referentes aos jogos de competição.

Tendo em vista esses aspectos, as autoras apresentam uma proposta de plano de ensino para a Escola Superior, que pode ser vista nos QUADROS 22 e 23.

Escola Superior (18 anos em diante)	<ul style="list-style-type: none"> 1- Exercícios analíticos 2- Educativos 3- Atividade Rítmicas 4- Atividades desportivas 5- Excursões <div style="margin-left: 100px;"> <ul style="list-style-type: none"> a) Ginástica Rítmica b) Dança Natural c) Dança Regional d) Dança de Salão </div> <div style="margin-left: 150px;"> <ul style="list-style-type: none"> imitativa expressionista descritiva interpretativa decorativa simbólica satírica </div>
-------------------------------------	---

QUADRO 22 - PROGRAMA PARA O ENSINO SUPERIOR - SEXO FEMININO

Fonte: *Revista de Educação Física* (n. 56).

Escola Superior (18 anos em diante)	<ol style="list-style-type: none"> 1- Exercícios analíticos 2- Educativos 3- Atividades desportivas 4- Excursões
-------------------------------------	--

QUADRO 23 - PROGRAMA PARA O ENSINO SUPERIOR -SEXO MASCULINO

Fonte: *Revista de Educação Física* (n. 56).

O texto escrito pelas professoras Maria Jacy Nogueira Vaz e Cecília Stramandinoli (1947) é um exemplo para se vislumbrar como o conhecimento proveniente de outros campos, nesse caso, da Psicologia – por meio de algumas questões discutidas por Edouard Claparède – foram utilizados como referencial teórico por autores da Educação Física, ao discutirem questões e ao proporem práticas relativas à Educação Física escolar na *Revista*.

4.2 As “crises” do crescimento físico e o desenvolvimento mental

Na *Revista* ano 2, n. 8, de maio de 1933, em um artigo com o título *O primeiro ano da criança na escola e seu crescimento físico*, o autor Idílio Alcântara Abade também utiliza Edouard Claparède em suas discussões.

Abade (1933, p. 13) inicia o artigo ressaltando que é “[...] numa das fases mais acentuadas de crescimento físico é que a criança inicia seu aprendizado primário”. De acordo com o autor, o crescimento físico da criança opera-se sempre no sentido de uniformizar o todo, por isso se acelera mais nos pontos em que existem deficiências, variando de acordo com fases relacionadas com a idade.

Abade (1933) salienta, então, que, até a idade de um ano, o crescimento é rápido, depois há um período mais lento, que precede a outro mais rápido, dos seis aos sete anos; dos sete aos doze anos, o crescimento é mais vagaroso, para continuar rápido até os quinze anos. Essas são, segundo Abade, as fases do crescimento que compreendem a primeira infância, a segunda infância, a adolescência, seguindo-se da puberdade. Todavia Abade (1933, p. 13) sublinha que “[...] esses dados variam segundo as raças, sexos, condições sociais, condições físicas, clima”.

Todas essas explanações feitas por Abade sobre o crescimento físico da criança estão presentes em Claparède. Elas decorrem das indagações do autor sobre as relações entre o crescimento físico e desenvolvimento mental. Nesse

sentido, Claparède (1905-1956) pergunta: por que se estudar o desenvolvimento físico?

A resposta dada pelo autor é que “[...] os destinos do espírito se acham, como sabemos, ligados ao corpo, e que para compreender estes é já compreender aqueles” (CLAPARÉDE, 1905-1956, p. 386). Claparède (1905-1956) explica ainda que o crescimento da criança não é contínuo, regular, mas realizado aos saltos, ou seja, há períodos em que o crescimento é muito mais considerável do que em outros.

As épocas de acelerações do crescimento, das *crises do crescimento*, variam, aliás, conforme diversas circunstâncias: a raça [...] as condições sociais, o estado de saúde e, sobretudo o sexo. Por outro lado, as crises do crescimento em estatura não coincidem com as do crescimento em peso (CLAPARÉDE, 1905-1956, p. 387).⁷⁵

Com relação à estatura, a classificação apresentada por Abade é a mesma encontrada em Claparède (1905-1956), qual seja: 1º ano, crescimento muito forte, depois uma diminuição até seis ou sete anos. Nesse momento, novo impulso, porém de pouca duração. Aos 12 anos, apresenta o mínimo de crescimento, para acelerar-se de novo até os 15 anos mais ou menos.

Um outro dado apresentado por Abade (1933), a categorização dos períodos em primeira infância, segunda infância, adolescência e puberdade, também teve como referência a divisão apresentada por Claparède. No entanto, esse autor apresenta essa classificação de acordo com os sexos.⁷⁶

Para Claparède (1905-1956), adolescência e puberdade não são fases sinônimas, sendo puberdade o período de amadurecimento dos órgãos de reprodução e adolescência o período de crescimento em estatura.

O autor do artigo, Idílio Abade (1933, p. 13), ressalta que o que interessa, porém, “[...] é sabermos as relações existentes entre as crises do crescimento e o trabalho mental”, uma vez que “[...] existe entre o crescimento físico e o

⁷⁵ Conforme Claparède (1905-1956), as variações entre as crises do crescimento físico e as do crescimento em peso não são simultâneas, mas alternadas. Para Claparède (1905-1956), até os 15 anos, a criança cresce mais do que engorda. A partir dos 15 anos a relação muda; a altura alcança seu máximo, enquanto o peso começa a aumentar, o adolescente, engorda mais do que cresce.

⁷⁶ Claparède (1905-1956, p. 390-391) estabelece a seguinte divisão: “Primeira Infância, para os meninos, até os 7 anos; para as meninas, 6-7 anos; Segunda Infância, para os meninos, 7-12 anos, para as meninas, 7-10 anos; Adolescência, para os meninos, 12-15 anos, para as meninas, 10-13 anos; Puberdade, para os meninos, 15-16 anos, para as meninas, 13-14 anos”.

desenvolvimento intelectual das crianças uma alternância: quando a marcha do crescimento físico aumenta, a do crescimento intelectual diminui e vice-versa” (p.13).

Mais uma vez, Abade utiliza-se das concepções de Claparède (1905-1956, p. 396):

A energia de que pode o organismo dispor não é infinita; por isso, não é de surpreender que quando empregada nas necessidades do crescimento orgânico, seja em detrimento das funções cerebrais. Pelo contrário, quando o crescimento acalma, esta energia, que pode tornar-se disponível, entrará de novo a serviço do trabalho psíquico.

Quais seriam, então, as repercussões dessa relação para o trabalho escolar? Para Claparède (1905-1956), existem dois problemas: a) o menino está menos apto para o trabalho durante os períodos de forte crescimento; b) as crises do crescimento ocorrem por volta dos seis ou sete anos, idade de entrada na escola, e pelos 14 ou 15 anos, época que começa a preparação para os grandes exames.

São estes também os problemas apresentados por Abade (1933, p. 13):

Nos períodos mais acentuados do crescimento físico, dos 6 aos 7 anos, e dos 12 aos 15 anos, o organismo apela para todas as energias e consome grande soma de forças vitais. O desenvolvimento intelectual, por sua vez, exige esforço não pequeno, havendo consumo sensível de energias.

É nesses períodos de maior crescimento físico que as crianças começam a escola primária e os preparatórios. Sendo, portanto, nessa época, que os cuidados deveriam se multiplicar, uma vez que a criança vai mudar de regime, iniciar seus estudos, ter menos liberdade, podendo prejudicar sua saúde corporal e, conseqüentemente, a saúde psíquica “[...] as crianças nestas fases mostram-se raquíticas, com certa pobreza orgânica. É necessário, então, que os professores evitem as demasias na exigência da produção mental dos pequeninos” (ABADE, 1933, p. 13).

Assim, seria necessário, de acordo com Abade (1933), que a escola, nas suas práticas e exigências diárias, não sobrecarregasse as crianças. Seria importante que o trabalho mental fosse adaptado ao seu estado fisiológico. O autor cita Claparède para reforçar que, diante dessas circunstâncias, seria preciso “[...] tratar de tornar o menos coercitivo possível este primeiro ano na escola” (CLAPARÈDE, apud ABADE, 1933, p. 13).

Em todas as justificativas apresentadas por Abade (1933), é possível vislumbrar as concepções de Claparède sobre esse assunto, que assim podem ser sintetizadas:

A entrada na escola é uma data importante na vida da criança, que senhora, até então dos seus movimentos, se vê de súbito enclausurada numa sala quase sempre sombria e mal arejada, forçada a uma imobilidade contrária a todos os seus instintos, transportada, em uma palavra, a outro meio, quer queira ou não, terá de adaptar-se. Principalmente essa imobilidade forçada talvez seja muito prejudicial aos impulsos do desenvolvimento físico, suprimindo uma de suas fontes de estímulo necessário, que é a livre atividade motora. **É preciso, pois, tornar o primeiro ano escolar o menos coercitivo possível** (CLAPARÈDE, 1956, p. 397, grifo nosso).

Na prática, Abade (1933, p. 13) propunha que se conhecendo bem o aluno, o programa de ensino, deveria ser diversificado, uma vez que “[...] é impossível impor simultaneamente à classe os mesmo deveres e as mesmas lições”. Procedendo assim, a escola iria se adaptar às necessidades físicas e psicológicas – tornando o trabalho da criança mais interessante e menos fatigado –, colocando em uso o conceito central da educação proposta por Claparède.

Idílio Abade (1933, p. 13) pergunta, então, se a escola “moderna” satisfazia a essas condições:

Há escolas onde os professores sobrecarregam as crianças de trabalhos mentais, onde se deixam crianças sem recreio, onde se toma a merenda dos pequenos, a fim de castigá-los por qualquer falta cometida no decorrer das lições e não raro praticam o grande crime de punirem as crianças com pancadas.

Percebe-se que, para o autor, a escola atual, a que ele chama de “moderna”, não estava adaptada à criança, ou seja, não havia a adequação do programa de ensino às necessidades físicas e psicológicas da criança, o que, na prática, consistia em tornar menos coercitivo o primeiro ano da criança na escola, considerando que esse é o período das crises do crescimento físico.

No artigo intitulado *Necessidade da Educação Física para firmar espiritual e fisicamente a personalidade da criança*, também escrito por Abade e publicado na

Revista, n. 52, de abril de 1942, o autor utiliza as mesmas idéias de Claparède. Desta vez, para discutir outro assunto.⁷⁷

Abade faz uso de algumas observações feitas por Claparède quanto ao crescimento físico, para enfatizar a importância da Educação Física nos grupos escolares, disciplina que, segundo ele, estava relegada a segundo plano, possuindo um caráter mais ou menos facultativo.

A idéia principal de Claparède, usada por Abade para ressaltar a importância do desenvolvimento físico para a educação da criança e, conseqüentemente, a importância da Educação Física na escola, é a de que é numa das fases mais acentuadas do crescimento físico que a criança inicia seu aprendizado primário.

Essa idéia, presente em Claparède (1905-1956), decorre das observações feitas pelo autor de que existe uma relação entre crescimento físico e desenvolvimento mental, e suas repercussões para o trabalho escolar, quando das crises do crescimento, já mencionadas no artigo anteriormente analisado.

Abade cita ainda as mesmas classificações feitas por Claparède em *Psicologia da criança e pedagogia experimental*, também já apresentadas na análise do artigo anterior, quais sejam: os períodos de crescimento físico de acordo com as crises do crescimento⁷⁸ e a categorização em primeira infância, segunda infância, adolescência e puberdade.

O que difere, então, esse artigo, escrito pelo mesmo autor (Abade), do artigo *O primeiro ano da criança na escola e seu crescimento físico?* O que diferencia é o objetivo do autor.

No artigo anteriormente analisado, a utilização das idéias de Claparède sustenta a atenção que deveria ser dada ao aluno no período em que ele iniciaria a escola primária e os preparatórios, sendo necessário, portanto, tornar o ensino menos coercitivo, pois esse período coincidiria com o das crises do crescimento.

Aqui Abade propõe outra alternativa para que não houvesse problemas de adaptação da criança à sua nova rotina, com seu ingresso nos preparatórios e no ensino primário. A solução, segundo ele, seria que a criança, antes de iniciar seus

⁷⁷ O presente artigo foi analisado anteriormente, quando das discussões acerca da utilização pelo autor de algumas idéias de Rousseau. Aqui será utilizado novamente, para ressaltar a utilização de alguns conceitos de Claparède.

⁷⁸ Até um ano de idade crescimento rápido; segue-se um período lento, depois um período rápido, dos seis aos sete anos; dos sete aos doze anos, outro período lento; dos 12 aos 15 anos, outro período rápido e, a partir dos 15 anos, mais devagar. Abade cita também as observações de Claparède de que esses dados variam de acordo com a raça, a hereditariedade, as condições sociais, os sexos (menino e menina).

estudos, realizasse um período preparatório numa escola ao ar livre ou num jardim de infância.

O autor não especifica como seria feito o trabalho nesses espaços, mas salienta, e mais uma vez utiliza as mesmas idéias presentes no outro artigo, de que o ensino deveria ser adaptado ao desenvolvimento físico e mental das crianças, assegurando-lhes uma “racional educação física”.

Adaptar o ensino à criança é idéia central da concepção educacional proposta por Claparède. A idéia de atender às necessidades físicas e mentais da criança foi apropriada pelo autor do artigo para enfatizar a orientação de que, antes de iniciar o primário, a criança deveria passar por um período de adaptação em uma escola ao ar livre ou em um jardim de infância, para se acostumar com uma outra rotina, num período em que, ao mesmo tempo, ela passa por crises do crescimento físico e, ainda, para ressaltar a importância da Educação Física nos grupos escolares, que, de acordo com Abade, era um sistema que privava a criança dos espaços e tempos do jogo e do brinquedo, quais sejam: as aulas de Educação Física e os recreios. Para Abade (1942, p. 16):

[...] devido a mingua de tempo disponível e à inexplicável falta do professor de educação física, [os alunos] ficam criminosamente privados de seu recreio, seus jogos, suas aulas de educação física e mais ainda ficam privados de senso social.

Mais uma vez, o caráter científico dado à Educação Física, com o nome de “racional”, encontra-se relacionado com a idéia de que, numa “educação física racional”, a educação estaria adaptada às condições físicas e mentais da criança.

Nesse artigo também se observa que o autor, primeiramente, faz uma discussão embasada por conhecimentos teóricos da Antropometria e da Psicologia, relacionando esses campos. Para Claparède (1905-1956), a Antropometria, assim como outros campos que tinham por objeto a criança, como a Psicologia infantil, poderia contribuir muito para o campo da educação. Conforme Claparède, os métodos de mensuração seriam úteis para, por exemplo, a apreciação dos trabalhos escolares, que, para ele, eram julgados pela opinião completamente subjetiva do mestre, sem nunca se referir a um critério objetivo, a uma unidade-padrão.

Essa objetividade dos métodos de mensuração e as explicações baseadas na Biologia (ao invés das explicações ancoradas na Filosofia e/ou na Fisiologia) dariam cientificidade à Psicologia, que, nesse sentido, não poderia prescindir da

experimentação para obtenção de dados que permitiriam a comparação, a análise e a verificação dos resultados. Claparède, assim como outros psicólogos estudiosos da educação, enxergavam nessa Psicologia a possibilidade de racionalizar o ensino e dar-lhe um caráter científico. Para tanto, a utilização de testes para se medir o desenvolvimento mental era preconizado tanto por Claparède, quanto por Alfred Binet, Théodore Simon e por outros psicólogos, nas primeiras décadas do século XX, na Europa e também no Brasil, por meio de alguns intelectuais brasileiros que visitaram os laboratórios de Psicologia em alguns países europeus.⁷⁹

Para Claparède, os métodos de mensuração forneceriam dados sobre as capacidades, sobretudo mentais da criança. Por meio desses dados poderia se adequar o ensino à criança, ou fazer uma escola sob medida, voltada para o desenvolvimento das aptidões específicas de cada aluno.

A idéia dos testes de aptidão ou testes mentais não foi apropriada pelos autores da *Revista*. Uma hipótese para a não utilização dos testes estaria relacionada com o fato de que eles foram preconizados, sobretudo, para se investigar o desenvolvimento e as aptidões mentais (CLAPARÈDE, 1905-1956), fato reforçado pela não ocorrência desse assunto nos artigos analisados. Para mensurar e obter dados que permitiriam a avaliação do desenvolvimento físico, a Educação Física utilizaria a Antropometria e a Biometria, que, por sua vez, não deixavam de estar relacionadas com a Psicologia experimental, porém o referencial teórico viria de outros autores como Barbara, Giacinto Viola e Nicola Pende.

Da Psicologia de Edouard Claparède seriam apropriadas as idéias de adequação do ensino às necessidades físicas e psíquicas da criança, expostas nos artigos anteriormente analisados. Nas propostas dos autores dos artigos, as proposições de Claparède, na prática, consistiriam em adequar o ensino intelectual da criança durante o período das crises do crescimento físico, tornando seu primeiro ano na escola menos fatigante intelectualmente. Outra solução seria proporcionar à criança um período de adaptação antes de iniciar o primário. Esse período seria em escolas ao ar livre ou em jardins de infância.

⁷⁹ Sobre as relações entre a Psicologia e a Educação, na Europa e no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, ver: Regina Helena de Freitas (2005).

4.3 Necessidade de conhecimento da evolução dos interesses da criança na Educação Física infantil

Um exemplo de apropriação dessa idéia na *Revista* é o artigo publicado em 1950, n. 64, pelo então capitão Albino Manoel da Costa, com o título *A Psicologia e o ensino da Educação Física Infantil*.

O capitão Albino Costa (1950, p. 5) inicia o artigo de forma enfática quanto à importância da Psicologia para a Educação Infantil. Em suas palavras:

Qualquer ramo do ensino perderia muito se não fosse feito à sombra da Psicologia. É, sobretudo, na educação infantil que a Psicologia toma capital importância, pois, hoje em dia, não se admite o ensino do que quer que seja sem sua aplicação.

Dessa forma, seria necessário um preparo todo especial do instrutor que a “[...] par da pedagogia do ensino normal [deveria] desenvolver em si próprio o gosto pelos interesses infantis [bem como] adquirir conhecimentos essenciais de psicologia da criança [sem os quais jamais poderia] compreendê-la e portanto educá-la” (COSTA, 1950, p. 5).

O autor apresenta um breve histórico da evolução – linear – da Psicologia, tomando como referência o tratado de *Psicologia da Criança*, de Theobaldo Miranda Santos. Em síntese, Costa (1950) apresenta a divisão feita por Theobaldo Miranda Santos.

No período experimental:

[...] o estudo da criança passou a ser feito de maneira metódica e sistemática, através da observação e da experimentação de um grande número de crianças. Dois fatores de vulto: o desenvolvimento da Psicologia e o interesse crescente pelos problemas educacionais, fizeram aumentar a necessidade de se penetrar mais profundamente nas questões relacionadas com a natureza psíquica da criança. No final do século XIX surgem os testes mentais que muito contribuíram para o desenvolvimento dos estudos e investigações em torno da personalidade infantil. Entre os maiores psicólogos da infância se destacam, em nossos dias, Vermeylen, Claparède, Thorndyke, Koffka, Bühler, Piaget, Wallon, Stern, Theobaldo Miranda Santos, Mira Y Lopez, e muitos outros (COSTA, 1950, p. 5).

Para Costa (1950), na área Psicologia experimental, a criança não é vista como um ser essencialmente bom – *concepção otimista* da criança de Rousseau – e

nem como essencialmente má – *concepção negativa*.⁸⁰ Na *concepção realista*, a criança é:

[...] um ser em que se entrecrocavam tendências boas e tendências más. Assim, chegamos a conclusão que o homem não é essencialmente bom, nem essencialmente mau. Cumpre, portanto, a educação desenvolver e aperfeiçoar as tendências boas e reprimir e transformar as tendências más. Com essa concepção concordam os ensinamentos da razão e do bom senso, bem como as conclusões da psicologia experimental (COSTA, 1950, p. 6).

A educação deveria, de acordo com o autor, estar baseada na Psicologia experimental. A experimentação realizada em grupos de crianças permitiria colher observações de valor prático, úteis ao educador para se conhecer os verdadeiros interesses da criança.

Observa-se, então, que, para Costa (1950), a Psicologia experimental forneceria ensinamentos que fundamentariam a educação infantil e também a Educação Física infantil. Segundo o autor, um conhecimento de que o instrutor não deveria lançar mão seria o da evolução dos interesses para saber quais atividades deveriam ser dadas à criança, de acordo com os seus maiores interesses em cada fase.

Para apresentar as diferentes fases de evolução dos interesses, Costa (1950) utiliza a classificação de Claparède anteriormente comentada, portanto apenas citaremos esta divisão: fase de aquisição, que se divide em quatro períodos: a) período dos interesses perceptivos; b) período dos interesses glóssicos; c) período dos interesses gerais; d) período dos interesses pessoais.

A Educação Física infantil, segundo Costa (1950), destinava-se a crianças dos 1º e 2º graus do ciclo elementar (3 aos 6 e dos 7 aos 9 anos). No período pré-escolar – período do jardim da infância – dos três aos seis anos, ela sente necessidade de movimento:

É pelo movimento que irá obter o crescimento e, principalmente, o desenvolvimento fisiológico normal [e] naturalmente essa necessidade de movimentos se traduz por meio da recreação [é] brincando que ela desenvolve sua capacidade de aquisição de conhecimentos que a vida lhe oferece a cada momento (COSTA, 1950, p. 7).

⁸⁰ Nietzsche, Spencer e Freud defendem, segundo o autor, a concepção pessimista da natureza humana.

Fica evidente, nas palavras de Costa (1950), a utilização de aspectos presentes em Claparède, sobretudo a importância do jogo como atividade interessante, porque satisfaz as necessidades de crescimento físico e mental, além de sua característica primordial de atividade de prazer, do lúdico, que, segundo Claparède, são propriedades que a natureza forneceu a essa atividade para que se tornasse interessante para a criança.

Para Costa (1950), então, a eficiência da ginástica infantil residiria no caráter recreativo que deveria ser dado à lição:

Quando a criança encontra prazer na recreação é capaz de esquecer seus sofrimentos, suas disputas e, sobretudo, seus desajustamentos. A atividade agradável ocupa inteiramente os sentimentos, a vontade, a ação da criança e age sobre a sua esfera sensório-motriz, as suas inclinações intelectuais, sua fantasia imaginativa, e, finalmente, sobre todo o fundamento da sua personalidade, tanto do lado físico, como do psíquico (COSTA, 1950, p. 7).

Com o objetivo de introduzir o saber sobre a criança, vindo da Psicologia, no ensino da Educação Física que, nessa época, era dado sob a forma de lições, baseadas nos exercícios do método francês, Albino Manoel da Costa apresenta um plano de ensino para a pré-escola e para a escola elementar. O que se percebe é uma tentativa do autor em tornar as lições mais interessantes para a criança nesses períodos, introduzindo nas aulas elementos que as tornassem mais atraentes.

Costa (1950) recomenda, então, para a pré-escola ou jardim de infância (3 aos 6 anos) as atividades como: brincadeiras de rodas associadas à grande variedade de canções folclóricas infantis; flexionamentos; exercícios mímicos – referentes aos exercícios (famílias) do método francês de ginástica – trepar, correr, saltar; pequenos jogos; jogos respiratórios (flexionamentos da caixa torácica e exercícios respiratórios); excursões; banhos de mar e de sol e recreação em aparelhos simples.

Cabe comentar alguns itens desse plano, visto que o autor explica, detalhadamente, como o instrutor deveria trabalhar cada atividade.

No item *Flexionamentos*, Costa (1950) assinala que eles deveriam ser dados sob a forma de imitação – já apresentamos a observação feita por Claparède de que essa é uma atividade instintiva na criança e que, portanto, deveria ser explorada pelo educador – e que o instrutor deveria fazer sugestões de modo a torná-los atraentes. Por exemplo, o instrutor sugere “imitemos o sapo” ou “como o moinho

faz?” (COSTA, 1950, p. 7). No item *Exercícios mímicos*, as atividades também deveriam ser dadas de acordo com as orientações para o item *Flexionamentos*. No item *Jogos respiratórios*, Costa (1950, p. 7) sugere que o instrutor também se utilize de perguntas como “vamos cheirar a flor [...] ou vamos apagar as velinhas do bolo” (COSTA, 1950, p. 7). Para o período elementar (7 aos 9 anos), Costa (1950) sublinha que a criança se encontra na fase dos interesses especiais e objetivos. Essa classificação, como dito, é apresentada por Claparède, que caracteriza essa fase como a da especialização dos interesses, em que os interesses variam, principalmente, de acordo com o sexo.

Nesse período, para Costa (1950), o instrutor deveria completar a educação essencialmente mental que a criança recebe, com um trabalho físico compatível com seus interesses. Costa (1950, p. 8) propõe que:

Os jogos serão agora mais complexos, podendo incluir-se eliminação de jogadores e inibição de movimentos. O instrutor ao escolher os jogos visará fazer com que a criança possa agir com a sua personalidade, aumentando sua capacidade de ação e decisão, bem como seu espírito de observação.

Segundo Costa (1950), a partir dos sete anos, os saltos despertam grande interesse, devido à sua movimentação. Assim, Costa sugere que fossem incluídos, na sessão de trabalho, dois saltos: um de natureza simples (altura e extensão) e outro de natureza utilitária, obstáculos naturais. De acordo com Costa (1950, p. 8) os saltos são importantes, pois desenvolvem aspectos tanto morais quanto físicos.

A importância desses saltos reside nas excelentes qualidades morais que desenvolvem tais como força de vontade, iniciativa, coragem, presença de espírito: desenvolvem, ainda, as qualidades de coordenação neuromuscular e a noção de medida de esforço a despender; concorrem finalmente, para obtenção da boa atitude.

Claparède (1905-1956) ressalta que o problema educativo, por excelência, é o de desenvolver no aluno qualidades morais, ou cultivar as tendências boas e eliminar as más. Esse exercício consistiria em fazer com que o educando adquirisse hábitos saudáveis, tanto física quanto intelectualmente, mas, de acordo com Claparède, esse era um problema complexo.

Para Claparède (1905-1956), a educação consistia na educação moral ou na educação da vontade. A Educação Física fazia parte da Educação, portanto da educação moral também. A aquisição de conhecimentos ou desenvolvimento da

inteligência Claparède (1905-1956) chama de instrução. Entretanto o autor ressalta que, na prática, a divisão entre educação e instrução, não existiria, uma vez que “[...] as medidas que se tomarem para assegurar sua instrução irão, pois, repercutir nos seus sentimentos, nas suas tendências; e seu desenvolvimento moral influirá também em seu trabalho intelectual” (CLAPARÈDE, 1905-1956, p. 203).

Não sendo possível, na prática, separar educação e instrução, Claparède (1905-1956) indaga: como despertar o interesse pelo bem, como inculcar na criança o amor ao próximo, como se deve fazer nascer nela um ideal de vida?

Por outro lado, pergunta o autor: “[...] teremos o direito de fazer que um indivíduo se torne bem [bom] contra sua vontade, isto é, de atentar contra sua liberdade?” (CLAPARÈDE, 1905-1956, p. 200). O autor responde da seguinte forma “Tão grave problema escapa à competência da psicologia. A única missão que nos incumbe é a determinar em que medida estas sugestões obtêm êxito ou tem resultado deplorável” (CLAPARÈDE, 1905-1956, p. 200).

Para Claparède (1905-1956, p. 207), talvez fosse melhor seguir as recomendações de Rousseau:

‘O único hábito que se deve deixar o menino tomar dizia Rousseau - é o de não contrair nenhum’. O autor do Emílio queria que o menino permanecesse sempre ‘senhor de si mesmo’ e que não se atentasse contra suas disposições naturais, seus instintos, substituindo-os por essa ‘segunda natureza’ que seria o hábito.

Claparède (1905-1956, 201) propõe, então, uma alternativa, qual seja, que os hábitos devessem:

[...] harmonizar-se com o caráter, e não entrevar sua livre expressão. Devem facilitar o jogo da vontade, e não destruí-la. Devem tornar mais fácil a adaptação aos acontecimentos habituais, sem impedir a acomodação às novas circunstâncias e sem transformá-la em rotina.

Claparède (1905-1956) propõe, desse modo, uma conciliação entre a educação moral e a instrução, visto que, na prática, elas são inseparáveis. O que fica evidenciado é que Claparède (1905-1956) compreende que os hábitos devem concorrer para que o educando se adapte mais facilmente às novas circunstâncias, mas sem destruir sua vontade própria e sua livre expressão, sem que o hábito se torne uma rotina, que seria, portanto, algo fatigante, o que Claparède (1905-1956) sempre desejou evitar pelo risco de tornar o trabalho escolar desinteressante.

Pode-se dizer que Costa (1950), ao propor que, nas aulas de Educação Física, para o período elementar, fossem introduzidos os saltos, pois esses exercícios desenvolvem tanto aspectos morais, quanto físicos, teve, como referência, alguns aspectos discutidos por Claparède, no que diz respeito, especificamente, ao fato de que, para esse autor, na prática, não haveria como separar educação (moral) e instrução, compreendida como o desenvolvimento da inteligência. Se a Educação Física fazia parte da Educação, caberia a ela, também, concorrer para o desenvolvimento de qualidades morais.

Dentre as atividades propostas por Costa (1950) para a escola elementar (7 a 9 anos), estão ainda: exercícios de acrobacia elementar (cambalhotas, a roda, gangorra), a natação, o excursionismo e os acampamentos de verão, pelo interesse despertado nas crianças.

O instrutor poderia utilizar, ainda, o “conto-lição”, em que se explora ao máximo a capacidade imaginativa, bem como a capacidade de dramatização tão peculiar à criança.

A recomendação para a utilização do “conto-lição” é recorrente nos artigos sobre Educação Física escolar. Ele consiste em uma aula de ginástica utilizando a interpretação teatral, ou seja, contar uma história e introduzir, na representação das cenas feitas pelos alunos, elementos da ginástica. Na Figura 4, os alunos preparam o cenário para uma aula de Educação Física dada sob a forma de “conto-lição”.



Figura 4 - Aula dada sob a forma de “conto-lição”
Fonte: *Revista de Educação Física*, n. 9, 1933⁸¹

⁸¹ Essa imagem está na *Revista*, no artigo intitulado *Dramatizações* de autoria da professora Dora Gouvêa de Azevedo (1933, p. 26). A autora relata suas experiências com a introdução, nas aulas de Educação Física, Jogos e Recreação, de atividades como jogos, danças regionais e dramatizações de historietas.

Nas prescrições presentes em Costa (1950), percebemos então, que a idéia de evolução dos interesses e do interesse como mola para o desencadeamento da ação, proposta por Claparède, persiste na orientação do autor em manter os “contos-lição”, o excursionismo e os acampamentos, como atividades para a escola elementar, mesmo que nela também fossem introduzidos exercícios menos atraentes, como saltos com obstáculos, representados como atividades de caráter mais utilitário.

O artigo de Albino Manoel da Costa (1950) também demonstra a utilização, por alguns autores, de conhecimentos da Psicologia, especialmente, da Psicologia da criança de Edouard Claparède, na elaboração de propostas ou planos de ensino para a Educação Física escolar na *Revista*.

O cotejamento entre as obras de Claparède e os artigos sobre Educação Física escolar indica que concepções educativas presentes nesse autor, relativas aos seus estudos sobre a criança, foram apropriadas pelos autores da *Revista*, com o objetivo introduzir, no ensino da Educação Física escolar, conhecimentos oriundos da Psicologia experimental e da concepção funcional de educação, defendidas por Claparède.

5 JOHN DEWEY: PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO FÍSICA

Algumas idéias ou concepções educacionais de Jonh Dewey,⁸² filósofo e educador norte-americano, também podem ser vislumbradas em alguns artigos sobre Educação Física escolar, presentes na *Revista*.

O cotejamento entre alguns livros do autor e alguns artigos sobre o tema mostrou que algumas concepções, como interesse, educação social, ligação entre o conteúdo do ensino e a vida do educando, a relação entre experiência e aprendizagem, as articulações entre teoria e prática, a moral no processo educativo e a formação de hábitos, foram apropriadas pelos articulistas ao escreverem sobre as relações entre educação e Educação Física.

Não foi localizada, nos artigos sobre esse tema, nenhuma obra de Dewey, entretanto, em um artigo sobre campos de jogos, denominado *Jogos*, de autoria de Inácio de Freitas Rolim (1933), encontramos referência a um livro desse autor, intitulado *Vida e Educação*.

Essa referência é uma pista da presença de Dewey e de suas idéias na *Revista*. Portanto, *Vida e educação* foi utilizado para o cotejamento com os artigos. Além dele, outro livro de Dewey, *Democracia e educação*, também serviu de base para a análise.

Para as discussões aqui apresentadas, utilizamos a 11ª edição de *Vida e educação*, publicada em 1978. A primeira edição desse livro foi colocada em circulação em 1930, por Anísio Teixeira, conforme salienta Clarice Nunes (2000), em um estudo sobre a vida e obra de Teixeira – na ocasião do centenário do seu nascimento – em que ressalta a influência de John Dewey no pensamento e atuação educacional de Anísio Teixeira.

Já o título *Democracia e educação*: breve tratado de filosofia da educação foi, originalmente, publicado em 1916 e lançado, no Brasil, em, 1936 (NUNES, 2000). Utilizamos um exemplar correspondente à 2ª edição, de 1952, traduzido por Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. O último assina também a apresentação (data de 1936). O prefácio é assinado pelo próprio John Dewey.

⁸² Jonh Dewey nasceu em 1859 e faleceu em 1952.

Vida e educação apresenta dois ensaios escritos por Dewey, *A criança e o programa escolar* e *Interesse e esforço*, precedidos de um estudo introdutório sobre a Pedagogia de Dewey, feito por Anísio Teixeira.

O título do volume *Vida e educação* não corresponde ao de nenhuma obra de Dewey, salienta Lourenço Filho, que assina o prefácio do referido livro. Esse título foi dado, provavelmente, por Anísio Teixeira, que, no estudo introdutório, salienta que a educação, para John Dewey é apresentada como processo direto da vida, tão inelutável como a própria vida.

5.1 A Pedagogia e a Educação Física

Em março de 1933 (*Revista* n. 6), o então primeiro-tenente João Ribeiro Pinheiro que, na época, também era redator-chefe da *Revista*, publica um artigo intitulado *A Pedagogia e a Educação Física*, em que cita algumas concepções educacionais de John Dewey, que sustentam suas argumentações a respeito da introdução, na Educação Física dos conceitos da Pedagogia dita pelo autor “moderna”.

Pinheiro inicia definindo o que era, segundo ele, a **Pedagogia** “[...] ciência da educação – abarca dois aspectos: 1) o que se refere à ‘realidade’; 2) o que se refere ao ‘ideal’. O que é o ser humano e o que ele deve ser” (PINHEIRO, 1933, [s.p.]).

Assim, Pinheiro salienta que, para que a obra educativa fosse realizada com o máximo de rendimento, seria necessário que ela se apoiasse, primeiramente, em conhecimentos proporcionados por um grupo de ciências que dariam lugar a essa “realidade” e a esse “ideal”. Nas palavras dele, “[...] o educador precisa – por um lado: de **Psicologia** e **Biologia**; pelo outro: de **Ética** e **Filosofia**. Não filosofia no sentido teórico e altamente cultural, mas ampla concepção e experiência de mundo e vida” (PINHEIRO, 1933, [s.p.], grifos nossos).

A Pedagogia, então, para o autor, seria a ciência da educação, e como tal, teria como objeto o indivíduo como ele é – biológica e psicologicamente – e como ele deve ser – ética e filosoficamente. Para Pinheiro (1933), no campo da Pedagogia, segundo ele “moderna”, um dos grandes nomes era o de John Dewey.

João Riberio Pinheiro (1933, [s.p.]) salienta que aprender, no sentido “moderno”, é “ter experiência”:

No plano humano o agir e o reagir ganham mais larga amplitude, chegando, não só a escolha, a preferência, a seleção, possíveis no plano puramente animal, como ainda a reflexão ao reconhecimento e a reflexão da experiência. Experiência não é, portanto, alguma coisa que se oponha a natureza, - pela qual se experimente, se prove a natureza. Experiência é uma inter-ação, pela qual dois elementos que nela entram – situação e agente – são modificados.

A definição de experiência apresentada por Pinheiro encontra-se no estudo introdutório da Pedagogia de Dewey, feito por Anísio Teixeira, no volume *Vida e educação*. Os demais trechos citados de forma direta pelo autor do artigo ora se encontram no estudo introdutório, ora nos ensaios escritos por Dewey e que compõem o referido volume.

Pinheiro continua a apresentar conceitos relativos à experiência, mais uma vez, tendo como referência Dewey, porém não cita o nome do autor.

A experiência humana fornece material para nossa experiência atual; se nos privássemos dela o homem voltaria à vida selvagem. Devemos, pois, aproveitá-la, em tudo, pois nelas se fundamentam os hábitos mentais, laboriosa e longamente adquiridos. Daí exigir a Escola Ativa, que **se aprenda por experiência**, realizando a sabedoria que vivia no empirismo popular.

Assim, sintetizando: **Vida – Experiência – Aprendizagem**.

Simultaneamente, **vivemos, experimentamos e aprendemos** (PINHEIRO, 1933, [s.p.], grifos do autor).

O que Pinheiro enfatiza, nesse trecho, refere-se às idéias de Dewey relativas à importância da experiência no processo educativo, que decorrem de sua concepção de educação como sendo a própria vida.

Para John Dewey (1930-1978),⁸³ a experiência humana consiste na acumulação de tudo que o homem “sofreu, conheceu e amou”, e essa experiência é que vai fornecer o material e direção para nossas experiências atuais, tão importantes por constituírem nossa própria vida.

Ora, se a vida não é mais que um tecido de experiências de toda sorte, se não podemos viver sem estar constantemente sofrendo e fazendo experiências, é que a vida é toda ela uma longa aprendizagem. Vida, aprendizagem – não se podem separar. Simultaneamente, **vivemos, experimentamos e aprendemos** (TEIXEIRA, 1930-1978, p. 16, grifo nosso).⁸⁴

⁸³ O ano de 1930 corresponde ao ano da primeira edição de *Vida e Educação* e 1978 corresponde à data da edição utilizada neste trabalho (11. ed.).

⁸⁴ Apenas para que o leitor não se perca ao consultar as referências, é importante salientar que, no livro *Vida e Educação*, há um estudo introdutório da Pedagogia de Dewey feito por Anísio Teixeira, portanto as citações de Teixeira, aqui presentes encontram-se em Dewey (1978).

Pinheiro (1933) apresenta, assim, a associação feita por Dewey entre experiência e aprendizagem. Também utiliza o mesmo sentido dado por Dewey, de experiência ligada à ação, quando repete a expressão – de Dewey – que se aprenda por experiência.

Em um outro trecho, João Ribeiro Pinheiro (1933, [s.p.]), apresenta o conceito de experiência educativa “[...] a experiência educativa é experiência inteligente, tendente ao enriquecimento do espírito. Educar é dar experiência no sentido espiritual, sentido humano”. Aqui o autor expõe o que, para Dewey, diferencia experiência de uma simples ação ou ato mecânico, a reflexão, a percepção.

Grande vai se tornar a sua significação [da experiência], quando se completa com o elemento da percepção, de análise, pesquisa, levando-nos a aquisição de ‘conhecimentos’, que nos fazem mais aptos para dirigi-la, em novos casos, ou para dirigir novas experiências [...] outra coisa não quer dizer o ‘aprender por experiência’ da linguagem popular. O processo de experiência atinge, então, esse nível de percepção das relações entre as coisas, de que decorre sempre aprendizagem de novos aspectos (TEIXEIRA, 1930-1978, p. 16).

Mas, até o momento, Pinheiro apenas apresentou alguns conceitos presentes em John Dewey. No entanto, o autor não os apresentou de forma articulada à Educação Física. Pois bem, depois de fazer explanações sobre “pedagogia moderna” e apresentar conceitos centrais da Pedagogia de Dewey, vejamos como o autor relaciona as concepções pedagógicas de Dewey com a Educação Física.

No que diz respeito, especificamente, à Educação Física, Pinheiro (1933) busca, por meio do conceito de interesse, presente em Dewey, articular preceitos da Pedagogia ao ensino da Educação Física.

A doutrina do interesse não é uma chave de processos pedagógicos; é apenas um conselho, uma diretiva que permite a formação do ambiente necessário para que se desenvolvam os impulsos naturais e os hábitos já adquiridos, na medida em que forem desejáveis, encontrando assim a matéria e formas pessoais de habilidade, o elemento propulsor que os faz desenvolver eficientemente (PINHEIRO, 1933, [s. p.]).

Assim, o método francês, salienta Pinheiro (1933, [s.p.]), “[...] preconiza o interesse, dizendo que a lição de educação física deve ser *atraente*”. Mas, como

tornar as aulas de Educação Física atraentes? João Ribeiro Pinheiro não responde a essa questão, no entanto a encontramos em outros artigos da *Revista*.⁸⁵

Os jogos representam um meio inteligente de tornar a educação física atraente, desenvolvendo ao mesmo tempo qualidades corporais. Além disso, eles **proporcionam oportunidades para educação social, promovendo situações reais no mundo do brinquedo** (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1938, [s.p.], grifos nossos).

Em um outro artigo, escrito pelo então tenente-coronel Newton Cavalcanti, com o título *Unidade de Doutrina*, publicado em junho de 1932 (*Revista* n. 2), também encontramos a idéia da utilização de jogos nas lições de Educação Física, com o objetivo de torná-las mais atraentes “[...] **um ou dois jogos destinados a tornar atraente a lição** são introduzidos no decorrer desta, logo que se sinta necessidade” (CAVALCANTI, 1932, [s.p.], grifo nosso).

Um outro exemplo recomendando para a utilização de jogos, com o objetivo de tornar as lições de Educação Física mais atraentes, também pode ser visto no artigo *O método francês em face da criação de outros métodos adaptáveis ao Brasil*, que não é assinado, e que foi publicado em abril de 1948 (*Revista* n. 58). De acordo com o artigo, os jogos e as brincadeiras eram

[...] a forma de ginástica mais apropriada às indicações da vida escolar; adaptam-se tanto às aptidões físicas da criança como às suas necessidades morais. São ao mesmo tempo higiênicos e recreativos [...] os movimentos mímicos e rodas são outros tantos meios a disposição do educador para atingir a finalidade desejada com máximo de prazer dos praticantes (REVISTA DE EDUCAÇÃO, 1948, p. 2).

A idéia da utilização dos jogos como conteúdo e método nas aulas, com o objetivo de torná-las mais atraentes e, ainda, como atividades que proporcionariam oportunidades para a educação social, também pode ser observada nas imagens que circulavam na *Revista*. Na Figura 5, a seguir, pode ser vista uma aula de Educação Física infantil, em que as crianças dividem entre si o mesmo brinquedo (bola):

⁸⁵ Trata-se do artigo *SEGUNDA conferência realizada pela Divisão de Educação Física para inspetores de ensino*, publicado na *Revista* n. 43, em outubro de 1938.



Figura 5 - Aula de Educação Física infantil
 Fonte: *Revista de Educação Física*, n. 18, 1934⁸⁶

Tornar a Educação Física atraente, proporcionar meios para que os interesses da criança fluam concomitantemente com a atividade e, ainda, promover a educação social da criança por meio de experiências coletivas, são algumas das representações sobre as funções dos jogos na Educação Física escolar, presentes na *Revista*. Não seriam, também, um exemplo da utilização das idéias de Dewey como ensino atraente, interesse, educação social e experiência, na Educação Física escolar?

Em John Dewey (1916-1952),⁸⁷ atração e interesse são conceitos intimamente relacionados. Para o autor:

[...] descobrir objetos e modos de agir que se relacionem com as aptidões existentes. Fazer esse material acionar a atividade para ela exercer-se com coerência e continuidade – eis o *interesse do mesmo*. Desde que o material atue dessa maneira, não há necessidade de recorrer-se a artifícios que o tornem interessante, ou apelar-se para o esforço arbitrário e semi-coagido (DEWEY, 1916-1952, p. 177, grifo do autor).

⁸⁶ Essa imagem está localizada na *Revista* em duas páginas com várias fotografias com o título *Para um Brasil Melhor: a educação física na Fundação Osório*, com os dizeres “Diversos aspectos das lições de educação física feminina e infantil ministradas pelo capitão R. Simas de Mendonça” (1934, [s.p.]).

⁸⁷ O ano de 1916 corresponde ao ano da primeira edição de *Democracia e Educação* e 1952 corresponde à data da edição utilizada neste trabalho (2. ed.).

Os jogos possuem, então, o caráter de atividades em que a atração ocorre, porque há neles o “interesse direto”. A atividade, nesse caso:

Entra em marcha, sem nenhum pensamento de qualquer outra coisa. Satisfaz-se de si e por si mesma. O seu fim é a própria atividade, não havendo, na mente, nenhum intervalo entre ela e os meios. **Os brinquedos e os jogos** participam desse caráter [...]. A experiência, tal qual se realiza, é suficiente por si mesma. Uma criança que joga a bola, ou um artista que ouve uma sinfonia, toda sua alma está ali, embebida pela atividade presente, pelo que é e vale como presente (DEWEY, 1930-1978, p. 19, grifo nosso).

Educação social e experiência também são noções que se encontram intimamente relacionadas na filosofia de Dewey. Para o autor, só aprendemos tendo experiências, uma vez que as idéias não se encontram “vagando” separadas da ação. Se a educação social é, para Dewey (1916-1952) a formação de atitudes indispensáveis à vida em sociedade, as experiências têm que ser de tal modo que promovam o ensino desses hábitos – não apenas no sentido mecânico, mas, também no reflexivo. Mas, como promover essa educação social por meio da experiência? Com jogos que promovem situações sociais no mundo do brinquedo (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1938). Para Dewey (1916-1952), não seria possível ensinar valores, como a bondade ou altruísmo, por exemplo, sem que o educando “experimentasse” o significado dessas palavras.

Nos jogos, então, os interesses diretos transformam-se em interesses sociais, quando, na escola, existe a relação entre o que se aprende e as situações reais de vida – de experiência.

Em vez de uma escola localizada separadamente da vida [...] teremos uma **sociedade em miniatura**, na qual o estudo e o desenvolvimento sejam incidentes de uma experiência comum. Campos de jogos, oficinas, salas de trabalho, laboratórios, não só orientam as tendências ativas naturais da adolescência, como também significam intercâmbio, comunicação e cooperação – tudo isso atuando para aumentar a conexão das percepções [...]. A compreensão social e os interesses sociais só podem desenvolver em um meio genuinamente social, onde exista o mútuo dar e receber, na construção de uma experiência comum (DEWEY, 1916-1952, p. 467, grifo nosso).

João Ribeiro Pinheiro (1933, [s. p.]), ao final, salienta que o “[...] Interesse significa atividade unificada – integrada [...] a pedagogia moderna deveria se chamar a ‘pedagogia do interesse’, interesse no bom sentido, no alto, no belo, no grande

sentido de coletividade humana”. Em outras palavras, seria o interesse social que forneceria as bases da Pedagogia, dita pelo autor, “moderna”.

5.2 Jogos: viver, experimentar e aprender

Em um artigo, publicado em abril de 1942 (*Revista* n. 52), intitulado *Necessidade da Educação Física para firmar espiritual e fisicamente a personalidade da criança*, o autor, Idílio Alcântara Abade, após apresentar os resultados de estudos sobre as relações entre crescimento físico e desenvolvimento mental em crianças e de utilizar conceitos de Rousseau e Claparède⁸⁸ na discussão sobre essas relações, ressalta que “O mestre deve considerar a criança fora e dentro do meio escolar” (ABADE, 1942, p. 16,) e usa Dewey para justificar a importância de se relacionar o ensino com a vida, “Aprender? – **exclama Dewey** – Sim, mas primeiramente viver, e aprender na vida e para a vida” (ABADE, 1942, p. 16, grifo nosso).

Como aprender na vida? Por meio de situações ricas em significação para a criança, com jogos, por exemplo. É fazer da escola uma sociedade em miniatura Dewey (1916-1952) e Dewey (1930-1978), promover um ambiente em que a direção social seja aprendida de forma significativa, onde a criança tenha atividades relacionadas com sua vida, atividades em grupo, em que estão presentes os interesses sociais e, conseqüentemente, onde se opera a educação social.

Em Abade (1942) é esse o sentido dado aos jogos. É neles e por meio deles que se podem promover experiências que unam a aprendizagem com a vida e que, ao mesmo tempo, proporcionem a formação de hábitos necessários à vida social.

A recomendação para a utilização de jogos, como método nas lições de Educação Física, com o objetivo de que a aprendizagem social se efetive por meio da experiência, pode ser vista nas imagens presentes nesse artigo. Na Figura 6, a seguir, as crianças participam de brincadeiras em grupo, durante uma aula de Educação Física.

⁸⁸ Tanto as apropriações de Rousseau quanto de Claparède já foram analisadas.



Figura 6 - Aula (lição) de Educação Física
 Fonte: *Revista de Educação Física*, n. 4, 1933⁸⁹

Sobre a noção de hábito no pensamento de Dewey, Carlos Otávio Fiúza Moreira (2002, p. 86)⁹⁰ salienta que Dewey busca uma educação que parta da experiência do aluno, que utilize seu interesse como mola propulsora, “[...] mas que visasse ao mesmo tempo a formação de disposições permanentes, os hábitos [...] a noção de hábito funciona como mediador entre o individual e o social”. Individual e social não se opõem, quando os interesses são compartilhados.

Mas os hábitos, para Dewey, não são fixos ou apenas mecânicos, eles se relacionam com a plasticidade e a reflexão:

Não raro se define educação como a aquisição dos hábitos indispensáveis à adaptação do indivíduo ao ambiente. Esta definição se aplica a um aspecto fundamental do crescimento. Mas é essencial que se tenha tal ajustamento ou adaptação no sentido ativo de assenhoreamento para realização de fins em vista (DEWEY, 1916-1952, p. 76)

Clarice Nunes (2000, p. 26) comenta que em Dewey:

[...] a natureza biológica humana é plástica o suficiente para modificar os instintos e unitária o suficiente para abrigar um conjunto de valores. A consequência [...] é a negação da rigidez dos instintos e a necessidade de a sociedade trabalhar a natureza humana para que ela, implicitamente boa, cresça e seja desenvolvida em sua sociabilidade. Nessa sociabilidade reside algo da racionalidade e bondade humanas.

⁸⁹ Essa imagem está localizada na *Revista* no artigo *Lição de Educação Física* de autoria do sargento Paulo Teixeira (1933, [s.p.]).

⁹⁰ Carlos Otávio Fiúza Moreira (2002) faz um estudo da Filosofia da Educação de John Dewey, tendo como referência o período em que Dewey trabalhou na Universidade de Chicago e lá organizou uma escola experimental, entre 1894 e 1904.

A quem caberia, então, orientar a formação de hábitos? Para Dewey, essa função seria da educação formal, no sentido de que compete a ela modificar hábitos adquiridos e provocar historicamente a mudança de costumes (NUNES, 2000).

A experiência, por meio dos jogos, seria, então, uma possibilidade de aquisição de hábitos, no sentido dado por Dewey, qual seja de aquisição por meio da experiência, de valores, atitudes, comportamentos necessários ao indivíduo para que ele contribua para o desenvolvimento e equilíbrio da sociedade. Os jogos seriam, nesse sentido, a possibilidade de ensino da Educação Física e da educação social, simultaneamente.

Em um artigo escrito por Haydée Coutinho da Costa,⁹¹ denominado *Valor Educativo dos Jogos*, publicado em agosto de 1933 (*Revista* n. 10), também é possível perceber a presença de algumas concepções de Dewey, quando o autor enfatiza a utilização do jogo como meio para a educação social e moral da criança e do adolescente.

Haydée Coutinho da Costa (1933, p. 9) salienta:

O contato íntimo com os colegas, nesses momentos de expansão [jogos] levam-nas a considerar outros interesses que não os seus, sentindo, dessa forma, necessidade de dominar os instintos, adquirindo noção de sacrifício dos fins individuais a outros de maior relevância.

A noção de hábito, mais uma vez, aparece, como uma forma de adaptação ao social, ou de renúncia dos interesses pessoais em favor do coletivo, da sociedade. Costa (1933, p. 9) prossegue apresentando uma divisão dos jogos que deveriam ser dados para cada período:

Período de quadro a seis anos [...]. Devemos recorrer [...] as historietas, brinquedos cantados, jogos [...]. Os jogos de competição e eliminação devem ser inteiramente afastados, pois não tendo a criança o desenvolvimento intelectual necessário, não poderá de modo algum compreendê-los (grifo do autor).⁹²

⁹¹ Não foi localizada, na *Revista*, nenhuma informação sobre o autor ou a autora.

⁹² A idéia de afastar as crianças de quatro a seis anos dos jogos de competição, pois a criança, nessa fase, não teria desenvolvimento intelectual necessário, parece estar relacionada com a idéia presente em Rousseau de que a razão é uma faculdade tardia na criança. Entretanto, pode-se pensar também, que essa recomendação tenha embasamento teórico na fisiologia e anatomia, que, na época, enfatizavam que a criança como um ser ainda em constituição (formação), não seria capaz de executar determinados exercícios físicos.

Na discussão sobre o jogo, no período dos sete aos nove anos é possível perceber a intenção da utilização dessa atividade para a educação social:

Período de sete a nove anos [...]. Adquirem com a execução dos jogos, a noção de justiça, compreendendo que a todos os do grupo assistem uns tantos direitos e que esses direitos devem ser distribuídos em parcelas iguais [...]. Não se acham ainda preparadas para compreender as regras do jogo, não dão valor as faltas e se preocupam exclusivamente com a vitória [...]. Visando, pois, os jogos de competição a modificação de certos defeitos, controlando as grandes expansões e desenvolvendo o espírito de honestidade, devem somente ser ministrados a crianças cuja capacidade mental permita a assimilação completa desses elementos [...]. Devem então ser aplicados a essas crianças jogos de rodas, jogos que proporcionem a união do grupo, despertando-lhe o espírito de cooperação [...] (COSTA, 1933, p. 9, grifo do autor).

No período dos dez aos quatorze anos, Costa (1933, p. 9) salienta que já poderiam ser dados jogos de competição,⁹³ uma vez que “[... já têm desenvolvimento físico e mental acentuado”. Também nos jogos para essa idade, havia a idéia de que a educação social e moral se fariam por meio de experiências que proporcionassem atitudes como solidariedade e cooperação.

Nas palavras de Costa (1933), o objetivo era que as crianças (de 10 a 14 anos), no fim de certo tempo, estivessem física e moralmente preparadas. “Moralmente preparada” implica a aquisição de atitudes e hábitos, como “[...] solidariedade, cooperação, disciplina, etc, e ausência completa de egoísmo e agressividade, que tanto prejudicam o grupo na sua organização social” (COSTA, 1933, p. 9).

Em *Democracia e educação*, Dewey (1916-1952, p. 74) salienta que “[...] é lugar comum na teoria educacional a afirmação de que a formação do caráter é um objetivo que se compreende na instrução e disciplina escolares”. A partir dessa idéia, o autor discute sobre uma “teoria da moral”.

John Dewey (1916-1952) não divide o caráter em aquisição de qualidades individuais, morais e cívicas, entretanto faz uma síntese em que essas qualidades são generalizadas em uma moral necessária em uma sociedade formada por indivíduos, cujo objetivo é fazê-la prosperar.

⁹³ Note-se que o autor não especifica quais são os tipos de jogos de competição. O termo esporte ou desporto não é utilizado em nenhum parágrafo do texto.

A disciplina, o desenvolvimento natural, a cultura, a eficiência social, são característicos morais – são traços de um indivíduo que é digno membro da sociedade que a educação tem em mira fazer prosperar. Diz um velho refrão que um homem não deve ser bom: ele deve ser bom para alguma coisa. Essa alguma coisa para que o homem deve ser bom é a capacidade de viver como membro da sociedade, de modo que aquilo que recebe dos outros para sua vida se equilibre com a vida dos outros. Aquilo que ele recebe e dá como ser humano, como ser dotado de desejos, sentimentos e idéias, não são bem exteriores e sim um expandir-se e aprofunda-se na vida consciente – uma compreensão mais intensa, mais disciplinada e ampla de significações (DEWEY, 1916-1952, p. 468-469, grifos nossos).

Ao fazer essa síntese, Dewey explicita que a educação possui também função moral. Um dos problemas, para o autor, é justamente fazer a conexão entre o conhecimento e a moral, segundo ele, separados na escola pela dissociação entre as matérias de estudo, o método e a vida do educando. Daí a importância dada por Dewey à experiência. Por ela, poder-se-ia “aprender fazendo”, aprender preceitos morais e sociais, como a disciplina, a eficiência social e a cultura.

Quais seriam as funções dos jogos, dos “contos-lição” e das danças na Educação Física? Não seriam “situações de vida” representadas na escola? Neles e por meio deles não se poderia fazer a Educação Física, social e moral da criança e do adolescente?

5.3 Pedagogia na prática: formação de hábitos

Em um outro artigo, denominado *Princípios Pedagógicos*, publicado na *Revista*, em março de 1936 (n. 30), de autoria de Valdemar de Lima e Silva, então primeiro-tenente, também é possível vislumbrar a utilização, pelo autor, de algumas concepções de educação presentes em John Dewey.

A idéia de ensino articulado à prática (vida) é utilizada por Silva, antes das discussões sobre a formação de hábitos pela educação. Valdemar de Lima e Silva (1936, p. 11) salienta:

A pedagogia abrande praticamente a vida. Não se limita a satisfazer a nossa imperiosa necessidade de conhecer fatos e explicitá-los; ela toca a ação humana, modificando-a [...] A origem do saber é uma necessidade prática; é uma contribuição, um auxílio para aumentar e aperfeiçoar a atividade na vida. **Pedagogia não é ciência simplesmente teórica. Pedagogia é o estudo da educação, com fim que se tirem regras que sirvam para aplicação prática [...]** (grifos nossos).

Assim como em Pinheiro (1933), Silva (1936) também ressalta a relação entre teoria e prática, ao discorrer sobre os objetivos da Pedagogia. A articulação entre teoria e prática é questão central do pensamento de Dewey, uma vez que, para o autor:

Pensamentos, simplesmente como pensamentos, são coisas incompletas [...]. Somente a aplicação lhes põe em prova e somente essa comprovação lhe confere pleno significado e o sentido dessa realidade. Se, assim, não o utilizamos, tendem a segregar-se em um mundo todo especial. [A experiência é, então] primariamente, uma ação ativo-passiva; não é primariamente, cognitiva [...] a medida do valor de uma experiência reside na percepção das relações ou continuidades a que nos conduz. Ela inclui cognição na proporção em que seja cumulativa ou conduza a alguma coisa que tenha significação (DEWEY, 1916-1952, p. 193, grifo nosso).

Silva (1936, p. 11) utiliza as concepções relativas à idéia de que a educação deveria ser relacionada com a prática no sentido de que à educação (Pedagogia) caberia a formação de hábitos para que o indivíduo se adequasse à sociedade, ou a idéia de que a teoria educacional deveria estar relacionada com a constituição no indivíduo de atitudes que serviriam na prática (social):

O conjunto de ações que se exercem sobre um indivíduo, a fim de tornar mais rápido e aperfeiçoar o seu desenvolvimento, para tornar mais apto para viver no ambiente físico, e na sociedade de que faz parte chama-se educação.

Silva (1936) prossegue salientando a importância da formação de hábitos na criança:

A educação então, deve atuar sobre a criança desde os primeiros anos, isto é, quando tem ainda máxima plasticidade, e não está ainda com certos hábitos, e menos ainda acha-se formado o caráter [...]. Todo ser normal resiste sempre as influências do mundo exterior, e não recebe de modo passivo essas influências; por meio da vida social, chega a transformar o ambiente em que vive, tornando-o tal qual as suas exigências e necessidades requerem (SILVA, 1936, p. 11, grifo nosso).

Nas palavras de Silva, fica evidente a idéia presente em Dewey (1916-1952) de formação de hábitos relacionados com a plasticidade,⁹⁴ que, como ressalta Clarice Nunes (2000), parte de uma reelaboração do modelo darwinista assumido por Spencer.

⁹⁴ Para Dewey (1916-1952, p. 75), *plasticidade* “[...] é a faculdade de reter e extrair da experiência anterior elementos que modificarão os atos subsequentes. Isto significa a capacidade de contrair hábitos e desenvolver determinadas atitudes”.

Desse modo se atuaria desde a infância para formação de atitudes, comportamentos e hábitos que adaptassem a criança de forma gradual à vida em sociedade. Isso poderia ser feito nas aulas de Educação Física, como visto, por meio dos jogos e brinquedos, em que as crianças teriam experiências que envolvem o trabalho coletivo, os sentimentos de pertencimento a um grupo e o respeito mútuo. A Figura 7 representa a idéia do trabalho em grupo, que deveria ser feito com as crianças.



Figura 7 - Brincadeira em grupo em uma aula de Educação Física
Fonte: *Revista de Educação Física*, n. 52, 1942⁹⁵

Silva (1936) finaliza o artigo destacando as funções da educação social e do indivíduo na sociedade. Nas palavras do autor, mais uma vez, percebe-se a presença das idéias presentes em Dewey (1916-1952), relativas à tentativa do filósofo e educador em conciliar os interesses pessoais e os sociais:

A educação social deve ter sempre em vista que a sociedade é uma organização que não existe separada dos indivíduos que a constituíram, mas consiste na sua vontade de se unirem e de se cooperarem para o bem comum. Os indivíduos não perdem liberdade e autonomia, e nem se transformam em autônomos dóceis e passivos: conservam e reforçam a sua personalidade. A educação da sociedade deve sempre ter em vista este princípio: o respeito e o favorecimento da personalidade (SILVA, 1936, p. 11).

⁹⁵ Essa imagem está publicada na *Revista* no artigo escrito por Idílio Abade denominado *Necessidade da Educação Física para firmar espiritual e fisicamente a personalidade da criança* (1952, p. 15).

A educação social preconizada por Silva (1936) propõe o respeito e o favorecimento da personalidade, da liberdade e da autonomia, assim como a educação proposta por Dewey (NUNES, 2000). Não haveria certa contradição em um militar, escrevendo para uma *Revista* oficial, divulgar esse tipo de concepção educacional?

A diferença está no sentido dado por Dewey a essas concepções e o sentido dado por Silva (1936). Em ambos, a idéia da formação de hábitos permite a conciliação entre o individual e o social e, nos dois autores, a educação social teria como foco a criança.

Em Silva (1936), a atuação sobre a criança é no sentido de adaptá-la ao modelo social em voga na época, e, em Dewey, essa atuação, na educação social da criança para formação de hábitos, encontra-se relacionada com sua concepção democrática de educação, em que a formação de hábitos permite que mudanças sociais ocorram, sem desordens, como observa Clarice Nunes (2000, p. 27), ao analisar o pensamento desse autor:

A concepção deweyana de democracia e mudança social está centrada na criança. Nessa perspectiva, o enraizamento e as direções que essa mudança assume estão postas na infância. Daí a importância social da educação e de seu caráter democrático, entendida como processo pelo qual os indivíduos desenvolvem um interesse pessoal nas relações sociais, na sua direção e na formação de hábitos que permitam mudanças sem que estas ocasionem desordens.

Em síntese, a análise das apropriações de concepções educativas de John Dewey, por autores que escreveram artigos sobre Educação Física escolar, indica que suas idéias foram utilizadas no sentido de articular ao ensino da Educação Física concepções da Pedagogia defendidas por esse autor. Essas concepções referem-se, principalmente, à importância dada por Dewey ao ensino prático, por meio da experiência, dos jogos e, ainda, a idéia de educação social, apropriada pelos autores da *Revista*, para enfatizar que caberia também à Educação Física contribuir para a educação no sentido social, por meio da formação de hábitos no educando, fundamentais à vida em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, que é continuidade do estudo realizado desde a iniciação científica, a partir da *Revista de Educação Física* (do Exército), conclui mais uma etapa. O mapeamento da produção sobre Educação Física escolar na *Revista* e a análise das apropriações de concepções pedagógicas de Jean-Jacques Rousseau, Edouard Claparède e John Dewey em seus artigos permitem que façamos considerações, mas apontam, também, a possibilidade de estudos que ainda estão para serem feitos na historiografia da Educação Física brasileira.

Os dados apresentados sobre a materialidade da *Revista de Educação Física* a caracterizam como um dos mais representativos periódicos da área, que circula de 1932 até a presente data (2007). As informações relativas à periodicidade, à longevidade, aos conteúdos publicados e às fontes iconográficas constituem-se em indícios para estudos posteriores, que privilegiem esse periódico como fonte. Ressaltamos, também, a importância de estudos – que ainda não foram realizados pela historiografia da área – que tomem a *Revista* em sua materialidade, com o objetivo de se fazer uma “arqueologia” desse objeto/fonte que influenciou e que influencia na conformação da Educação Física brasileira.

Uma das considerações que podem ser feitas com base no mapeamento aqui realizado é que a Educação Física escolar, na *Revista*, incorporou conhecimentos de diferentes campos, como a Pedagogia, a Psicologia, a Ginástica, a Antropometria, a Biotipologia e a Medicina, evidenciando um caráter multidisciplinar para essa disciplina no âmbito da escola. Pode-se dizer que o singular referencial teórico que sustentava as discussões sobre a Educação Física, como disciplina escolar, era multifacetado, formado por um entrelaçamento que se produzia entre esses diferentes campos.

Sobre o mapeamento da produção da Educação Física escolar, destacamos que ele constitui, também, uma possibilidade para estudos posteriores, sobre temas como metodologia, infância, Educação Física e esportes na escola, legislação referente à Educação Física escolar, conferências e congressos sobre Educação e Educação Física escolar, Educação Física e saúde, dentre outros.

O cotejamento entre as obras de Jean-Jacques Rousseau, Edouard Claparède e John Dewey — cujas idéias na *Revista* são representadas como relacionadas com um ideário escolanovista — e os artigos sobre Educação Física

escolar mostrou que os articulistas se apropriaram de idéias e concepções educacionais, presentes nas obras analisadas desses autores, ao escreverem “sobre” e “para” a Educação Física escolar.

Jean-Jacques Rousseau teve suas idéias sobre educação presentes na obra *Emílio* (1762-1992) — como a de um *corpo são e forte como meio para o desenvolvimento do espírito; a educação negativa; os sentidos como as portas de entrada para o conhecimento; a necessidade de conhecimento sobre a criança para melhor educá-la; o corpo forte tanto física quanto moralmente* — apropriadas pelos autores dos artigos no sentido de ressaltar a importância da educação do corpo e por meio do corpo e, conseqüentemente, para legitimar o lugar que a Educação Física deveria ter na escola.

A concepção de educação presente nos artigos analisados é a de que ela deveria ser a um só tempo tanto física, como intelectual e moral. A Educação Física contribuiria para a educação intelectual, uma vez que *o corpo é a porta de entrada para o conhecimento* e, também, para a educação moral, pois um corpo forte, saudável e disciplinado é forte também no sentido moral, por ser capaz de “obedecer” às “ordens” da “mente”. Esses foram os principais sentidos dados às concepções apropriadas de Rousseau.

Edouard Claparède também teve suas idéias apropriadas por autores de artigos que discutiam questões relativas ao ensino da Educação Física escolar. As principais idéias desse autor, presentes nos artigos analisados, são as da *utilização do jogo como meio de despertar e ao mesmo tempo atender às necessidades do educando; a classificação dos interesses da criança nas diferentes fases do seu desenvolvimento*. Os resultados dos seus estudos sobre as “crises” do crescimento físico e o desenvolvimento mental (*Lei das alternâncias*), que, na concepção do autor, indicavam *a necessidade de adaptação do trabalho intelectual ao trabalho físico* e, ainda, suas orientações sobre *a necessidade do conhecimento da evolução dos interesses da criança pelo educador* também foram apropriadas e usadas na elaboração dos artigos.

Podemos dizer que as idéias de Claparède foram utilizadas pelos autores dos artigos no sentido de inserir na discussão teórica sobre a Educação Física escolar os resultados de estudos feitos por esse autor na Psicologia experimental e suas concepções relativas a uma “educação funcional”, com o objetivo de que esses

conhecimentos sustentassem as orientações e prescrições de práticas corporais para o âmbito escolar, divulgadas em artigos da *Revista*.

Da Psicologia experimental a *Lei das Alternâncias* (quando a marcha do desenvolvimento físico acelera a do desenvolvimento mental diminui, e vice-versa) foi apropriada para enfatizar a necessidade de adaptação do trabalho mental ao trabalho físico, recomendação utilizada na *Revista* para argumentar em favor da necessidade de que a criança passasse por um período de adaptação (em escolas ao ar livre ou em jardins de infância), antes da entrada na escola primária e, também, para sugerir que o educador atentasse para as “crises” do crescimento físico, “tornando menos coercitivo” o trabalho mental durante esses períodos. Dos estudos do autor relacionados com a Psicologia experimental foi apropriada também sua classificação a respeito da evolução dos interesses da criança.

Das concepções de Claparède relativas a uma “educação funcional”, os articulistas que escreveram sobre Educação Física escolar se apropriaram das idéias relativas à “escola centrada no aluno”, “baseada no interesse do educando”, que tinha no jogo o ponto de partida para a educação da criança. As recomendações relativas à utilização do jogo, como método e como conteúdo das aulas de Educação Física escolar para as crianças, encontram-se, nos artigos analisados, em que esse autor foi citado, ancoradas na importância dada por Claparède à utilização do jogo pelo educador, como meio de “despertar o interesse”, “tornar o ensino atraente” e “atender às necessidades da criança”, necessidades de movimento, de ação, de “expandir-se”, “indispensáveis ao seu desenvolvimento físico e intelectual”.

John Dewey, apesar de ter sido pouco citado, teve suas idéias presentes, também, em artigos que não fizeram referência direta ao seu nome. Suas concepções sobre *interesse, educação social, articulação entre o conteúdo do ensino e a vida do educando, a relação entre experiência e aprendizagem, as articulações entre teoria e prática, a função da moral no processo educativo e a formação de hábitos* foram apropriadas pelos autores dos artigos que escreveram sobre Educação Física escolar e que buscaram, nesse autor, preceitos da Pedagogia que poderiam servir aos objetivos da Educação Física.

A importância dada por Dewey à experiência – que se relaciona com a idéia central em seu pensamento de articulação entre teoria e prática, expressa nas obras analisadas, nas recomendações do autor para que o ensino nas escolas relacione conteúdo e vida do educando e na idéia do interesse como “mola propulsora” para o

desenvolvimento da atividade – foi apropriada, para destacar, salientar, recomendar e prescrever os jogos como atividades mais apropriadas para o ensino da Educação Física escolar, sobretudo, para a Educação Física escolar infantil.

As concepções de Dewey relativas à função social da Educação que, em suas obras, se encontram nas suas discussões sobre a moral e sobre a formação de hábitos, foram utilizadas pelos autores dos artigos sobre Educação Física escolar, para justificar que a Educação Física contribuiria também para a educação moral, por meio do ensino à criança de hábitos necessários à vida social. Uma das formas pelas quais se teria a oportunidade de se “promover” a educação social seriam os jogos, representados como atividades em grupo, que envolvem cooperação, senso de coletividade e sentimentos, como a amizade.

É importante ressaltar que a idéia da formação de hábitos presente em Dewey foi apropriada, em outro sentido, pelos autores dos artigos sobre Educação Física escolar.

Para Dewey, a formação de hábitos na criança é o meio para que ela desenvolva o interesse pela coletividade e que cresça com esse sentimento, necessário à sua atuação futura, nas mudanças sociais desejadas pelo autor, relativas a uma sociedade mais democrática. Na *Revista*, a idéia da formação de hábitos é utilizada para a educação social da criança, no sentido de que ela se adequasse aos ideais da sociedade da época.

A apropriação de idéias ou concepções educativas desses autores, articulada à recomendação da utilização do jogo como conteúdo e como método nas aulas de Educação Física escolar, indica que essa atividade foi utilizada em dois sentidos: educação física e educação social, como sinônimo de moral. O jogo foi representado como atividade interessante por ter caráter recreativo – de acordo com as recomendações da Psicologia – como meio para o ensino da educação moral, pela formação de hábitos necessários à vida social e, ainda, para o melhoramento da saúde do educando.

A utilização da Educação Física, incluindo o jogo, para a educação do corpo, e a educação moral, articula-se a um projeto cultural mais amplo de formação integral do indivíduo. Esse projeto, durante as décadas de 1920 e 1930, representou a Educação como possibilidade de tornar o indivíduo saudável, disciplinado e produtivo, capaz de contribuir para o fortalecimento e o desenvolvimento do País.

Salientamos, ainda, o valor atribuído à experiência pelos articulistas que escreveram sobre Educação Física escolar. Nos artigos analisados e nas citações que foram feitas desses autores, fica evidente que o contato prático dos alunos com o exercício era representado como fundamental, e que a idéia norteadora dessa representação era do “aprender fazendo”, ou experimentando.

Com relação à Pedagogia, ela foi utilizada para conferir legitimidade às práticas realizadas em âmbito escolar. Nesse sentido, os autores analisados teriam sido usados taticamente,⁹⁶ de modo a contribuir, de alguma forma, com a estratégia⁹⁷ para consolidação do discurso da Educação Física como prática a ser inserida no âmbito escolar.

Entretanto cabe destacar a forma como esses autores foram utilizados pelos articulistas. No caso de Rousseau, os editores e autores utilizaram seus aforismos como recurso para a consolidação da Educação Física, representada como prática fundamental na instituição escolar.

Com relação à Claparède e Dewey, é importante atentar também para o fato de que suas idéias foram mobilizadas nos textos, pelos articulistas, sem a utilização de dispositivos textuais ou outras formas de modelização de leitura. Além disso, ressaltamos, também, a dificuldade na localização das obras de referência, nesses artigos, evidenciando que, ao contrário do que ocorria nos periódicos educacionais que também circulavam nesse período, a prática de recomendação de leituras não foi utilizada pelos editores e autores da *Revista*, pelo menos nos artigos sobre a Educação Física escolar.

Essas “tentativas” de inserção de conhecimentos da Pedagogia em propostas de práticas para a Educação Física escolar, podem ser vistas, também, na *Revista*, nas expressões “educação moderna”, “educação ativa” e “escola moderna” utilizadas pelos autores dos artigos analisados e que representam as apropriações desses autores de termos presentes, nos autores de referência e nas discussões educacionais do período, que foram amalgamadas e utilizadas pelos articulistas para se referirem ao ensino centrado no aluno, na escola “ativa” (prática), de acordo com

⁹⁶ Referimo-nos à noção de tática presente em Michel de Certeau. O autor define “táticas” como uma série de procedimentos que usam as referências de um lugar próprio (CERTEAU, 1994). Os movimentos táticos transformam o lugar próprio em espaços dinâmicos.

⁹⁷ Novamente recorremos a Michel de Certeau (1994, p. 99) para um entendimento da noção de estratégia como “[...] o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder [...] pode ser isolado”, ou como referente a um lugar de poder e querer próprios.

os preceitos da Psicologia e da Pedagogia que forneceriam a base tida como “racional” e/ou “científica” para a Educação Física escolar.

Assim, os autores dos artigos sobre Educação Física escolar fazem uso dos conhecimentos em voga, na época. Nesse caso, relacionados com o ideário escolanovista, de acordo com os interesses que possuem na escolarização dessa disciplina e, ainda, para fazer com que outros compartilhem das suas idéias.

Desse modo, as recomendações e/ou prescrições para a utilização do jogo nas aulas de Educação Física escolar são ancoradas teoricamente nas concepções pedagógicas presentes nos autores analisados, dando autoridade a esse discurso e, ao mesmo tempo, servem aos interesses internos dessa instituição militar, como a formação de hábitos como a disciplina. Assim, o jogo serviria, ao mesmo tempo, para formar hábitos e para tornar as aulas de Educação Física atraentes, recreativas, de acordo com as necessidades e os interesses físicos, psicológicos e sociais da criança.

Pode-se dizer, então, que a *Revista de Educação Física* constituiu uma das “portas de entrada” para a circulação de um ideário escolanovista na Educação Física brasileira que, à semelhança do que ocorria com os periódicos do campo da educação que também circulavam nesse período, tinha como objetivos tanto a formação de professores como a afirmação e a conformação da Educação Física no âmbito da escola, como disciplina.

Vale destacar, ainda, que as idéias de Alfred Binet, apropriadas pelos autores dos artigos analisados, ao contrário do que ocorreu na Educação, no período, não foram utilizadas no sentido de medir capacidades ou aptidões dos educandos, como foi feito com a utilização dos seus testes de inteligência por “escolanovistas” brasileiros. As idéias de Binet apropriadas nos artigos analisados se referem às suas investigações baseadas da Fisiologia, sobre as relações entre o crescimento físico e o desenvolvimento mental.

É importante salientar que, à semelhança do que também ocorria nos periódicos educacionais do período, na *Revista de Educação Física*, além da circulação de saberes representados como necessários à prática docente, associados ao ideário escolanovista, divulgava modelos de aulas de Educação Física, na seção *Lição de Educação Física*, que se aproximam mais do modelo pedagógico, em que a “cópia” de modelos é representada como condição

fundamental ao trabalho do professor. Nessa perspectiva, a *Revista de Educação Física* funcionaria também como “caixa de utensílios” para uso dos professores.⁹⁸

A divulgação de lições de Educação Física pode estar relacionada, ainda, com o objetivo de criação e circulação da *Revista de Educação Física*, qual seja, a divulgação do método francês, que apresentava modelos de aulas e programas de ensino para Educação Física destinada à escola.

Com referência à produção da historiografia da Educação Física brasileira, que utilizou a *Revista* como fonte,⁹⁹ pode-se dizer que uma informação encontrada em estudos anteriores, e aqui confirmada, apresenta outra interpretação para a análise das relações entre militares e civis, no que diz respeito à escolarização da Educação Física. Como visto, escreveram artigos sobre Educação Física escolar na *Revista* tanto autores militares – de diferentes patentes – quanto civis de diversas profissões, como médicos, professores, inspetores de ensino. Tal fato nos distancia das interpretações que consideraram os militares do Exército como os únicos responsáveis pela escolarização da área.

Outro dado importante sobre a participação de civis na produção da Educação Física escolar, que circulou por meio da *Revista*, é a presença de Idílio Alcântara Ababe, que era civil, como o autor que mais escreveu artigos sobre a Educação Física escolar, no período investigado.

Cabe destacar, também, que foram feitas, na *Revista*, tentativas de inserção no método francês – considerado por uma parte da historiografia da Educação Física brasileira como responsável pela “militarização da área” – de jogos, brincadeiras, rodas cantadas, aulas historiadas e dramatizações, atividades representadas como propostas “escolanovistas” de ensino.

Essas representações estão presentes tanto nas prescrições dessas atividades, nos artigos analisados, quanto em imagens que circulavam na *Revista*. Nas últimas, fica evidente a idéia da introdução de jogos e brincadeiras como conteúdos no método francês e também como método para as aulas.

Muitas questões ainda ficam abertas para outras pesquisas da área. Temas como: a presença de Rousseau, Pestalozzi, Fröebel, Claparède e Dewey, em artigos sobre campos de jogos, parques infantis, colônias de férias e escotismo; as

⁹⁸ Utilizamos a expressão “caixa de utensílios” no sentido que lhe é dado por Marta Carvalho (2001), como revista para uso de professores, com seções de “pedagogia prática” compostas por roteiros ou modelos de lições.

⁹⁹ Exceto o trabalho de Ferreira Neto (1999) e de Linhales (2006).

possíveis apropriações de concepções presentes em autores como Herbert Spencer, cujas idéias aparecem de forma implícita em alguns artigos analisados; as prováveis apropriações de outros autores localizados como de referência nos artigos sobre Educação Física escolar; as possíveis relações entre autores “escolanovistas brasileiros” e o Exército, no que se refere a um projeto para a inserção da Educação Física nas escolas brasileiras, no período. Todas essas questões podem ser pesquisadas tendo como objeto/fonte a *Revista de Educação Física* (do Exército), o periódico de maior longevidade da Educação Física brasileira.

Destacamos, ainda, o caráter vivo de idéias desses autores na Educação e na Educação Física escolar e das questões discutidas pelos articulistas, quanto à inserção da Educação Física no currículo escolar. Questões como: qual a função da Educação Física na escola? Como inserir a Educação Física na Educação infantil? Quais seriam os conteúdos mais apropriados para a Educação Física infantil? Como promover, nas aulas de Educação Física, a educação social e o ensino de bons hábitos? Seria essa a função da Educação Física na escola? Como tornar o ensino interessante e atraente para o educando? Como lidar com o ensino de crianças e adolescentes, quando eles “passam” por “crises” do crescimento? Como agir diante da “necessidade de movimento” das crianças em desenvolvimento e que precisam permanecer em sala de aula? Como trabalhar essas “necessidades de movimento” nas aulas de Educação Física? A escola de hoje discute essas questões? Essas são questões atuais que circundam uma disciplina que há tempos busca seu lugar na escola e que, ainda hoje, mostram a fragilidade de sua permanência nessa instituição.

REFERÊNCIAS

A ASSOCIAÇÃO de professores de educação física de São Paulo e suas atividades. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 31, p. 16-17, maio de 1936.

ABADE, Idílio Alcântara. A escola superior de educação física de São Paulo e sua escola de aplicação ao ar livre. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano X, n. 48, p. 24-27, set. 1941.

_____. Necessidade da educação física para firmar espiritual e fisicamente a personalidade da criança. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano X, n. 52, p. 14-16, abr. 1942.

_____. O primeiro ano da criança na escola e o seu crescimento físico. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, p. 13, maio 1933.

A CRIAÇÃO da Escola de Educação Física do Exército. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, p. 2-3, nov. 1933.

A EDUCAÇÃO física no Espírito Santo. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 10, p. 36-37, ago. 1933.

A EDUCAÇÃO física e a guerra – “Nossa capa” – **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XI, n. 53, p. 26, jun. 1942.

A ESCOLA de educação física do exército: uma das realizações da inteligência e da tenacidade brasileira. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano X, n. 49, p. 3-8, nov. 1941.

AGUILAR FILHO, Sidney; STORTO, Lúcia Helena. **A crise das oligarquias: movimento tenentista.** Disponível em: <http://www.libertaria.pro.br/brasil/capitulo5_index.htm>. Acesso em: 17 maio 2007.

AROEIRA, Kalline Pereira. **Currículo e formação docente em periódico de educação física:** trilhando algumas questões da identidade do professor. 2004. 366 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

AS ATIVIDADES da divisão de educação física do ministério de educação. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 39, p. 28, jun. 1938.

BASTOS, Maria Helena Câmara A imprensa periódica educacional no Brasil (1808-1944). In: CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena Camara. (Org.). **Educação em Revista.** A imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 173-187.

BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. **Ser forte para fazer uma nação forte: a educação física no Brasil (1932-1945)**. 1991. 244 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

BERMOND, Magda Terezinha; FERREIRA NETO, Amarílio. Revista de Educação física: uma análise do processo de ensino na seção lição de educação física (1932-2002). In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 13., 2003, Vitória. **Caderno de Resumos**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2003. p. 42.

BIBLIOTECA DA DEFESA NACIONAL. **Regulamento de Educação Física** (1ª parte). Rio de Janeiro, 1934.

BICCAS, Maurilane de Souza Biccass. **O impresso como estratégia de formação de professores(as) e de conformação do campo pedagógico em Minas Gerais: o caso da Revista do Ensino (1925-1940)**. 2001. 311 f. Tese (Doutorado em História da Educação e Historiografia) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. O impresso pedagógico como objeto e fonte para a história da educação de Minas Gerais: Revista do Ensino (1925-1940). In: ARRUDA, Maria Aparecida; MORAIS, Christiani Cardoso Moraes; PORTES, Écio Antônio. (Org.). **História da educação: ensino e pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 71-106.

BONORINO, Laurentino Lopes. Fernando de Azevedo e a educação física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 6, [s.p.], mar. 1933.

CALMON, Pedro. Uma política de cultura! **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 40, p. 1, jul. 1938.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Psicologia e educação nas primeiras décadas do século XX: o diálogo com pioneiros na França e na Suíça, o olhar sobre a cultura brasileira**. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 28., 2005, Caxambu, MG. **Anais da 28a. Reunião Anual da ANPED**. Caxambu, MG: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação, 2005. p. 1-20.

CANTARINO FILHO, Mario Ribeiro. **A educação física no Estado Novo: história e doutrina**. 1982. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília, 1982.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Estratégias textuais e editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil: uma perspectiva. In: GVIRTZ, S. (Org.). **Escuela nueva en Argentina y en Brasil**. São Paulo: Mino y Davila, 1996. p. 59-71.

_____. A escola nova e o impresso: um estudo das estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Modos de ler formas de escrever: estudos de história da leitura e escrita no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p. 67- 86.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A caixa de utensílios e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo (Org.). **Brasil 500 anos: tópicos em história da educação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 139-167.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Reforma escolar, pedagogia da escola nova e usos do impresso. **Contemporaneidade e Educação**, Rio de Janeiro, 2000. v. 7, p. 71-92.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; NUNES, Clarice. Historiografia da educação e fontes. In: GONDRA, José Gonçalves (Org.). **Pesquisa em história da educação no Brasil**, Rio de Janeiro, 2005. p. 17-62.

CASTELLO BRANCO, Pacifico. Educação física e educação intelectual. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 7, p. 43, abr. 1933.

CATANI, Denice; SOUSA, Cynthia Pereira de. **O catálogo da imprensa periódica educacional paulista (1890-1996)**: um instrumento de pesquisa. In: _____ (Org.). **Imprensa periódica educacional paulista (1890-1996): catálogo**. São Paulo: Plêiade, 1999. p. 9-30.

CATANI, Denice; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPEd (1985-2000). **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 113-128, jan./abr. 2002.

CAVALCANTI, Newton. Unidade de doutrina. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, [s. p.], jun. 1932.

CAVALCANTI, Z. L. A mulher em face da guerra. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XI, n. 53, p. 11-12, jun. 1942.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1988.

_____. **A beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

CHAVES, Miriam Waidenfeld. A Revista Escola Argentina: reflexões sobre um periódico escolar nos anos 20 e 30. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas - SP: Autores Associados, n. 6, jul./dez. 2003.

_____. Um estudo sobre a cultura escolar no Rio de Janeiro dos anos 1930 pelas lições de história. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas - SP: Autores Associados, n. 11, jan./jun. 2006.

CLAPARÈDE, Edouard. **Psicologia da criança e pedagogia experimental**. Tradução de Aires da Mata Machado Filho e Turiano Pereira. São Paulo: Editora do Brasil S.A, 1956.

_____. **A educação funcional**. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 1958.

CLAPARÈDE, Edouard. **A escola sob medida**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

COSTA, Albino Manoel da. A psicologia e o ensino da educação física infantil. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XVIII, n. 64, p. 5-8, [s. m.] 1950.

COSTA, Haydée Coutinho da. Valor educativo dos jogos. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 10, p. 9, ago. 1933.

DEWEY, John. **Democracia e educação**. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952.

_____. **Vida de educação**. Tradução de Anísio Teixeira. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FERREIRA NETO, Amarílio. **A pedagogia no Exército e na escola: a educação física brasileira (1880 – 1950)**. Aracruz - ES: FACHA, 1999.

FERREIRA NETO, Amarílio; MAIA, Ediane de Melo; BERMOND, Magda Terezinha. Revista de Educação Física: ciclo de vida, seção unidade de doutrina e lição de educação física (1932-2002). **Movimento - Revista da Escola de Educação Física**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 91-118, jun. 2003.

_____. Atualidade da pesquisa histórica na educação física. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). **Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**, Campinas - SP: Autores Associados, 2005. p. 127-153.

FIGUEIREDO, Dinaldo Sabino de. Editorial. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 131, p. 1, ago. 2005.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Schwarcz, 2000.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na revista Educação Physica**. 1999. 187 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____. **O método francês e a educação física no Brasil: da caserna à escola**. 1992. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

HORTA, Jose Silvério Baía. **O hino, o sermão e a ordem do dia**: regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

KONDER, Alexandre. Esporte, arma de guerra. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano X, n. 52, p. 3, abr. 1942.

LIMA, Magali Alonso de. **O corpo no espaço e no tempo**: educação física no Estado Novo (1937-1945). 1980. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Estudos Avançados em Educação. Departamento de Filosofia da educação. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1980.

LINHALES, Meily Assbú. **A escola, o esporte e a “energização do caráter”**: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

LOPES, Sonia de Castro. Arquivos do Instituto de Educação: suporte de memória da educação nova no Distrito Federal (anos de 1930). **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas - SP: Autores Associados, n. 9, jan./jun. 2005.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Educação e cultura Física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 7, p. 5-6, abr. 1933.

LUGLI, Rosário S. Genta. As representações dos professores primários: estratégia política e formação de habitus professoral. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas - SP: Autores Associados, n. 9, jan./jun. 2005.

MARGOTTO, Lilian Rose. **A psicologia chega à escola**: o saber psicológico nos periódicos educacionais (São Paulo – 1890-1930). 2000. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MARUYAMA, Natália. **A concepção educação negativa em J.-J. Rousseau**. Disponível em: <[http://www.prograd.ufpr.br/nese/artigos/Natalia Rousseau e a educação negativa.doc](http://www.prograd.ufpr.br/nese/artigos/Natalia_Rousseau_e_a_educacao_negativa.doc). htm>. Acesso em: 30 jul. 2006.

MARTINS, Ivanhoé Gonçalves. A defesa de Georges Demeny: insincero ou não? **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, [s. p.], jun. 1932.

_____. Educação Física Infantil. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 7, p. 35-36, abr. 1933a.

_____. Educação sensorial. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, p. 26-27, maio, 1933b.

O MÉTODO francês em face da criação de outros métodos adaptáveis ao Brasil. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XV, n. 58, p. 2-4, abr. 1948.

MOREIRA, Carlos Otávio Fiúza. **Entre o indivíduo e a sociedade**: um estudo da filosofia da educação de John Dewey. Bragança Paulista - SP: Editora da Universidade São Francisco, 2002.

MORILA, Ailton Pereira. No compasso do progresso: a música na escola nas primeiras décadas republicanas. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas - SP: Autores Associados, n. 12, jul./dez. 2006.

NARODOWSKI, Mariano. **Infância e poder**: conformação da pedagogia moderna. Tradução de Mustafá Yasbeb – Bragança Paulista: Editora Universidade São Francisco, 2001. (Coleção Estudos CDAPH. Série Historiografia).

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. Educação e civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930). **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas - SP: Autores Associados, n. 7, jan./jun. 2004.

NEITZEL, Fernanda Mutz. **Ciência, método e “didáticas” na Educação Física brasileira (1932-1959)**. Relatório Final de Iniciação Científica; PIBIC-CNPq-UFES. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007. No prelo.

NUNES, CLARICE. Anísio Teixeira entre nós: A defesa da educação como direito de todos. **Educação & Sociedade**, Campinas - SP: Centro de Estudos Educação e Sociedade - Cedes, n. 73, dez., 2000.

NUNES, Danilo da Cunha. A educação física e a guerra. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XI, n. 53, p. 24-26, jun. 1942.

_____. Os atletas e a guerra. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XI, n. 54, p. 6-8, ago. 1942.

OLINTO, Plínio. Fadiga física e psíquica. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, p. 17-18, nov. 1933.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. **A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência cotidiana de professores da rede municipal de ensino de Curitiba**: entre a adesão e a resistência. 2001. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINHEIRO, João Ribeiro. A inquietação espiritual e a educação física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 5, [s. p.], fev. 1933.

PRIMEIRA PALESTRA realizada durante o curso de inspetores de ensino, sobre a educação física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 42, p. 55-56, set. 1938.

RAMALHO, Sette. A Escola de Educação Física do Exército e a guerra. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano X, n. 55, p. 4, out. 1942.

RAMOS, Jair Jordão. Escola de Educação Física do Exército: resumo histórico e organização geral. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XX, n. 71, p. 3-6, out. 1952.

RODRIGUES, Mario de Queiroz. A educação física feminina na escola Paulo de Frontin. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 6, [s. p.], mar. 1933.

ROLIM, Inácio de Freitas. Jogos. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, p. 3-5, maio 1933.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. **Emílio ou Da Educação**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1992.

SAMPAIO, Moacir. A educação física e a guerra moderna. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano X, n. 55, p. 27, out. 1942.

SANT'ANNA, Eulidio Reis de. De volta! **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XV, n. 56, p. 1, nov. 1947.

SANTOS, Wagner. **Currículo e avaliação na educação física: do mergulho à intervenção**. Vitória: Proteoria, 2005.

SCHNEIDER, Omar. **A revista educação física (1932-1945): estratégias editoriais e prescrições educacionais**. 2003. 344 f. Dissertação (Mestrado em Educação: História Política e Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

SEGUNDA conferência realizada pela Divisão de Educação Física para inspetores e ensino. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 43, p. 36, out. 1938.

SILVA, Valdemar de Lima. Princípios pedagógicos. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 30, p. 11, mar. 1936.

SILVA, Vivian Batista da. Uma história das leituras para professores: análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971). **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas - SP: Autores Associados, n. 6, jul./dez. 2003.

SOEIRO, Renato de Souza Pinto. **A contribuição da Escola de Educação Física do Exército para o Esporte Nacional (1933-2000)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciência de Motricidade Humana) - Universidade Castello Branco, Rio de Janeiro, 2003.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Coleção atualidades pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)**. 2001. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

VAGO, Tarcísio Mauro. Educação física na Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1935): organizar o ensino, formar o professorado. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas - SP: Autores Associados, n. 11, jan./jun. 2006.

VAZ, Maria Jacy Nogueira; STRAMANDINOLI, Cecília. Programas de “educação física” para o jardim de infância e escola primária, secundária, comercial e superior. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XV, n. 56, p. 35-39, nov. 1947.

APÊNDICE A – Artigos sobre Educação Física escolar (décadas de 1960, 1970, 1980, 1990 e 2000).¹⁰⁰

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES NA ESCOLA				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
O sentido espiritual da educação física	PEREGRINO JÚNIOR	70	Afrânio Peixoto Taparelli Unamuno	
Princípios de educação física desportiva generalizada	LISTELLO, A	72	Basquet C. L. Brownel J.F. Williams Marco Aurélio Van Blijenburg	
A educação desportiva	PEREIRA, Mario Muniz	94		
Manifesto sobre o desporto: documento do comitê do conselho internacional de educação física	NOEL–BAKER, Philip	96		
Condições de preparo de equipes colegiais para competições interescolares.	PEREZ, Sandra Maria; ROSE JÚNIOR, Dante; BONJARDIM, médio	106		ALMEIDA, M. A. F. Orientação Alimentar. Resumos do IV Simpósio de Esportes Colegiais. São Caetano do Sul, 1976 MATSUDO, V. K. R. Organização de competições Interescolares. Apresentado no III Simpósio de Esportes Colegiais. São Caetano do Sul, 1975
Esporte para a criança	PASCHOAL, José Ricardo	115	Hettinger Hollmann Kirstein	Apostilas de treinamento desportivo e recreação da Escola de Educação Física do Exército GAYA, Adroaldo. Bases e métodos do treinamento físico-desportivo MELLEROWICZ; MELLER. Bases fisiológicas do treinamento físico Observação do simpósio de medicina esportiva aplicada à Educação Física e Desportos. Recife, 1984

LEGISLAÇÃO REFERENTE À EDUCAÇÃO FÍSICA				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
A educação física e a escola	CALDAS, Paulo Roberto Laranjeira	98		
Editorial	GAY, Alzir Nunes	102		

¹⁰⁰ Os títulos dos artigos, os nomes dos autores e obras localizados foram mantidos conforme o texto original.

CONFERÊNCIAS E CONGRESSOS SOBRE EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
TRABALHOS do II congresso luso-brasileiro de educação física (9-13 de agosto de 1963)	Não assinado	94		
EDUCAÇÃO física através do mundo: reportagem sobre o III congresso luso brasileiro de educação física	Não assinado	96		

MEDICINA				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
Estudos para implantação de um modelo de serviço de medicina desportiva	SANTOS, Luiz dos	101		

EDUCAÇÃO FÍSICA E PSICOLOGIA				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
Apontamentos sobre "maturidade e exercício"	LOURENÇO FILHO	73	Adams Arnold Gesell Charmichael Gesell Hil Gard Humphrey Strayer	
A infância, a adolescência e a formação do caráter.	RAPOSO, Jair G. A	86	Binet Walon Heyman Jung Kirke Gaard Klages Larsh Lorenzini Otto Gross Renée Le Senne W. James Wiersma	
Os sentimentos	TEIXEIRA, João Pires	89	Bacon Baudin Miranda Santos Spencer	

EDUCAÇÃO FÍSICA E PSICOLOGIA				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
Psicomotricidade e reeducação psicomotora pelo exercício físico	PACHECO, Paulo Roberto	117	Dupre Gourevitch Kretsmer Ozretski Spitz	BRUZAFERRO, N. F.; LIPPI, J. R. S. – “Psicomotricidade” – A Folha Médica – SMCRJ – 1973 ESPINAS, T. F.; CARRIC, J. C.; MASSON, S. – <i>Reéducation Psychomotrice et Activites Physiques – Medicine du Sport</i> – 1981 FERREIRA, S. S. P. – “Importância do professor de Educação Física da evolução psicomotora da criança” – SPRINT – ANO IV – N. 2 FRACCAROLI, T. L. – Revista de Educação Física da EsFEEx – nº 104 – 1978 SPITZ, R. A. – “A formação do ego: uma teoria genética e de campo” SPITZ, R. A. – <i>El primer año de vida del niño</i> WINNICOTT, D. W. – O brincar e a realidade – Imago Editora Ltda. 1975 WINNICOTT, D. W. – Da pediatria à Psicanálise – Editora Francisco Alves – 1982 Educação Física para o excepcional – Ministério da Educação e Cultura – Secretaria de Educação Física e Desportos – 1982 “Escola Brasileira de Psicanálise e Etologia” – Notas de aula – 1985- 86

EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
Educação física meio ou fim	TUBINO, Manoel José Gomes	100	Coubertin Demeny Hébert Tissié	CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Exposição dos delegados de 40 países participantes. Bruxelas. 1973 DUFOUR, W. – Exposição de abertura – do Congresso Mundial de Bruxelas – Boletim de <i>Fédération Internationale Éducation Physique</i> . Lisboa. V. 43, n. 38, p. 13. 1973 RAMOS, Jair Jordão. Panorama Mundial de educação física e outros assuntos. Educação Física, Rio de Janeiro, n. 19, Museu de Educação Física, 1971 SEURIN, P. <i>L'éducation physique dans le monde</i> . Bourdeaux, Editions Biènnre, 1961 TUBINO, M. J. G. As tendências internacionais da Educação Física. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, MEC, Brasília, n. 26, p. 7-11, 1975

EDUCAÇÃO FÍSICA e HISTÓRIA				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
História do treinamento físico e desportivo	DIAS, Armando Alkmim	104		
Os exercícios físicos no tempo e no espaço	RAMOS, Jayr Jordão	106	Basedow Comenius F. Bacon Fénelon Goethe Guts-Muths Hoffmann John Locke Montaigne Mul Caster Pestalozzi Rabelais Rousseau Thomas Morus Vives	Pestalozzi: Leonardo e Gertrudes e Como Gertrudes educa seus filhos
Os exercícios físicos no tempo e no espaço	RAMOS, Jayr Jordão	107	Adamson Amoros Arndt Astrand Basedow Beckmann Bob Holffmann Bode Boigey Cagigal Colombo Cooper Dalcroze Delsarte Demeny Dikson Dureyckov Dürre Eiselen Faulkes Flaubert Friesen Frutov Gasset Gaulhofer Georges Hébert Gerschler Gösser Groll Guts-Muths Hannebuth Havard Herbert Spencer Hettinger Holner Isadora Duncan Jahn Karl Diem La Grange Laban Lamartine Lartigue Lauri Pihkala Le Boulch Ling Listello Locke Lutenov Lydiard	Documentos: Manifesto Mundial de Educação Física (FIEP, 1971) Manifesto sobre o Desporto (UNESCO-CIEPS, 1965) Discurso de René Maheu (XX Olimpíada – Congresso Mundial da Ciência e do Desporto, Munique 1972) Informe Final da Conferência de Ministros e Dirigentes do Desporto (UNESCO, Paris, 1975) Manifesto do Fair-Play (CIEPS, 1976) Carta Internacional da Educação Física e Desportos (UNESCO) Carta Européia de Desportos Para Todos (1975) <i>Citius, Altius, Fortius</i> (revista espanhola, no campo da História) DECKER, R.; DUFOR, W.; SEURIN, P. <i>Bulletin de la FIEP e La Gymnastique Volontaire</i> , 1976; DIEM, K. <i>Historia de los Desportes</i> , 1996 LANGLADE, A.; LANGLANDE, N. R. <i>Teoria Geral de la Ginásia</i> , 1970 LANGLADE, A. <i>Les Plus Graves Problèmes de L'Education Psysique et du Sport em Occident</i> , 1962 D'OLIVEIRA, A. L. <i>Conceptions Générales de L'Education Psysique es du Sport em Occident</i> , 1962 SEURIN, P. <i>L'Education Psysique dans le Monde</i> , 1961 ACCIOLY, A. R.; Marinho, I. P. História e Organização da Educação Física e dos Desportos, 1956 PEREIRA, C. F. M. Tratado de Educação Física, 1960 RAMOS, J. J. A moderna ginástica sueca, 1967

EDUCAÇÃO FÍSICA e HISTÓRIA				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
Os exercícios físicos no tempo e no espaço	RAMOS, Jayr Jordão	107	Marey Margaria Martinet; Mary Wigmann Massmann Maurice Basquet Medau Mihaly Igloi Miroslaw Morgam Müller Mustrand Nachtgall Napoléon Laisné Noverre Ortega Pachon Parlebas Philip Noel Baker Piernavieja del Pozo Pierre de Coubertin Pierre Seurin Rabelais Raoul Mollet Reindell René Maheu Rhyming Riaux Rosckmann Rothstein Rousseau Ruffier Salzamann Schimidt Slama Spiess Stampfl Streicher Thomas Arnold Tissié Tyrns Vieth Weightt	RAMOS, J. J. Alguns aspectos dos exercícios físicos na História e na Arte, 1969 RAMOS, J. J. Pontos de História dos Exercícios Físicos, 1971 RAMOS, J. J. Os Jogos Gregos e as Olimpíadas Contemporâneas, 1976 SILVA, J.; PENNA, J. B. D. História Geral, 1970

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
As lutas e a educação física escolar	FERREIRA, Heraldo Simões	135	Alves Júnior Croucher Daolio Ghirardelli Kishikawa Lee Musashi Reid Sugai	BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais (PCN's): Educação Física. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, 1998 Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), 2002 ALVES JÚNIOR, ED. In: GUEDES, OC (org). Judô: evolução técnica e competição. João Pessoa: Ed Idéia, 2007, p. 73-91 DAOLIO, J. Educação Física. Campinas, SP: Autores Associados, 2004 FUNAKOSHI. O meu primeiro ano de vida. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003 KISHIKAWA, JSH. Pensamentos de um samurai moderno. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003 GHIRARDELLI PJ. Educação física progressista. São Paulo: Ed Loyola, 1997 MUSASHI M. O livro dos cinco anéis: o clássico guia de estratégia. São Paulo: Ed Masdras, 2000 REID H, CROUCHER M. O caminho do guerreiro, o paradoxo das artes marciais. São Paulo: Ed Cultrix, 2000 SUGAI VL. A arte da estratégia. São Paulo: Ed Sapienzia, 2003 TZU S. A arte da guerra. 16ª ed. Rio de Janeiro: Ed Record, 1995 YUZAN D. O código samurai. São Paulo: Ed Masdras, 2003

APÊNDICE B – Artigos sobre Educação Física escolar (décadas de 1930,1940 e 1950)¹⁰¹

EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL e JOGOS				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
Educação física infantil	MARTINS, Ivanhoé Gonçalves	2	Manoel Bonfim Rousseau	
Os jogos infantis	GONSAGA, Otávio	20	Jean Paul Maurício Fleuri Rousseau Willington	
Programas de “educação física” para o jardim de infância e escola primária, secundária, comercial e superior	VAZ, Maria Jacy Nogueira; STRAMANDINOLI, Cecília	56	Claparède Dufestel Gross Lourenço Filho Luckey	

MEDICINA E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
SEDENTARIEDADE	Não assinado	3	Boigey Larrouse Roux Spencer	
Educação: de como póde a medicina moderna influir para a melhoria da sociedade	STOFFEL, Floriano	6	Descartes Freud Krestschmer Pende Pinkevich Pitigrilli Porto Carrero Rocha Vaz Berardinelli	
Exercício físico, agente profilático e terapêutico	MARTINS, Bráulio D.	12	Boivin F.Bouchard F. Heckel Heckel F. Humber J. Leray Marcel Labé Pazin R. Boulin	
O controle médico da educação física em suas relações com a biotipologia e a endocrinologia	STOFFEL, Floriano	31	Bárbara Viola, Pende Rocha Vaz.	

¹⁰¹ Os títulos dos artigos, os nomes dos autores e obras localizados foram mantidos conforme o texto original.

MEDICINA E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
O exame médico na educação física da criança, pelo método francês	RAMALHO, Sette.	33	Binet; Dufestel Gourdon	
CONT. DA 1ª conferencia realizada pela divisão de educação física para os inspetores de ensino	Não assinado	43	Jahn Ling	
A saúde das crianças das escolas brasileiras pelo prof. Idílio Alcântara (inspetor regional de educação física do estado de São Paulo)	ALCÂNTARA, Idílio	45	Binet Dally Fernando de Azevedo. Genevrier Gley Henri Jaussens Mosso Nery Speck V. Laprade	

CONFERÊNCIAS E CONGRESSOS SOBRE EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
1º PALESTRA realizada durante o curso de inspetores de ensino, sobre a e. física	Não assinado	42	Aléxis Canel Fernando de Azevedo Jean Demoor Pestalozzi Rui Barbosa	<i>Antinoüs</i> Fernando de Azevedo.
SEGUNDA conferencia realizada pela divisão de educação física para os inspetores de ensino	Não assinado	43	Guths Muths Luiz Bisquett. Müler; Platão Sptitzy	
PRIMEIRO congresso paulista de educação física	Não assinado	48	Viola.	

PROFESSORES E INSTRUTORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
Aos instrutores de educação física	ROLIM, Inácio F.	14	Fernando de Azevedo Pestalozzi	
A ASSOCIAÇÃO de professores de educação física de São Paulo e suas atividades	Não assinado	31	Fernando de Azevedo	

EDUCAÇÃO FÍSICA E PSICOLOGIA				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
O primeiro ano da criança na escola e o seu crescimento físico	ABADE, Ilidio Alcantara	8	Claparède	
OBJETIVOS psicológicos na educação física	Não assinado	23	G. Stanley Hall	
A educação física elementar sob o ponto de vista da caracterologia	RAMOS, Artur	33	Decroly Gross Lewin Mallart y Cutó Melaine Kleiw Mon Champs Pètre-Lazer Thooris	
A educação física sob o ponto de vista psicológico: orientação colhida na obra de Lafarge e Nayrac.	FREITAS, Airton Salgueiro	39	Dougall Lagouve Marey Rousseau	
Necessidade da educação física para firmar espiritual e fisicamente a personalidade da criança	ABADE, Adílio Alcantara	52	Barnés Binet Claparède Dewey Djacir Menezes Erisman Geissler Godin Key Lange Ley Niceforo Pizzoli Rousseau Wellington	Pedagogia de "Djacir Menezes" Publicado por: Alonso Muñoyerro, Nicolau Martins e Sainz de Los Terreros
A educação física no colégio militar	COSTA, Albino Manoel da	62	Nicanor Miranda	CLAPARÈDE, Edouard. Psicologia da criança e pedagogia experimental Regulamento n. 7 (1ª parte)
A psicologia e o ensino da educação física infantil.	COSTA, Albino Manoel da	64	Bühler Claparède Freud Harriet Mutchell J. Joen J. Peinado Koffka Locke Mira y Lopez Nietzsche Pestalozzi Piaget Rousseau Silvio Rabelo Spencer Stern Theobaldo Miranda Thorndyke Vermeyleylen Wallon	Psicologia da criança de Teobaldo Miranda Santos Autores consultados: Nicanor Miranda; Alberto Feliciano Marques Pereira, Inezil Pena Marinho, Celina Figueira da Mota, Íris Costa Novais, Silvio Rabelo, Horácio Godoy Iluiz, A. da Silva Melo Claparède, Mira y Lopez, G Vermeyleylen, K. Koffka

ANTROPOMETRIA				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
Determinação da idade fisiológica das crianças pelos dados antropológicos registrados graficamente: método brasileiro	RAMALHO, Sette	32	Godin Houdré	

BIOTIPOLOGIA				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
Biotipologia	STOFFEL, Floriano Peixoto Martins	37	Giacinto Viola	

EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
Fernando de Azevedo e a educação física	BONORINO, L. Lopes	6	Fernando de Azevedo	"Novos Caminhos e Novos Fins" Fernando de Azevedo
Educação e cultura física	LOURENÇO FILHO	7	Eugen Mathias Gutsmuths	
Educação física e educação intelectual	CASTELLO BRANCO, Pacifico	7	Berthold Binet Comte Crisipe Demoor Eurípides Goethe La Brujere Fenelon Quetelet LipskaLibrach Milon Pitágoras Platão Porter Rousseau Ticockeon Voltaire Warner	<i>Emílio de Rousseau</i>
Um problema da máxima importância para nossa nacionalidade	STOFFEL, Flaviano.	30	Lourenço Filho Souza Ferraz	
A EDUCAÇÃO física	Não assinado	69	Rousseau Unamuno	

EDUCAÇÃO FÍSICA E PEDAGOGIA				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
A pedagogia e a educação física	PINHEIRO, João Ribeiro	6	John Dewey Hart	

RELATOS SOBRE EXPERIÊNCIAS COM A EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLAS				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
A educação física feminina na escola Paulo de Frontin	RODRIGUES, Mario de Queiroz	6	Dalcroze Irene Popard.	<i>Education et Harmonie des Movements</i> - Demeny; <i>L'Education Physique Feminine</i> - M. Boigey
A escola superior de educação física de São Paulo e sua escola de aplicação ao ar livre	ABADE, Idílio Alcântara	48	Coelho Neto Rousseau.	
A educação física no colégio militar	COSTA, Albino M	62	Claparède Lafarge; Nicanor Miranda; Rego Barros.	Capítulo V do Boletim de Educação Física n. 8, 1943 CLAPARÉDE, Edouard. Psicologia da criança e pedagogia experimental; Apontamentos das aulas de Psicologia do Dr. Rego Barros MIRANDA, Nicanor. Técnica do Jogo Infantil Organizado Regulamento n. 7, 1ª parte (p. 7 e 8)

MÉTODO FRANCÊS				
Artigo	Autor	Revista N.	Autores citados no texto	Referências/bibliografia
A defesa de Georges Demeny: insincero ou não?	MARTINS, Ivanhoé Gonçalves	2	Champtassin Costes Georges Demeny La Grange Ling Marey Tissié	
Importância da educação física para um povo: o método adotado.	MOLINA, Antônio de Mendonça	3	Amoros Bellin du Coteau Demeny Hebert La Grange Ling Marey	
Comparando...	MARTINS, Ivanhoé Gonçalves	9	Champtassin Claude Bernard Demeny G. Besnard Ling Ludwig Chauneau Kafmam	
Estilização do método francês. Como fazê-la, em relação à educação física feminina, nos estabelecimentos de ensino secundário	ABADE, Ilídio Alcântara	31	J. A. Barré.	
O MÉTODO francês em face da criação de outros métodos adaptáveis ao Brasil: contribuição da E.E.F.E., ao congresso de educação física realizado no estado de São Paulo, pela associação de professores de educação física desse estado, em 1947	Não assinado	58	Balla Dearborn Binet Carrel	

